

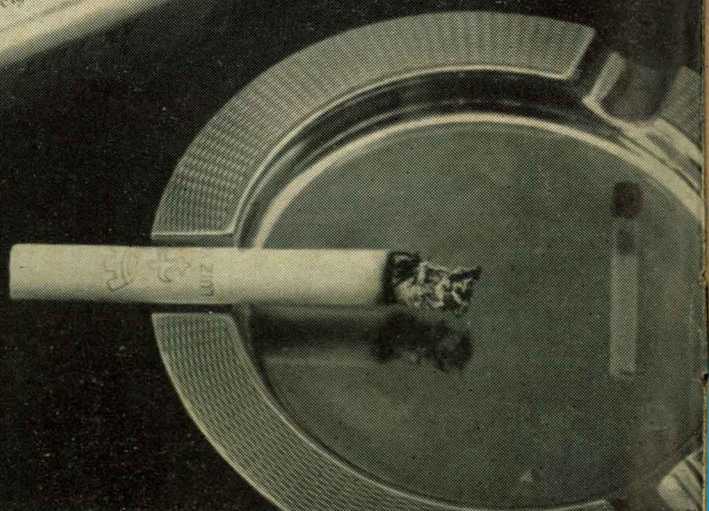
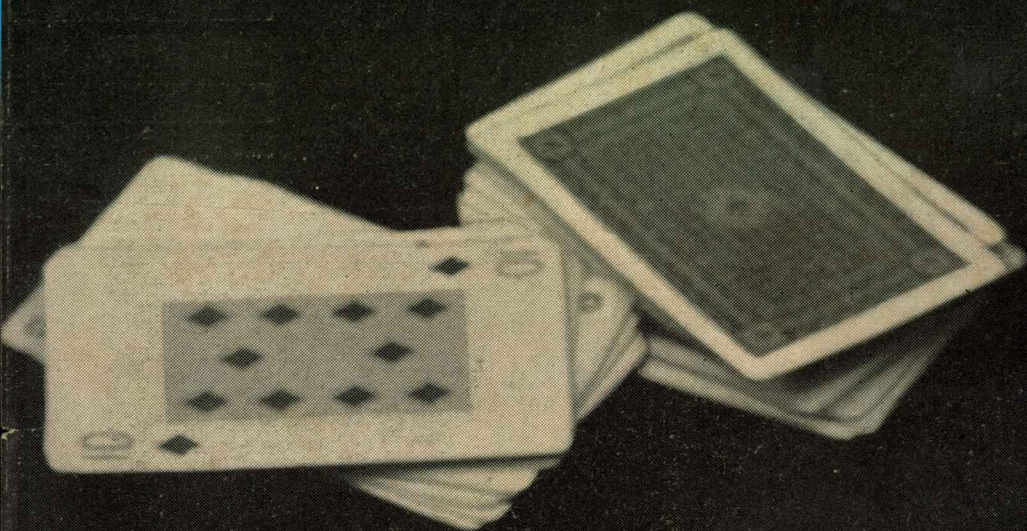
ALTEROSA

Antonio Henriquez

NOVEMBRO • 1961

CrS 35,00





cigarros

LUIZ XV

o requinte de ontem para uma elite de hoje

CIA. DE
CIGARROS
SOUZA CRUZ

APCBH//C16/X-58
1962.11



*Quando você está a um passo
do diploma e das solenidades
da colação de grau...*

EMPRÉSTIMO FAMILIAR

é a grande solução para suas despesas de formatura

Desde o princípio do ano, a turma que se vai formar começa a pensar nas despesas que se aproximam: o álbum de formatura, o quadro de formandos, as solenidades, o anel de grau, além dos gastos necessários ao estabelecimento da vida profissional - despesas que você não pode deixar de fazer. Afinal de contas, é uma grande alegria para você que vai receber seu diploma. E dinheiro para tudo isso?

Não se preocupe. O Empréstimo Familiar - iniciativa pioneira* do Banco da Lavoura, desde 1925 - foi criado exatamente para atender a essas despesas incontornáveis! Faça uma visita a qualquer uma das agências do Banco da Lavoura e venha conversar conosco sobre o Empréstimo Familiar! E lembre-se: você não precisa gastar suas economias em emergências. Em casos assim, utilize o seu crédito no Empréstimo Familiar. Você pode contar com ele!



EMPRÉSTIMO PARA FÉRIAS

Para as despesas de viagem, como passagens, hotel, roupas, etc.



EMPRÉSTIMO PARA CONSERTOS

Para as despesas com a reforma da casa, dos móveis, de aparelhos domésticos, etc.



EMPRÉSTIMO ENFERMIDADE

Para as suas despesas com médico, remédios, casa de saúde, etc.

*Já em 1925, logo após a sua fundação, o Banco da Lavoura se impôs como varejista de crédito, realizando um grande volume de pequenos empréstimos de até 200 ou 300 mil réis, destinados, em sua maior parte, a resolver os problemas solucionados pelo Empréstimo Familiar.



Banco da Lavoura — um amigo em toda parte
DE MINAS GERAIS, S.A.

ALTEROSA

A revista da família brasileira

ANO XXIII

Nº 347

Propriedade da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento

Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —

End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

* * *

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e Castro, diretores.

REDAÇÃO: Cristiano Linhares, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa, Cosette de Alencar, Leonor Telles e e Maria Lysia.

REPORTAGEM: André F. de Carvalho, Aristides Roriz, Dário Carrera Justo, Fernando P. Lima, Geraldo Vieira, M. A. Camacho, Nely Burnier Coelho, Nivaldo Correa, Osvaldo Profeta, Pepito Carrera, Ponce de Leon, Roberto Drummond, Walter José Faé e Wilson Frade.

REVISÃO: Cléia Dalva M. Ramos, chefe; Stella Dalva Taveira.

ARTE: J. C. Moura e Jarbas Juarez Antunes.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em Paris; Orlani Cavalcanti em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma; e Sérvulo Tavares, em Madrid.

SERVIÇO INTERNACIONAL: Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA: Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos: Delvair H. dos Santos, Juarez Drosghic e Oldemar Almeida.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira
RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881
SÃO PAULO: Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURAS

2 anos Cr\$ 700,00
1 ano 375,00
1 semestre 200,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha.

Para outros países: US\$ 5,00, para 2 anos; US\$ 2,00, para 1 ano; US\$ 1,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil Cr\$ 35,00
Número atrasado 40,00
Portugal e colônias Esc. 6,00

* * *

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitados.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

COM o nosso abraço muito amigo, entregamos a você mais um número da sua revista, confeccionado com o mesmo carinho de sempre. Nesta época de tremendos impactos no custo da produção, com o papel de imprensa custando 1.306% mais do que custava há apenas 3 anos passados, é natural que encontremos dificuldades em apresentar uma revista com a riqueza de assuntos que seria desejável, dentro do preço popular que insistimos em manter para o caro leitor. Todavia, dentro das limitações naturais que nos são impostas pelos fatores econômicos, vamos oferecendo o melhor possível, confiados no seu espírito de compreensão e na sua tradicional simpatia para com ALTEROSA.

Se você é fã do futebol, por certo há de se lembrar do famoso craque Nariz, cujo nome está ligado a páginas gloriosas do nosso mais popular esporte. Neste número, você encontrará novamente esse antigo ídolo de nossas canchas, numa reportagem biográfica de Fernando P. Lima, com excelente documentação fotográfica. Em *Jaula Sem Cadeado*, podemos ter uma idéia do que se passa agora na Rússia, através de recente visita realizada por um famoso repórter internacional. E por falar no mundo comunista, será útil ler, também, a reportagem *Que Aconteceu ao Comunista Boccalari?*, na qual se narra a odisséia de um italiano que se desiluiu da vida no paraíso soviético.

Finalmente, devemos recomendar ao leitor a interessante reportagem *No Brasil, a Maior Floresta Artificial do Mundo*, um excelente trabalho do nosso prezado companheiro Walter José Faé, com interessantes revelações sobre a vida e a obra de um dos mais conhecidos botânicos brasileiros.

A REDAÇÃO.

CAPA

Audrey Hepburn a grande artista da Metro, numa foto especial para esta revista.

CONTOS E NOVELAS

O Ventriloquo 26
A Cura do Esquecimento 54
A Capital me Surpreendeu 68

De Mitologia, Cinema, Palavras Cruzadas



ENTÃO se apanha a mitologia e se começa a reler tôdas aquelas histórias. Atalante era extremamente formosa e o oráculo predisse que se casaria, mas que, logo depois, sem cessar de viver, deixaria de ser criatura humana. Para afastar esta infelicidade, resolveu nunca se casar... Cila tinha uma paixão violenta por Minos, rei de Creta. Cibele, filha do Céu, esposa de Saturno, mãe de Júpiter, Juno, Netuno e Plutão tinha o nome de Magna Mater por ser a mãe da maior parte dos deuses. Era também chamada Ope, Réia, Vesta, Boa Deusa, Berecintia, Dindimena e Idéia.

Embora completamente envolvida nas lendas maravilhosas dos deuses ouve-se um sino e rádios na vizinhança tocam apenas músicas tristes. Então se deixa Licurgo no meio das vinhas e se vai para um cinema onde haja um filme de alegria. Lá se ri e não se ouve sino. Nem música triste. Não se agüenta ver o filme duas, três vezes, então, de novo em casa, as palavras cruzadas são outra coisa boa para distrair-se. Se se cansam delas, há um jardim na praça onde cri-

Jardins e outras coisas...

anças brincam sua inocência e pompos e patos são os únicos pontos brancos do dia escuro. Se se cansou de tudo isso, volta-se outra vez à mitologia e se cria um mundo em torno de si mesma. Personagens dão mil voltas no quarto, conversam, riem, dançam. Há em tudo uma alegria enorme — se bem que forçada, mas há — depois chega a noite e se vê que o dia foi passando e falta pouco para acabar completamente. Quatro, cinco revistas estão ali na cadeira. Nem há mais o que se ver. Então ainda se apanha um Larousse e se descobre gente e mais gente da qual nunca se ouviu falar.

Então, então... Então, apesar de tudo, de tudo que se faz para esquecer, vem um choro mais doloroso que o de todos os dias, porque esse é o dia dos mortos e por mais que se faça, por mais que se esforce para esquecer dêle, não se consegue. Ele está aí, o dia, esse dia escuro de tantas flores, sinos e música a mais triste. Não se consegue esquecer esse dia, dia dos mortos, de mortos queridos que não esquecemos nunca.

MARIA LYSIA

ARTIGOS E REPORTAGENS

De Craque do Futebol a Mem-

bro do CIC	18
Mais Perigosa que o Câncer ..	30
A Maior Floresta	34
Meu Velho São Paulo	38
Jaula sem Cadeado	42
Que aconteceu ao Comunista	
Boccalari	46

Verdadeiros Responsáveis 50

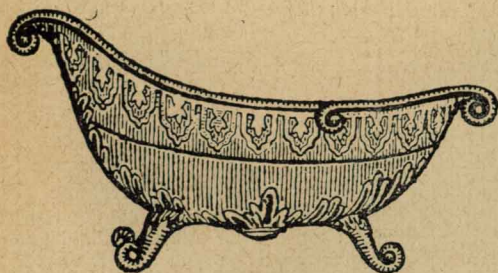
CRONISTAS

Maria Lysia	3
Milton Costa	8
Cosette de Alencar	80

SEÇÕES PERMANENTES

Fonte Viva	4
Teatrinho	10

Panorama	12
Poesia	16
Crianças	24
Saúde	40
Bazar Feminino — a partir da	58
Palavras Cruzadas	65
Livros e Letras	66
Cinema — a partir da	74
Quitandinha	78

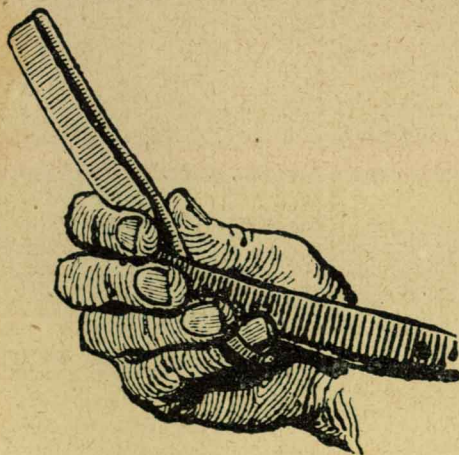


BANHEIROS? ou BARBEIROS?

Se V. deseja um produto...
ou necessita de um serviço,
antes consulte a
Lista Classificada.



ONDE TODOS ENCONTRAM PRATICAMENTE TUDO



Fonte
Viva

INSTRUÇÃO

Já se disse que duas asas conduzirão o espírito humano à presença de Deus. Uma chama-se Amor, a outra, Sabedoria.

Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço aos semelhantes, a criatura se ilumina e se aformoseia por dentro, emitindo em favor dos outros, o reflexo de suas próprias virtudes; e, pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe a influência dos vanguardeiros do progresso, que lhe comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a para o Alto.

Através do amor, valorizamo-nos para a vida. Através da sabedoria, somos pela vida valorizados. Daí o imperativo de marcharem juntas a inteligência e a bondade.

Bondade que ignora é assim como o poço amigo em plena sombra, a dessedentar o viajor sem ensinar-lhe o caminho.

Inteligência que não ama pode ser comparada a valioso poste de aviso, que traça ao peregrino informes de rumo certo, deixando-o sucumbir ao tormento da sede.

Todos temos necessidade de instrução e de amor. Estudar e servir são rotas inevitáveis na obra de elevação. Toda a cultura intelectual é formada em cadeia de gradativa expansão. As civilizações sucedem-se, ininterruptas, ao influxo da herança mental.

A arte, na palavra ou na música, no buril ou no pincel, evolui e se aprimora, por intermédio da repercussão, a exprimir-se no trabalho

AMOR E

* Só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem — a lei do amor, instituída pelo Pai, desde o princípio da criação...

* As portas do Céu permanecem abertas. Nunca foram cerradas. Todavia, para que o homem se eleve até lá, precisa de asas de amor e sabedoria.

* O sorriso de fraternidade, a ajuda silenciosa, a



dos cultivadores do belo, que se inspiram uns nos outros.

A escola é um centro de indução espiritual, onde os mestres de hoje continuam a tarefa dos instrutores de ontem.

O livre representa vigoroso imã de força atrativa, plasmando as emoções e concepções de que nascem os grandes movimentos da Humanidade, em todos os setores da religião e da ciência, da opinião e da técnica, do pensamento e do trabalho. Por êsse dinamismo da energia criadora, encontramos os mais adiantados serviços de telementação, porquanto, a imensas distâncias, no espaço e no tempo, incorporamos as idéias dos espíritos superiores que passaram por nós, há séculos.

Sócrates reflete-se nas páginas dos discípulos que lhe comungavam a intimidade, e, ainda hoje, consumimos os elevados pensamentos de que foi êle o portador. Retrata-se Jesus nos livros dos apóstolos que lhe dilataram a obra, e temos no Evangelho um espelho cristalino em que o Mestre se produz, por divina reflexão, orientando a conduta humana para a construção do Reino de Deus entre as criaturas.

Conhecer é patrocinar a libertação de nós mesmos, colocando-nos a caminho de novos horizontes na vida.

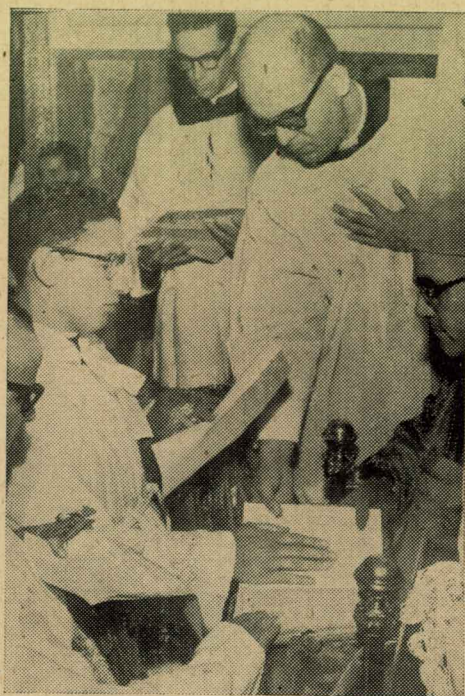
Corre-nos, pois, o dever de estudar sempre, escolhendo o melhor para que as nossas idéias e exemplos reflitam as idéias e os exemplos dos paladinos da luz. — (Emanuel — Do livro «Roteiro»)

FRATERNIDADE

humildade sem alarde, a flor da gentileza e o gesto amigo cabem, prodigiosamente, em qualquer parte.

* O afeto, a confiança e a ternura devem ser tão espontâneos quanto as águas cristalinas de um manancial.

* Esquece e caminha. Muitas vezes, o coração do amigo é ainda frágil e cede ao primeiro impulso da arrasadora ventania do mal.



FUTUROS SACERDOTES

TERVE lugar na capela do Colégio Pio XII a cerimônia das ordenações de alunos do Curso Superior do Seminário Provincial da Arquidiocese de Belo Horizonte, conferidas pelo arcebispo D. João de Rezende Costa. A cerimônia atingiu o ponto culminante quando 10 jovens clérigos receberam a Ordem do Sagrado Subdiaconato, fazendo sua consagração total a Deus e dando um passo decisivo em sua vida de preparação para o sacerdócio. A foto apresenta o momento em que o Subdiácono Antônio Sérgio Palombo de Magalhães, filho do nosso colega e amigo jornalista Rômulo Palombo, fazia o seu juramento no início da cerimônia.

Auxilie as criancinhas do ABRIGO JESUS

Fruto do amor cristão, o edifício do Abrigo Jesus foi construído e aparelhado para abrigar, instruir e educar 200 criancinhas desvalidas, amparando-as e preparando-as para o futuro na vida social. Mas falta-lhe a renda necessária para completar o número de crianças que pode abrigar. Auxilie essa benemérita instituição, contribuindo também com o seu donativo.

Cx. Postal 734 — B. Horizonte



O CAMPEÃO DA AVENIDA
o «Campeão das Sortes Grandes», vendeu em:
29 de Setembro, da Mineira:

9.770 com 200 mil
31.919 com 100 mil
6 de Outubro, da Mineira:
15.011 com 2 milhões
21.702 com 2 milhões
18.149 com 400 mil
15.010 com 50 mil
15.012 com 50 mil
21.701 com 50 mil
21.703 com 50 mil
13 de Outubro da Mineira:
36.432 com 100 mil

Sortes Grandes?
CAMPEÃO DA AVENIDA e...
não se discute.
Avenida, 770 — Avenida, 612

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

☆

Av. Afonso Pena, 526 — Edifício Mariana, 8º andar — Das 15 às 18 horas — Fone 4-1791 — Residência: 4-5965.

DR. GLAUCO FERNANDES LEÃO

CLÍNICA DE CRIANÇAS —
NUTRIÇÃO

Consultório: Rua São Paulo, 893
Ed. Borges da Costa — 13º andar.
Reserva de consultas: Fone: 2-0295

Belo Horizonte

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta

Edif. Banco Crédito Real — 13º pav. — sala 1302 — Rua Espírito Santo, 495 — Telefone: 4-4040.

O VENTRILOQUO

Conclusão da pág. 29

dos correndo nervosos pelas linhas do rosto.

— Eles vão morrer... — repetia sempre.

Olhava para o Tião. Luminoso. Carapinha enroscada. Silente. Olhar fixo. E o sorriso melancólico. Sorriso de solidão. De mudez. De morte. Olhava para o Arlindo. Olhinhos apertados. Vasta cabeleira loura. E o sorriso melancólico. De dor. De súplica.

— Eles vão morrer...

Sentia que deixava de cumprir um compromisso sério com aquelas crianças.

— O Arlindo está... — Procurava justificar mentindo.

A voz era angustiada. Precisava escapar da realidade. Mas despertava. Os olhos brilhavam. A lágrima queria escorrer. Kazan balançava a cabeça, olhava para cima, represava o pranto. Fingia sorrir.

☆ ☆ ☆

— ... combinou com o Tião. Vão fugir. Andam querendo me abandonar.

Doía-lhe a mentira. As crianças estacavam. Largavam as pernas e os braços de Kazan. Olhavam apiedadas e assombradas com a ingratidão dos bonecos.

— Verdade, seu Kazan?

Engolia o soluço.

— Já quiseram fugir. Qualquer dia desaparecem. Vão para sempre...

— Que maus!

Os lábios de Kazan tremeram. Sofria culpando os bonecos.

— Vão fugir... vão fugir...

Afastava-se.

De volta para casa, vinha escondido, fugindo das crianças como

um criminoso. Mentia sempre. Os bonecos queriam fugir. Abandoná-lo.

Em casa, Kazan fitava-os e eles é que o acusavam da fuga.

— Eles vão fugir... vão me deixar!

Mentira!

Mas precisava ser verdade. Kazan não tinha coragem de abandonar. Ele deveria ser o abandonado. Amava as crianças. Precisava dos bonecos. Eles precisavam fugir, desaparecer para ser salva a sua responsabilidade. Um dia fugiriam.

— Já não gostam de mim. Por isso já não falam...

A garganta continuava a doer. Kazan suave. Os bonecos silentes acusavam-no. Precisavam fugir. Era verdade. As crianças acreditavam. Iriam fugir. Abandoná-lo para sempre. Os ingratos...

☆ ☆ ☆

Tremia. Os olhos inchados. As lágrimas escorriam silenciosas, amargas entre os sulcos das rugas. Os lábios contorciam-se. A alma apertava-se. Derramou a garrafa todinha sobre os bonecos. O cheiro de gasolina encharcou o ar. Tião em baixo. Arlindo, atravessado, em cima. Bracinhos abandonados. Murchos. Olhares fixos. Rostos brilhantes. Sorrisos tristes. Kazan ia ser abandonado. Os dedos retesados caminhavam doidos entre os cabelos esbranquiçados. Riscou o fósforo. Custava-lhe respirar. A mão tremia muito. Chegar a chama ao terninho vermelho... Era só isso... E o fogo se esparramou pelos dois bonecos.

Kazan pendeu a cabeça, segurou a fronte com as duas mãos e chorou... chorou...

☆ ☆ ☆

LIVROS E LETRAS

Continuação da pág. 66

rer os profissionais da medicina. O prêmio constará de um diploma e de cento e cinquenta mil cruzeiros. Os trabalhos deverão ser inéditos, abordando qualquer tema da medicina humana.

Os originais deverão ser remetidos para a redação da revista — caixa postal, 7281, São Paulo — até o dia 16 de dezembro do corrente ano. O regulamento do prêmio foi divulgado por «O Mundo Médico» em seu número de setembro.

BREVIÁRIO DO TROVADOR

PAULO Freitas publica, no Espírito Santo, um volume de trovas, onde reúne mil peças desta modalidade poética tão do agrado de nosso público.

Sabendo manejar o verso com desenvoltura e elegância, Paulo Freitas consegue algumas vezes emocionar os leitores com suas trovas onde canta muitas daquelas coisas que agitam a alma do homem: o amor, a morte, a sau-

dade, a esperança, o mar, os embates, a tristeza e a alegria.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

A CÂMARA Brasileira do Livro, seção de São Paulo, vem fazendo uma pesquisa constante e ininterrupta a respeito da vendagem de livros na capital paulista. Ouvindo todas as livrarias, a C.B.L. tem podido oferecer ao público interessado, semana a semana, mês a mês, a relação completa e detalhada dos títulos de maior vendagem. Atualmente, em São Paulo, está em primeiro lugar, entre os estrangeiros, «Exodus», romance de Leon Uris e, entre os nacionais, «Os Velhos Marinheiros» de Jorge Amado.

NOVAS EDIÇÕES DA EDART

A EDART — Livraria Editôra lançará dentro de poucos dias algumas obras de real interesse para o público. Destaca-se em primeiro lugar «No meu Tempo de Mocinho» de Nelson Palma Travassos, de quem «Livros e Letras» se ocupou quando do lançamento de seu livro anterior «Quando Eu Era Menino...». Nelson Travassos evoca o passado com humor, sentimento e objetividade — o que empresta a seus livros, um «tonus» de vida muito intenso.

A «Edart» lançará ainda «História e Interpretação de «Os Sertões», de Olimpo de Souza Andrade, «Plataforma Espacial», de James Gunn, «Dias Chineses» de Helena Silveira e muitos outros títulos.

PRÊMIO CIDADE DE ROMA

A «ASSOCIAZIONE Della Stampa Romana» instituiu há três anos atrás o «Prêmio Jornalístico Internacional Cidade de Roma» a ele podendo concorrer jornalistas de todo o mundo. O tema é, precisamente, a cidade de Roma; assunto aliás complexo e amplo e que poderá ser abordado em qualquer de seus aspectos. Italiano, francês, inglês, espanhol e alemão são as línguas oficiais do concurso. Ano passado obtiveram os três primeiros lugares os jornalistas Gustav Rene Hocke, Marcelo Venturoli e Emmet John Hughes.

Bonita... forte... e sempre em forma para o uso diário!



COMPOSIÇÃO

FULGOR

solda eletrônica

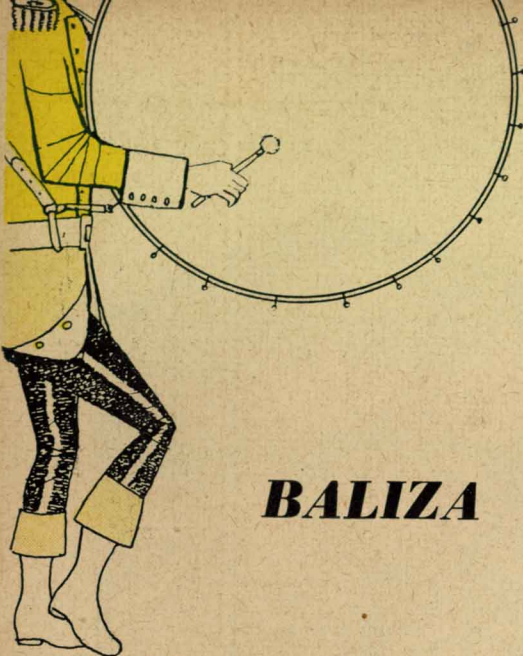
20 peças em puro alumínio reforçado, cabos e asas de baquelite preto-ébano fixados a solda eletrônica, tampas anodizadas em azul ou polidas.

um produto de

ALUMINIO FULGOR S.A.

CAIXA POSTAL 4238 — SÃO PAULO





Páginas
Escolhidas

BALIZA

MILTON COSTA

ELA surgiu na praça, mi-lagre rubro na man- nhã de cristal, passos fofos de cortiça, gestos de onda, acorde materializado na pauta do asfalto. Os tambores rufaram mais fortes. As alas humanas, ao longo das sarjetas, se acotovelaram para contemplá-la. Os homens, no palanque, se inclinaram como flores murchas num vaso exangue. O pelotão marchava automaticamente, prêso ao estrépito rítmico da fanfarra.

O «short» mobilíssimo coloria todos os olhos, vermelho como uma violência. Ela avançou, na praça, elástica, e flexuosa, cheia de graça e de música, como num «clown» vertical, num nado sem água. No rosto tressuado e grave, os olhos sorriam. Os pés pequeninos, calçados de sandálias vermelhas, pianavam o chão como dois gatos de sangue. Estranhas inspirações presidiam aos passos de borracha da baliza, perdida em sons e olhares, esquecida do tempo e do mundo, os braços serpenteando, o corpo reverenciando imaginárias entidades, os músculos trepidando nos saltos mortais.

O pelotão, atrás, parecia feito de robôs, as botas esmagando o chão ao compasso dos tambores. As bocas estavam entupidas de silêncio. Os

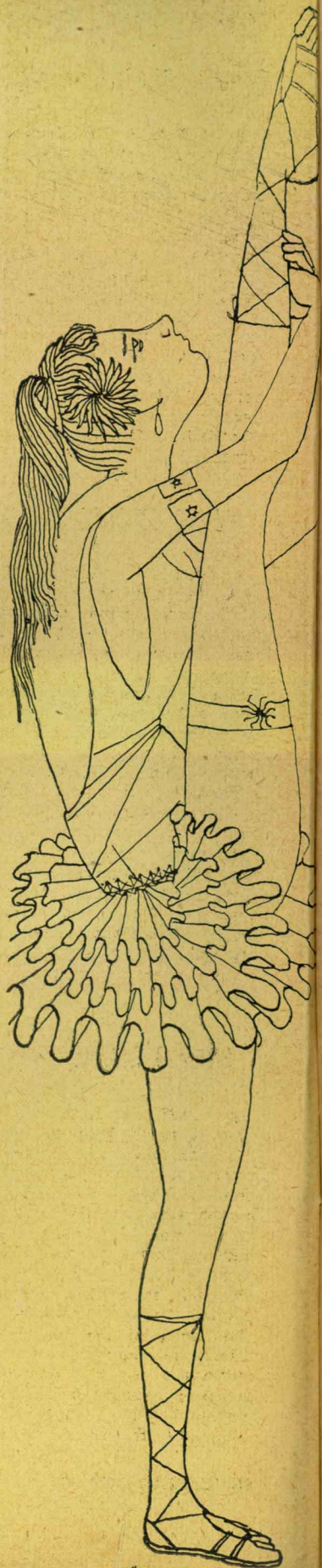
olhos faziam miraculosos panegíricos. Ninguém lembrava ninguém.

A baliza, então, de súbito, graça de pantera e de algodão, ergueu uma perna, pô-la no peito, segurou-a como um troféu, deixou-se levar pela dança, numa perna só, flor misteriosa bailando em seu hastil, o corpo de caucho, em cada músculo u'a mola tensa. Depois a perna saltou do peito como a lâmina de um canivete. Inopinadas loucuras se apossaram de seu corpo. Fêz vários círculos no asfalto, em saltos e evoluções de balada. Aplausos estrugiram. A fanfarra recrudescu as batidas. Murmúrios de admiração perpassaram em todos os ouvidos.

Ela tornou a avançar pela rua, em triunfais passos de sêda, névoa escarlate no aquário da manhã.

oOo

Vi-a, no outro dia, em seu vestido de passeio, comum como as demais, apagada entre as outras. Seu rosto sorria, mas os olhos estavam tristes. Seu corpo, que passeava tranqüilo, escondia insuspeitados e extraordinários movimentos. Talvez que, em seu cérebro, como em mitológico bosque, ninfas dancem incessantemente, enquanto os ventos, fustigando as ramagens, tocam a sua flauta.



Será que uma fé bem sólida poderá preservar as pessoas (que estejam sob o efeito de forte tensão nervosa) de sofrerem uma eventual alienação mental? Para o psiquiatra novaiorquino Sandor Lorand, isto poderá acontecer, **contanto** que os fiéis em questão sejam bem ajustados no meio social em que vivem, e a energia de sua fé esteja apoiada em motivações sadias.

Segundo constatou ainda aquele mesmo psiquiatra, no que se refere a pessoas que apresentam diferentes configurações emocionais e efetivas, uma educação orientada, estritamente dentro de princípios religiosos rígidos, poderá determinar o agravamento de conflitos envolvendo sentimentos de culpa e pecado, de consequências não muito lisonjeiras. Algumas dessas pessoas irão tornar-se neuróticas, caso a oração ou a confissão não sejam suficientes para aliviar suas tensões. Estas últimas se enquadram quase sempre no número de criaturas devotas que se costumam enxergar como verdadeiros «cordeirinhos protegidos».

Outros psiquiatras, estão também inclinados a acreditar que a crença religiosa de determinado paciente só viria a ser útil no tratamento psicoanalítico, caso, o referido paciente não sofresse de quaisquer desajustes.

☆☆☆

LUGARES E COSTUMES

A Bélgica é um país onde qualquer pessoa fará honra aos hotéis mostrando ser dotada de um bom apetite. Jamais se diz muito nos seus domínios. Na Espanha, jamais se aceita um convite para jantar antes de ele ter sido feito por três vezes; e aceitando-o, nunca se deve chegar à hora aprazada, pois vinte minutos de atraso fazem parte da boa educação. Já em Portugal, não se toma vinho do Porto senão à sobremesa, somente é permitido telefonar depois das onze horas e não se permite de forma alguma, cumprimentar uma mulher em público.

Pelos Frutos se Conhece a Boa Árvore



Quer a fortuna vos tenha vindo de vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer nunca: é que tudo promana de Deus. Nada vos pertence na terra, nem sequer o vosso próprio corpo; a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vos empresta, tendes que Lhe restituir; e Ele empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário! — LACORDAIRE.

NÃO basta dizer-se cristão. Não basta que se faça ato de presença nas cerimônias rituais e que se grite e gesticule nas rodas de amigos, proclamando-se seguidor de Cristo.

O verdadeiro cristão é o que se faz conhecer pelos seus atos, pelos seus exemplos. Jesus já nos advertia contra as enganadoras aparências, quando afirmava que os Seus verdadeiros seguidores seriam conhecidos por muito se amarem, e que a boa árvore poderia ser identificada pelos seus bons frutos.

O Abrigo Jesus, essa benemérita instituição criada pelo amor cristão, devotada ao amparo e educação de uma centena de meninas órfãs ou desvalidas, espera da sua caridade um donativo que o auxilie na sua nobre tarefa social e humana. Muitos são os problemas com que defronta, e todos reclamam recursos, muitas vezes amplos e urgentes.

Pratique um ato de verdadeira caridade, auxiliando o

ABRIGO JESUS o lar cristão de 102 criancinhas

Caixa Postal 734 — Belo Horizonte

DONATIVO AO «ABRIGO JESUS»

Junto a este a importância de Cr\$, em
cheque bancário
vale postal como donativo ao ABRIGO JESUS.

NOME

ENDEREÇO

CIDADE ESTADO

NB — A correspondência e os valores para o ABRIGO JESUS podem ser enviadas para a Caixa Postal 734, Belo Horizonte, Minas Gerais.

**Gibson
Lessa**



RAF VALLONE



LEONEL BRIZZOLA

DESASTRE: As louras estão escasseando na Suécia, dizem as estatísticas. Menos 20% hoje do que há dez anos atrás.

ROSAS NEGRAS estão sendo carinhosamente cultivadas por um floricultor holandês, M. Oorb que dá assim ao mundo magnífico e perfumado exemplo de integração racial no reino da Flora. Da Flora, não da Flórida...

VOCE ANDA NERVOSO? Muito nervoso, mesmo? Os tranquilizadores já não estão mais fazendo efeito? Pois então tome um conselho: agarre-se com unhas e dentes, isto é, com preces e súplicas, à **Santa Dinfna**, pois a minha santa ignorância acaba de ser informada de que os nervosos também têm santa, justamente ela, **Santa Dinfna**, há mais de cinquenta anos cultuada na Bélgica, como **Padroeira dos Nervosos**.

ACONTECEU na embaixada de um país latino-americano no Rio, no primeiro dia da baderna golpista, e quem nos conta são os J.J. & J. do «Correio da Manhã».

Naquele dia, ainda sem saber de nada, o embaixador X, como de hábito, avisou ao secretário que ia tirar um cochilo no andar de cima e que somente o acordassem se algo de muito grave ocor-

resse. Meia hora depois do embaixador subir, chegou a notícia à Embaixada: Jânio renunciara. O secretário, abaladíssimo, galgou a escadaria aos pulos, invadiu o quarto e acordou o embaixador:

— Que se passa?
— El presidente renunció!
— Que presidente, hombre? nuestro presidente?
— No, señor embajador. El presidente Jânio Quadros.
— Caramba que susto me pregaste!

E abraçando o travesseiro voltou Sua Excelência aos braços de Morfeu. Antes, preveniu ao secretário que só voltasse a acordá-lo às quatro horas da tarde a fim de avisá-lo se a renúncia continuava de pé...

UMA REVELAÇÃO capaz de produzir calafrios na espinha dorsal dos **inocentes-úteis** (não dos vermelhos, dos **Tricolores**) que tanto temem e tremem (Tremem mais do que Temem) a chamada cubanização do Brasil:

dos 21 países pan-americanos, os dois únicos que adotam o parlamentarismo como forma de governo, são **Brasil e Cuba**.

EIS COMO o «Stockolms-Tidningen», um dos principais jornais da Suécia, num artigo intitulado «Mannen med Krasten» (O Homem da Vassoura) descrevia a personalidade de Jânio Quadros, quando ele tomou posse: «Misto

de Jesus Cristo, Lincoln, Lenine e Charles Chaplin».

Afinal, fugindo à luta, desertando, viu-se que o homem não era nada daquilo, não se enquadrava em nenhum daqueles quatro nomes, era um **Jânio da Silva**, apenas.

O DEPUTADO udenista **Simão da Cunha**, reduzindo a zero, na Assembléia Legislativa de Minas, o deputado integralista Navarro Vieira:

— «Lá em casa, somos dez irmãos. Nove são da UDN e um é comunista fichado e faz questão de apresentar a sua carteira do P.C. Graças a Deus, porém, não temos nenhum integralista na família.

E deixando o Navarro vermelho (vermelho, não) verde de cêlera:

«O integralismo precisa dar-se conta de que o nazi-fascismo é

um defunto que fede desde 1945».

«**SE É PRIVILÉGIO** dos comunistas ir ao encontro das necessidades dos pobres, se é privilégio do comunismo socorrer os miseráveis, lutar contra os prepotentes e clamar contra as injustiças sociais, então, vale a pena ser comunista também», bradou na Tribuna da Câmara Federal o Deputado Padre Nobre, acrescentando: «A Igreja, por medo, covardia e acomodação está entregando ao comunismo a bandeira do Evangelho de Cristo, que é nossa há quase dois mil anos».

Padre Nobre? Nobre padre!

CONTA-NOS O PRESIDENTE KENNEDY que o seu histórico e ilustre antecessor Thomas Jefferson foi, no seu tempo,

«um cavalheiro de 32 anos, que era capaz de calcular um eclipse, medir uma propriedade, fechar

uma artéria, planejar um edifício, julgar uma causa, domar um cavalo, dançar um minueto e tocar violino.

Que pena, que de **Roosevelt** para cá, os presidentes ianques não tenham sabido tocar violino, dançar um minueto, domar um cavalo, julgar uma causa ou, sequer, calcular um eclipse».

QUEM TEM RAZÃO É Leonel Brizzola: «para os males do Brasil, nem vódka nem coca-cola».

JULES DASSIN, o genial criador de «**Nunca aos Domingos**» — um desses filmes de que a gente nunca se esquece — está rodando agora «**Fedra**».

O ambiente é o mesmo: a Grécia. A heroína, também, a mesma: **Melina Mercouri**. Mas o herói, dessa vez não será Dassin, o próprio. Será **Raf Vallone** que, em Roma, recebeu o convite de-lirando:

— «Verei o berço dos deuses, subirei ao monte Olimpo e me queimarei ao sol de Teseu», exclamou, ao partir.

Chegou, viu o berço, subiu ao monte, mas quando desceu à praia para queimar-se ao sol de Teseu, torrou-se tanto que ficou preto.

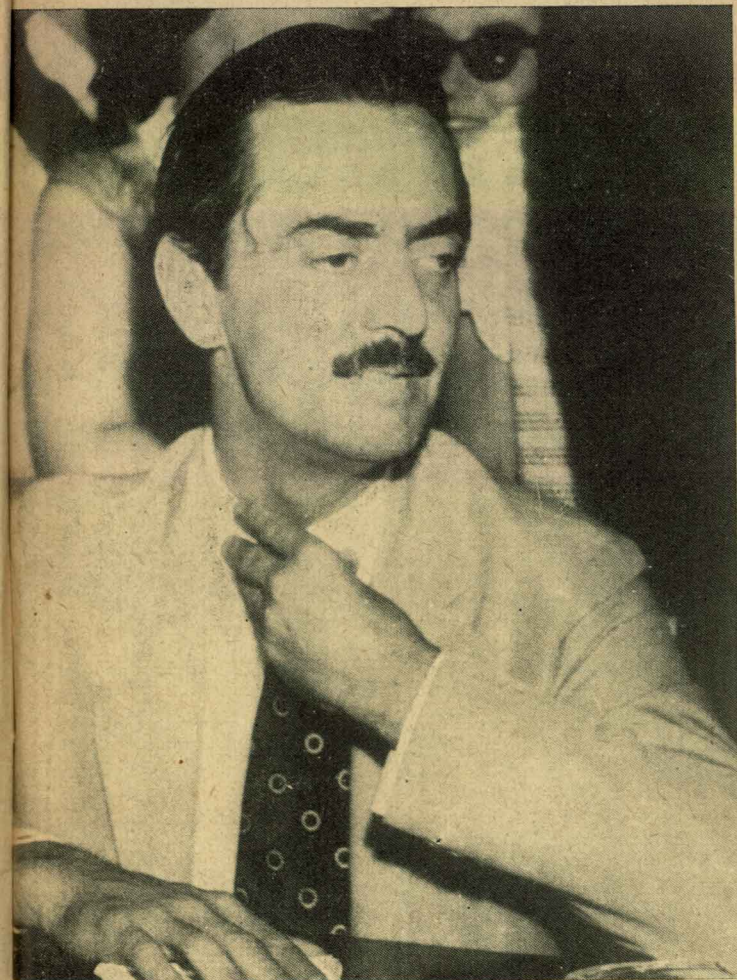
Aí, a filmagem teve de ser interrompida:

— «Estamos filmando «**Fedra**», meu filho, e não «**Othelo**», disse-lhe Jules Dassin, passando-lhe paternalmente os dedos pela pele tostada.

E, agora, os turistas que frequentam as praias do Pireu, não raro, esbarram e se assustam com um sujeito esquisito que caminha na areia, cabisbaixo, a cabeça recoberta por um chapelão de metro e meio de diâmetro e o corpo embrulhado num roupão que não lhe deixa de fora nem um milímetro de pele: é o pobre **Raf Vallone**, «queimado» da vida, com o tal do sol de Teseu.

ASSIM FALOU CRIXNA, o Cristo dos hindus:

«Tu trazes em ti mesmo um amigo sublime que desconheces. Porque Deus reside no íntimo de cada ser, mas poucos sabem que o trazem, e pouquíssimos sabem encontrá-lo».



JÂNIO QUADROS



BANQUEIRO MEDINA
"Perdemos o dinheiro e tivemos que fechar".

BANCO FALIDO E BANQUEIRO PRÊSO

PANORAMA

O NOME de Manuel Medina destacava-se em todos os círculos da cidade texana de Zapata como sinônimo de dinheiro e poder. O sólidamente estabilizado "Don Manuel" — como era conhecido por todos — era dono do único banco existente na Comarca de Zapata, onde vivem cerca de 4.500 almas. O poderoso banqueiro era de fato figura proeminente no lugar: por onze períodos consecutivos fôra comissário da comarca, conduziu o irmão mais novo ao pôsto de juiz e, por anos a

belecimentos de crédito de propriedade privada desencorporados do Texas que não têm carta patente e por isso estão isentos da fiscalização de qualquer estado ou federação. Mas a reputação da família Medina era impecável. A maior parte dos comerciantes da cidade depositava no banco de D. Manuel e os fundos públicos em depósito subiam a 250 mil dólares.

As coisas andavam nesse pé, quando um aviso colocado à porta anunciava o fechamento da casa de crédito. O teto veio abaixo em

contrado em parte alguma.

Pouco depois D. Manuel foi discretamente ao México para tentar explicar ao júri o que acontecera. Sua declaração foi resumida: "Perdemos o dinheiro e fomos obrigados a fechar". Medina informou que os maiores depositantes tinham sacado mais de 200 mil dólares nos últimos quatro meses, dificultando as atividades do banco. Quanto aos cheques emitidos por sua família, explicou ter sido o único meio de salvar alguma coisa. Todavia, não teve explicação para o fato de estar

* O Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos acaba de licenciar a fabricação de uma vacina de vírus vivo para ser tomada por via oral, como prevenção contra um dos três tipos de poliomielite. Produzida pelo Dr. Albert Sabin, da Universidade de Cincinnati, esta é a primeira vacina a ser ingerida por via oral aprovada para distribuição geral. Por isto mesmo, sua liberação parece constituir o maior passo na batalha contra o polio.

* Segundo acreditam as autoridades francesas, verificam-se naquele país anualmente cerca de 400 mil abortos ilegais. Todavia, outras fontes afirmam que esse número se eleva a 800 mil — número idêntico ao de nascimentos a termo.

* A maior fábrica de pneus do mundo, com uma capacidade de produção anual de centenas de milhares de pneus de 15 dimensões, foi inaugurada recentemente em Dniepropetrovsk e teve sua aparelhagem fornecida por várias firmas inglesas.

* Com a finalidade de pesquisar os movimentos de outras religiões na Cidade Santa, o Rabino Herbert Weiner, do Templo de Israel no sul de Orange realizou 14 visitas a Israel nos últimos 15 anos, encontrando sobejas evidências do secularismo demasiado adverso de Israel. Além disso, encontrou também alguns exemplos da influência da Terra Santa sobre missionários cristãos, como: um padre dominicano, cujo sonho é fundar um instituto católico romano para estudos judaicos em Israel e que aguarda permissão do Vaticano para dizer sua missa em hebraico e para celebrar a missa no sábado como o faz no domingo.

FLAGRANTES

* Segundo estimativas feitas recentemente, o Peru parece ser o país que apresenta uma das mais elevadas taxas de analfabetismo do mundo, bem como um dos mais inferiores rendimentos «per capita».

* Uma prodigiosa invenção, que possivelmente dará um golpe mortal em todas as dietas de emagrecimento, acaba de ser posta em uso nos Estados Unidos. Trata-se de um sofá elétrico que «massageia» poderosamente quem sobre ele se deita, removendo toda a gordura supérflua.

fio, dirigira a política de Zapata como um feudo familiar. De um momento para o outro, entretanto, o banco de Don Manuel cerrava suas portas por falta de fundos.

Fundado bem antes que a lei bancária de 1923 entrasse em vigor no Estado, o Banco de Zapata era um dos numerosos esta-

Zapata. Um arrecadador nomeado pelo tribunal examinou os livros do banco, encontrando apenas 18 mil dólares em caixa e 424 mil em cheques sem fundos (323 mil em nome de D. Manuel e sua família). Elevava-se a 650 mil dólares a soma do banco, fora de balanço e o dinheiro da comarca não foi en-

a maior parte de cheques sem fundo nas contas de seus partidários políticos.

Pouco antes de ser acusado pelo júri por aceitar depósitos num banco que ele sabia insolvente, Don Manuel escapuliu. Mas depois preferiu livrar-se da fiança de 50 mil dólares, saindo do seu esconderijo

e aceitando a ordem de prisão. Antes da acusação, o ex-banqueiro prometera entregar tôdas as suas propriedades aos credores, mas ficou provado que havia bem pouca coisa de valor para ser entregue. Tendo perdido títulos na bôlsa de valores, Don Manuel negociara todo o seu rebanho antes que a falência viesse a público. Até o edifício do banco estava hipotecado.

Enquanto isso, os zapatanos estavam vivendo de empréstimos de familiares, de amigos e de outros bancos.

E' muito possível à cidade conseguir novo estabelecimento de crédito devidamente segurado. Entretanto, muita água terá que passar sob a ponte antes que alguém da comarca tenha dinheiro bastante para depositar nêle.

PARIS —

Terroristas em Ação

O DANÇARINO Gene Kelly, que se encontrava em Paris a fim de dirigir o filme de Jackie Gleason "Gigot", ficou conhecendo uma nova arte plástica: o explosivo expressionismo da ala direita dos terroristas franceses que, num esforço de bombardear o distrito policial, estilhaçaram o sedan (Citroen) de Kelly, estacionado num parque das proximidades.

Com o mesmo objetivo, os terroristas ameaçaram Enrico Mattei, o ambicioso chefe do monopólio de petróleo na Itália e que está pleiteando o direito de explorar o óleo do Saara, já que a França foi despossada da Argélia. Numa nota que sugeria à polícia de Roma providenciar um guarda-costas para Mattei durante as 24 horas do dia, os terroristas informaram que ti-



GENE KELLY
Grande susto em Paris.

nham "prazer em informá-lo de uma decisão tomada numa reunião secreta em Paris. Considerados como refém e condenados à morte: Enrico Mattei e todos os membros de sua família. Um de nossos agentes já está de partida para Roma, com o objetivo de executar esta decisão, caso o senhor não cesse suas atividades subversivas".

Voto de Pobreza Toma Aspecto Diferente

"O DINHEIRO é um perigo" — dizia São Francisco de Assis. E os franciscanos de antigamente abraçaram a Pobreza Santa, a ponto de pedirem alimento e dormirem em estábulos. Hoje, seus descendentes procuram manejar o dinheiro asqueroso o menos possível. Todavia isto é bem difícil quando se está em viagem, por exemplo, na era dos motéis.

Recentemente, durante uma conferência de franciscanos realizada

no Colégio São Francisco de Loreto, Estados Unidos, os franciscanos ali reunidos tiveram conhecimento de um expediente feliz usado por seus irmãos canadenses e que os impede de manejar o tão perigoso dinheiro. Para surpresa de todos, trata-se da mesma solução empregada por muitos não franciscanos que, por conseguinte não fizeram o voto de pobreza, mas que se encontram às voltas com ela. O expediente: cartões de crédito.

60 anos servindo as donas de casa!



Feita exclusivamente com ceras naturais de abelha e carnaúba - Lustra mais - Rende mais - Não prende o escovão ou a enceradeira - Espalha-se com facilidade - Economiza tempo e dinheiro

POR ISSO A CERA

Parquetina

LUSTRA BRINCANDO - BRINCANDO LUSTRA

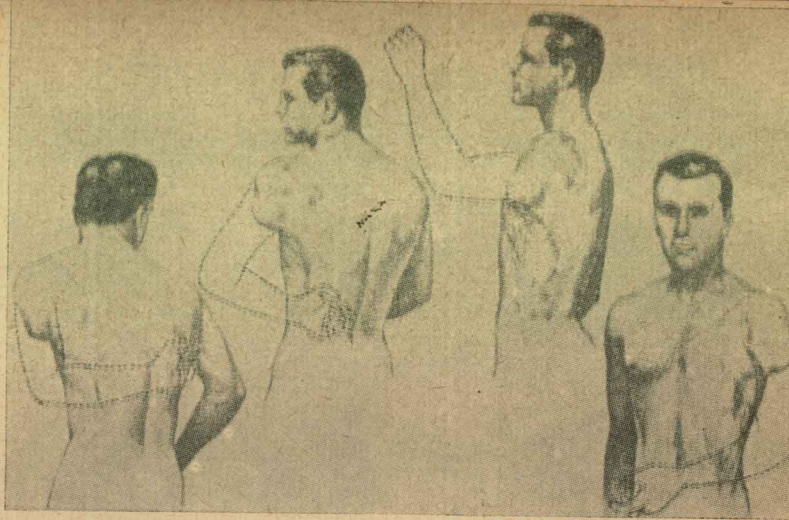
Já conhece?



O mistério da «DOR FANTASMA»

OS cirurgiões sabem, há mais de 300 anos, que os pacientes vítimas de amputações continuam a ter "sensações" que vão do formigamento agradável à dor torturante no membro já inexistente. Esta dor foi batizada com o nome de "dor fantasma" e os médicos estão chegando à conclusão de que o melhor meio de exorcismar muitos casos dessa natureza é a prática de exercícios fantasmas.

Dr. Allen Sidney Russek, do Centro de Reabilitação da Universidade de Nova Iorque, descobriu constituir o exercício fantasma um método eficiente para o tratamento dos aspectos físico e emocional da dor em questão e afirma ser de grande importância levar o cliente a se desembaraçar da referida sensação, principalmente se ele se estiver preparando para receber um membro artificial. Caso contrário, ele pode-se desanimar quanto ao uso do novo membro. Ilustrando



"EXERCITANDO" O BRAÇO AMPUTADO
Os dedos inexistentes disparavam faíscas.

sua exposição, dr. Russek descreveu o caso de um eletricista de Nova Iorque que perdeu o braço esquerdo num acidente de eletricidade, ficando ainda gravemente queimado. O paciente alegava ter a impressão de ter o braço dobrado às costas, a mão entorpecida e sensações de choques a lhe percorrerem toda a extensão do braço, com faíscas a estalar-lhe os dedos.

Antes que lhe fôsse ajustado um braço artificial, o dr. Russek levou-o a exercitar o braço fantasma. De pé em frente a um quadro negro e tendo os olhos fechados, o paciente, que é dextro, "praticou" a

escrita com a mão esquerda inexistente. O esforço mental operou positivamente, através dos troncos nervosos e dos músculos adjacentes. Meses depois da prática, o eletricista afirmou ter conseguido conduzir o braço fantasma para a frente do corpo e podido levá-lo à altura da cabeça. Mais sensivelmente, o tecido cicatrizado que se tinha contraído dolorosamente foi estendido de modo a tornar desnecessária uma operação de enxertia. Agora, completamente livre da "dor fantasma", o paciente adquiriu seu braço artificial e está-se preparando para ser guarda-livros.

O Maior Falsificador do Mundo

DURANTE mais de dez anos, políticos mexicanos, militares e personalidades de classe trilharam o caminho que conduzia a uma acanhada cela de uma das prisões da cidade do México. Sentados por detrás das grades, eles permaneciam pacientemente durante horas, enquanto um prisioneiro pintava-lhes o retrato. Há questão de dois meses, entretanto, terminada sua pena, Alfredo Hector Donadieu, de 61 anos, mais conhecido como Enrico Sampietro, tornou-se um homem livre, mas obrigado a viajar para a França, como um deportado, não obstante as lamentações da elite mexicana que não mais terá retratos lisonjeiros e bem trabalhados como dantes. Do mesmo modo, o México não mais verá o dinheiro perfeito "fabricado" por Sampietro. Alfonso Quiróz Cuarón, o investigador do Banco do Méxi-

co, responsável pela prisão do artista afirmou que "ele é o maior falsificador de dinheiro do mundo; seus trabalhos são perfeitos".

Sampietro é um artista que se tornou profissional muito cedo. Quando adolescente, trabalhou como gravador numa joalheria de Marselha e depois frequentou uma escola de arte até que a precisão de seu trabalho chamou a atenção de um comerciante italiano de jóias, que o convidou para reproduzir uma nota de cinco francos. A cópia foi de tal modo exata, que tentou o comerciante a instalar uma prensa ali mesmo na loja. Daí em diante o jovem artista jamais se admirava de onde vinha seu novo franco. Em 1921 os policiais franceses conseguiram agarrá-lo e ele foi condenado a oito anos de tra-



O FALSIFICADOR SAPIETRO
"Que Deus o conserve — na França".

balhos forçados na "Ilha do Diabo". Três anos depois Sampietro escapou, foi recapturado mais tarde, para escapar novamente, dirigindo-se então para a cidade do México, onde iniciou a mais ambiciosa operação de sua carreira.

Produziu umas notas de 20 dólares com um retrato tão perfeito de Andrew Jackson, que seus amigos as passaram livremente em cidades costeiras do México e em Havana.

A polícia mexicana levou três anos para deitar-lhe as mãos. Quando conseguiu, encaminhou-o para o presídio Palácio Negro, onde ficou aguardando o julgamento. Sampietro imediatamente fez camaradagem com alguns detentos que estavam planejando um golpe, emprestou sua colaboração ao projeto e o certo foi que, numa noite de 1938, ele e mais três prisioneiros escapavam pela porta de entrada do presídio, depois de terem subornado o vigia.

Nos dez anos que se seguiram Sampietro falsificou pesos mexicanos com tamanha perfeição que somente peritos altamente experimentados eram capazes de distinguir o real do falso. Disfarçado em major do exército mexicano, o esparto falsificador estava sempre um passo à frente da lei. Uma vez os policiais ouviram dizer que ele tinha sido vítima de uma apendicetomia de emergência e correram em seu encalço. Quando chegaram ao hospital tudo que viram dele foi apenas o apêndice.

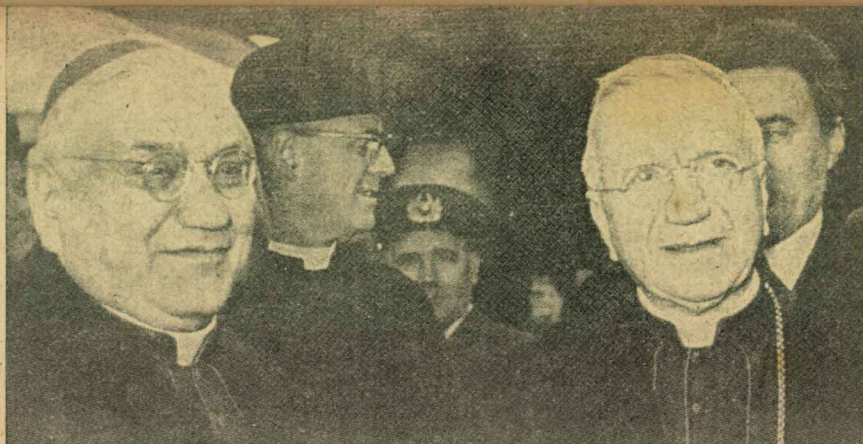
Finalmente, em 1948, a polícia surpreendeu Sampietro numa casinha do distrito de Ixtapalapa, onde ele estava residindo com a esposa.

— Não atirem — gritou Sampietro, assim que viu as pistolas apontadas em sua direção. — Sou um falsificador, não um assassino.

Na prisão, Sampietro conservou vivo seu talento artístico, usando tinta hindu e pastéis brilhantes para produzir cerca de 150 retratos e miniaturas incluindo um do ex-presidente Ruiz Cortines, do modelo Maria Asunsolo e do General Carlos Martin del Campo, diretor do presídio Palácio Negro. Nesse período Enrico Sampietro ganhou dinheiro suficiente para manter a esposa e para garantir o começo de uma nova carreira quando estivesse em liberdade.

Sampietro prometeu que seu trabalho artístico será, daqui para a frente, rigorosamente limpo. Entretanto, a polícia dos dois continentes tem seus dedos em cruz.

— Que Deus o conserve por muitos anos — diz o investigador Quiróz, apreciando um retrato seu feito pelo artista — mas lá na França,



O SECRETÁRIO CICOGNANI (À DIREITA) E IRMÃO
Para ele a lei canônica era invencível.

O Segundo Homem Mais Importante do Vaticano

PELA primeira vez na história da Igreja Católica Romana, o segundo homem mais importante do Vaticano é um membro do governo estadual de Kentucky, (EE.UU.). Isto porque, no mês passado, o Papa João XXIII nomeou como Secretário de Estado — para substituir Domenico Tardini falecido em julho último — um homem que, durante cerca de um quarto de século, foi delegado apostólico nos Estados Unidos: Amleto Giovanni, Cardeal Cicognani.

A notícia surpreendeu a todos e muito mais ao cardeal Cicognani, que conta atualmente 78 anos de idade, pois era de se esperar que a escolha recaísse na pessoa do brilhante arcebispo de Milão, Giovanni Montini, que havia sido mencionado para o posto durante a administração do Papa Pio XII.

Como Secretário da Sagrada Congregação da Igreja Oriental durante quatro anos, o cardeal Cicognani tornou-se perito nas difíceis relações no Oriente Médio e nos países comunistas. Assim, ele será, sem dúvida alguma, um braço direito para o Papa João XXIII, durante o próximo Concílio Ecumênico. Ocupando um alto e delicado posto político, que exige segurança e diplomacia acima de tudo, Cicognani é perfeitamente capaz de manejar a polidez necessária.

O diplomata Cicognani nasceu na pequena cidade central italiana de Brisighella, onde sua mãe viúva dirigia uma loja para manter os dois filhos. Ambos tornaram-se clérigos e distinguiram-se nos "affairs" do Vaticano. Em 1933, o Papa Pio XI enviou Amleto para os Estados Unidos como delegado apostólico. Seu irmão Gaetano, hoje Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos na Vaticana, foi feito cardeal em 1953.

Em Washington, Cicognani começava seu dia às 6 da manhã e

esperava que seus auxiliares fizessem o mesmo. Pronunciou mais de 4 mil discursos, consagrou 56 bispos americanos e ordenou 800 padres. Tornou-se conhecido como a mais alta autoridade na história do catolicismo dos Estados Unidos. Seu livro "Santidade na América", sobre a vida dos candidatos dos Estados Unidos à santidade tornou-se um "best-seller" católico.

Um dos primeiros atos do papa João XXIII foi recambiar Cicognani para Roma em 1958 e fazê-lo cardeal, rejeitando o artigo 232 da lei canônica que proíbe que irmãos, primos em primeiro grau, ou tio e sobrinho sejam cardeais simultaneamente. Para Gaetano Cicognani, a lei constituía uma fonte constante de aborrecimento e disabores porque parecia atrapalhar seu talentoso irmão. Certa vez, durante um jantar, um amigo prelado disse jocosamente a Gaetano: "Por sua causa seu irmão não pode-se tornar cardeal. Gaetano quase explodiu em lágrimas e não conseguiu terminar a refeição.

Na mesma época em que Cicognani se tornou Secretário de Estado, no mês passado, o Papa nomeou-o Presidente da Comissão Pontifícia de Administração da Cidade do Vaticano (em lugar de Nicola Canali, falecido cinco dias depois de Tardini) e presidente da Comissão de Administração da Santa Sé. Assim, ele se tornou a um tempo Ministro do Exterior, Primeiro Ministro e Ministro do Interior do Estado do Vaticano.

Referindo-se a ele, disse "L'Osservatore Romano": "De modo geral, as pessoas singulares que saem de uma vida de discreto e modesto silêncio para se tornarem objeto da atenção universal revelam-se ricas em experiências e qualidades de espírito e coração que as fazem dignas de responsabilidades importantes".

SUBJETIVISMO

Estou só,
meu amor não chega,
e o vento derrubou minha florzinha.

Lá longe,
apenas uma nesga de céu
esmaecendo sobre a minha saudade.

Aqui,
nem um restinho de azul
cobrindo o meu tédio.
O silêncio conversa com o relógio.
E as últimas lembranças de um dia feliz
brincam de esconde-esconde
com a minha ansiedade.

Até onde irei
nesta busca interminável
para me encontrar?

CHRISTINA LESSA

*Saudade — jangada ao longe,
quase perdida nas brumas!
Cantigas do mar na areia
entre lágrimas de espumas...*
Paulo Freitas

*Jamais se prenda à beleza
da forma efêmera e vã.
A flor é bela, mas passa
com a rapidez da manhã...*
Walter José Faé

*Mesmo, Senhor, que esta vida
Fôsse um eterno sofrer,
Só pelo amor que há na vida
Valia a pena viver...*
Aparício Fernandes

*Teu doce cantar espanta,
canarinho, os males teus?
Canta, meu canário, canta,
que espantas também os meus!*
Benny Silva

*Se o riso fôsse em verdade
uma expressão de alegria,
eu creio que neste mundo
bem pouca gente riria.*
Adênis Bergamaschi

A ESPERA DA JANGADA

Sentado à beira da praia,
O garoto se queixava
Do mar, que forte bramia,
Do vento, que ali soprava.

— Não sopreis, assim, ó
vento!

Nem tanto bramido, ó
mar!

Sossegai, sossegadinhos,
Pra meu pai poder voltar.

Mas o vento, irreverente,
Continuou de soprar,
Nem cessaram seu brami-
do

As ondas loucas do mar.

E o garotinho chorava.
E o garotinho gemia.
Pelo pai, que não chegava,
O garotinho sofria.

E se foi fugindo o dia.
Depois, a noite chegou.
E ali, na praia, a clamar,
O garotinho ficou.

— Não sopreis, assim, ó
vento!

Nem tanto bramido, ó
mar!

Sossegai, sossegadinhos,
Pra meu pai poder voltar.

ODETE DONAH



perfume
JOYA

*É uma jóia de novo e penetrante estilo,
é um presente ideal*

MYRURGIA

EXTRATO ■ LOÇÃO ■ COLÔNIA

Na fazenda do dr. Alvaro Lopes Cançado, o fotógrafo fixou a família Magon-Lopes Cançado, que recebeu a reportagem de ALTEROSA com um churrasco, por ocasião da reportagem de Wânia, já divulgada.

Texto de
FERNANDO P. LIMA

Fotos e Reproduções de
GERALDO VIEIRA



Estréia do Botafogo no México, em março de 1941. O Botafogo ganharia a partida mas perderia Nariz, que abandonou o futebol. À sua direita, um grande craque nascia — Zezé Moreira

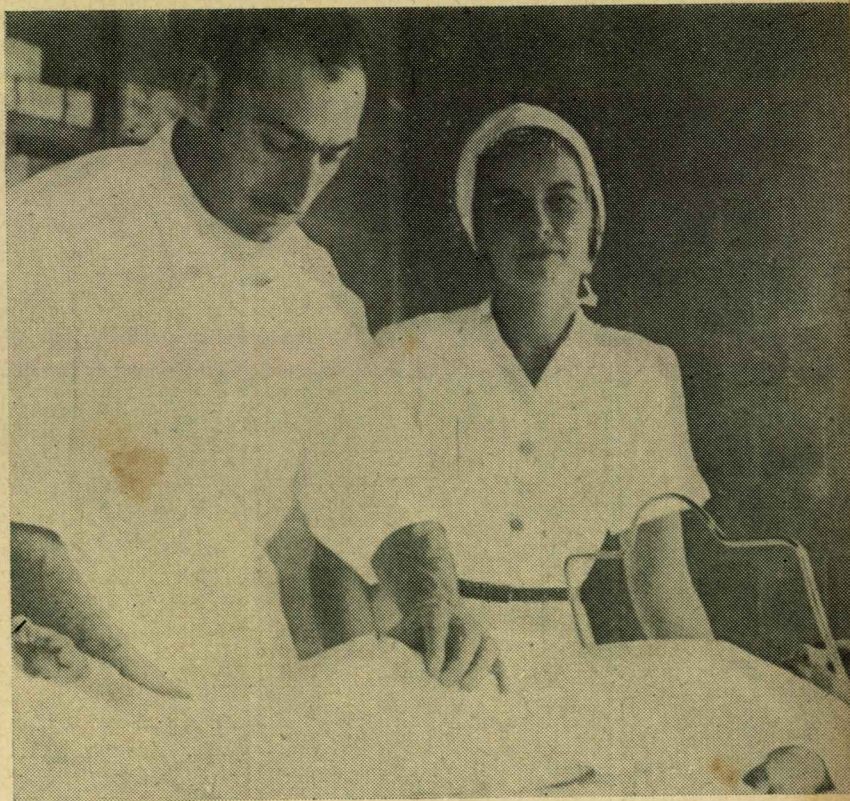
Nariz

De craque de futebol a membro do Colégio Internacional de Cirurgiões

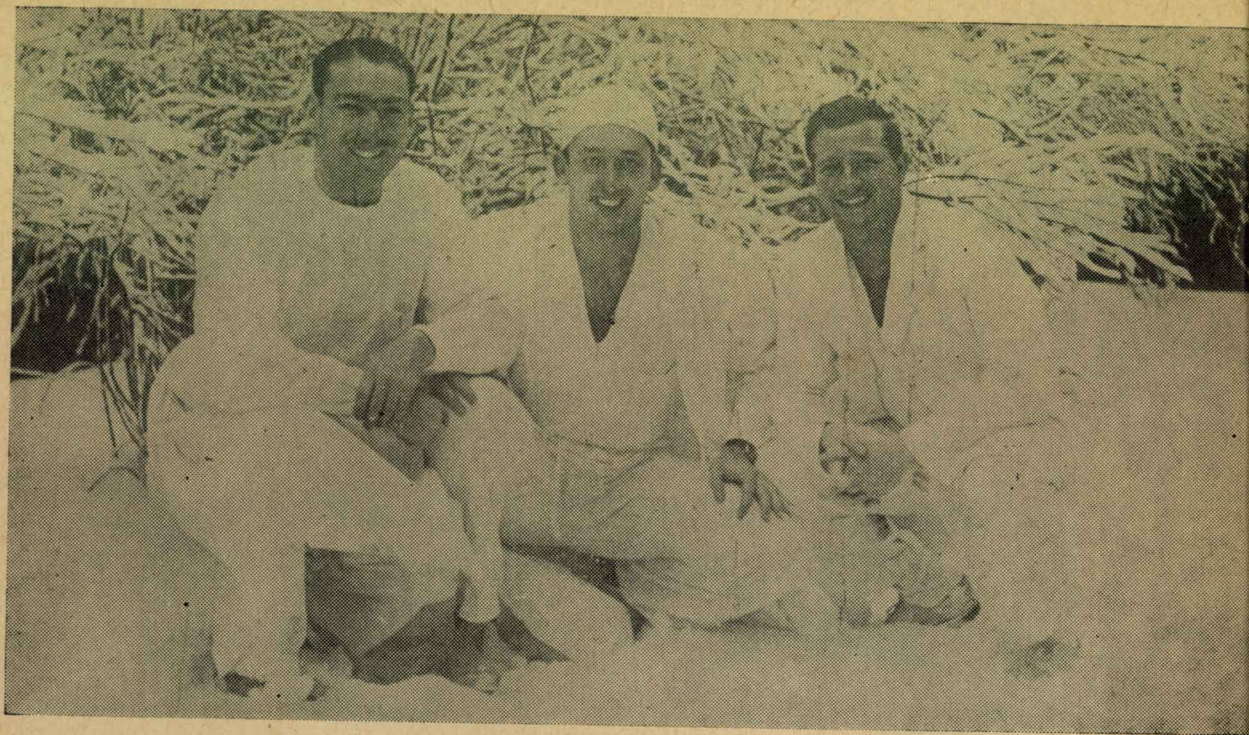
- A LÔ!
— Pronto!
— Dr. Lopes Cançado?
— É. Álvaro Lopes Cançado!
— O «NARIZ»?
— E'. Também é!
— Somos jornalistas, doutor. querendo tomar alguns minutos seus aí em Uberaba, pode ser?
— Não!
— Amanhã?
— Está bem... podem vir!
oOo

Um telefonema interurbano acabara de romper a barreira de silêncio que vedava há anos, aos leitores, a figura do famoso «Nariz», ex-zagueiro do Botafogo do Rio e nossa fabulosa «muralha» da inesquecível Seleção Nacional de Futebol que brilhou em 1938, na Copa do Mundo, disputada nos campos gelados da Europa.

Com efeito, Nariz, o formidável companheiro de Domingos da Guia, Leônidas, Friedenreich e outros extraor-



Primeira operação na vida de um jogador de futebol obstinado e lutador, que havia de pertencer um dia ao Colégio Internacional de Cirurgiões.



NARIZ

dinários jogadores do passado, ídolos autênticos da massa popular brasileira, com o decorrer dos anos «sumiu» do mapa.

Surgiram outros «craques» na Seleção Nacional e outros astros brilharam na defesa do Botafogo. Os anos correram. A grande torcida porém, apesar de gritar pelos Elis, Danilos, Djalmas Santos e Zitos, volta e meia exclamava e exclama ainda na adversidade dos confrontos: «ah! se fôsse o NARIZ não fariam isso, ali eles não entravam!»

Da garganta da multidão ouvimos isto em 50, quando, vencendo a Eli, Gighia chutou inapelavelmente em Barbosa, marcando o gol da vitória contra os brasileiros, diante de um Maracanã estarecido. Como ouvimos alguns anos depois em Wembley quando Taylor venceu, pela quarta vez, o goleiro Castilho. Ou quando o miraculoso Ferenck Puskas deu a vitória à Hungria contra nosso selecionado, na Europa.

Nestes momentos de descontentamento a torcida lastimava-se: «ah! se Nariz estivesse ali...»

De fato, o grande jogador do Botafogo, era o homem da retaguarda. Quando um atacante «façanhava» «driblar» o time todo tremia só em pensar que o último seria o Nariz, e que ele estaria plantado à frente de seu goleiro, como a perguntar: — «Onde é que você vai, menino?»

No futebol a torcida tem, às vezes, o dom de não esquecer e mais ainda o de cultuar os seus heróis.

E' para esta enorme, compacta torcida brasileira, que lota os nossos estádios e se acotovela junto aos aparelhos de rádio e televisão; é ainda para os velhos torcedores do nosso futebol, sacudidos ainda pelo feito da última Copa do Mundo; é para esta gente alegre que vibra nos grandes estádios e nas ruas, acompanhando o «association» nacional, Campeão do Mundo, que

1944. Chicago — American Hospital. Ai, como cirurgião residente, Cançado foi orientado pelo famoso professor Mat. Thorek. "Muito frio por fora — diz ele — mas a chama da obstinação morava dentro de mim". "Tudo que tenho conseguido — continua ele — tem-me custado muito esforço, sacrifício, e trabalho". "O do meio — Cançado faz "blague" — é um cubano, grande sujeito, não sei se está indo muito bem com Fidel Castro; oxalá esteja".



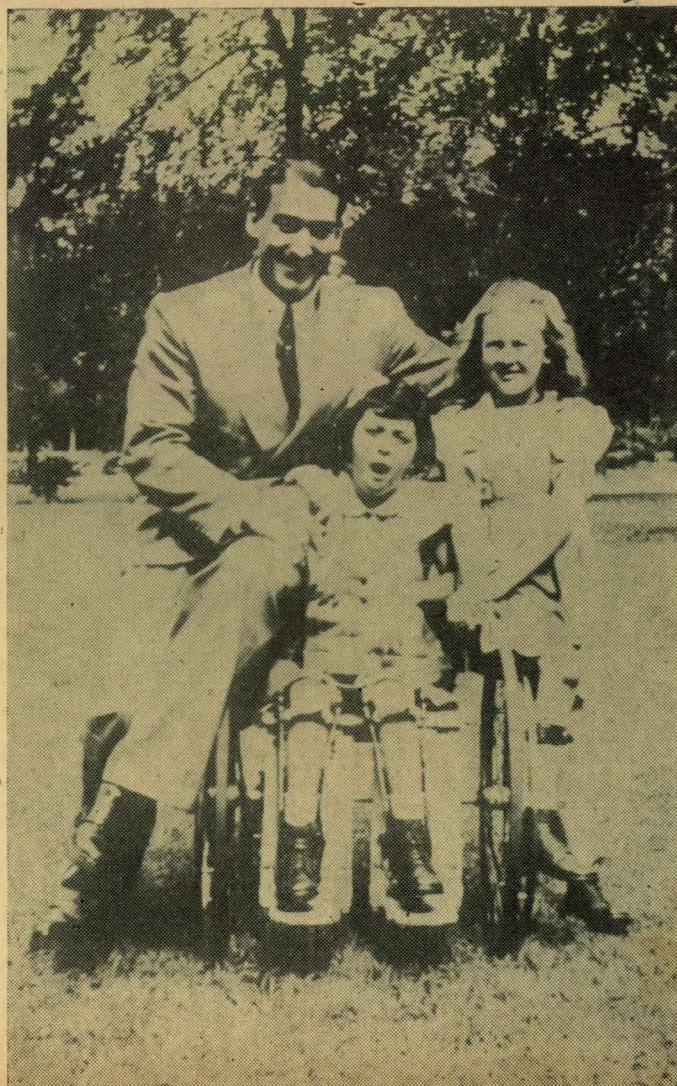
1943. New Jersey. EE.UU. — Tendo como fundo a residência de Tomás Edson, Wânia, o pai, a mãe e outros membros da família.

ROTEIRO

HISTÓRICO



1942 — Em Warm Springs Foundation, vendo-se, na cadeira de rodas, sua filha Wânia, que recebeu as melhores demonstrações de carinho por parte dos colegas e enfermeiras. "O povo — diz ele — o povo americano é uma grande gente. A fauna dos magnatas é que é a mesma em toda a parte.





trazemos, como em uma busca no passado, a figura do fabuloso Nariz, em carne e osso.

Muitos têm perguntado o seu destino, o que foi feito dele.

Esta reportagem irá responder à pergunta.

o—o

O dr. Álvaro Lopes Cançado recebeu-nos em sua bela residência, numa manhã de domingo, na cidade mineira de Uberaba.

— Vocês virão comigo... vou levá-los à minha fazenda. Feito?

A primeira impressão que temos é daquele mesmo atleta do passado. A fisionomia jovem e o corpo esguio e forte. Poderíamos duvidar que aquele homem sorridente e afável

fôsse o famoso ortopedista de Uberaba mas jamais que fôsse o ex-campeão dr. Nariz — cirurgião do Futebol.

O tempo foi camarada com o dr. Álvaro Lopes Cançado —além de não atingi-lo, trouxe-lhe mais glória e fortuna.

Em 1938, após a Copa do Mundo, a equipe de futebol do Brasil trazia, além de muitas vitórias cavadas nos campos frios da Europa, um novo médico em seu plantel: era ele o célebre zagueiro Nariz, formado em 1936.

Encostando as suas chuteiras, Nariz ainda ficou dois anos no Botafogo servindo agora como médico e logo Chefe do Departamento Médico da equipe profissional. Como cirurgião,

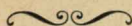
ainda prestava relevantes serviços aos funcionários municipais do Rio.

Em 1940 viu-se — segundo ele mesmo afirma — diante de uma encruzilhada e seguiu a estrada que o destino lhe reservara: a Medicina e nesta a Ortopedia em que viria a se tornar famoso.

Em 1941 foi para os Estados Unidos onde permaneceu três anos, aprimorando os seus conhecimentos médicos, sendo trinta meses em Nova Iorque, sob a orientação dos profs. Léo Mayer e Samuel Kleinberg e seis meses em Chicago, sob a direção do internacionalmente conhecido Max Thorex (já falecido).

De volta ao Brasil, em 1944,

Em meio ao seu gado, com os olhos voltados para o passado, Nariz, professor Alvaro Lopes Cançado, longe dos clientes e alunos, parece às vezes ainda ouvir gritar as multidões que ele trocou pelo pranto das criancinhas e pela súplica dos miseráveis.



Ideal realizado. O ex-zagueiro carioca, depois médico e professor da Faculdade de Medicina de Uberaba, forma sua filha Wânia em medicina. Não houve descendência no futebol, mas na medicina, sim.

NARIZ



deixou o seu querido Rio de Janeiro e iniciou uma nova especialidade — a Traumatootopedia em que vem fazendo renome há mais de quinze anos.

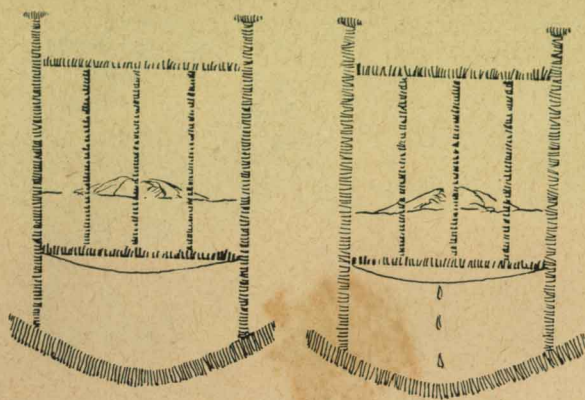
Mas não fica nisso a história da carreira do dr. Álvaro Lopes Cançado. A ele seria conferida a Cadeira de Ortopedia na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro e a mesma cadeira na Escola de Enfermagem Frei Eugênio. O dr. Cançado é membro ativo da Soc. Brasileira de Ortopedia e Traumatologia; da Soc. Latino-Americana de Ortopedia e Traumatologia e ainda membro não só do Colégio Brasileiro como do Colégio Internacional de Cirurgiões. Acaba de ser empossado membro da Comissão Científica da As-

sociação Médica Brasileira.

Tantos títulos apenas sublinham a grande modéstia de um homem simples e bom.

oOo

Chegando à sua fazenda, situada em lugar maravilhoso, a oitenta quilômetros de Uberaba, o dr. Álvaro Lopes Cançado, mostra-nos o terceiro e o mais pitoresco aspecto de sua vida — o de fazendeiro, perito e apaixonado. Em suas terras, cria centenas de cabeças de gado. Nas Exposições que celebrizaram Uberaba, não raro, ganham fitas coloridas que, diga-se de passagem, fazem recordar as emoções que empolgavam Nariz quando, após um belo arremate, recebia o aceno e a ovação de sua fiel torcida.



CRIANÇAS

SENTIMENTO DE INFERIORIDADE E ENURESE

QUALQUER criança que não consegue controlar a urina, molhando-se a tóda hora, inclusive à noite, durante o sono, pode ter êsse comportamento inconsciente motivado pelo fato de sentir-se inferiorizada com relação a seus irmãos mais novos ou mais velhos.

O problema, entretanto, será muito maior, se a criança fôr gêmea e o irmão ou irmã saírem-se sempre melhor do que ela em qualquer atividade, principalmente nas escolas. Sentindo-se diminuída por não alcançar os mesmos sucessos obtidos pelo irmão gêmeo, a criança reagirá através do mecanismo inconsciente da enurese, o que a fará sentir-se cada vez mais nervosa e inferiorizada, uma vez que notará que o irmão não molha a cama à noite.

O problema pode tomar proporções seríssimas se os pais não tiverem o cuidado de resolvê-lo com inteligência, evitando principalmente ridicularizar a criança diante de terceiros, medida infelizmente tomada por muitos incautos. Depois de verificar que a dificuldade da criança não se prende a fatores orgânicos, seus pais farão bem em confiá-la aos cuidados de um bom psiquiatra, não se descuidando, contudo, de fazerem também a parte que lhes cabe.

Seu trabalho será no sentido de ajudar a criança a sentir-se em pé de igualdade com seus irmãos e tóda a família deverá cooperar para que isto aconteça. Se ela tem dificuldades em leitura ou em contas, não se deve perder tempo em ajudá-la a melhorar seu raciocínio e seus conhecimentos. Naturalmente isto leva tempo, mas compensa.

Boa medida também é proteger a criança contra programas e brincadeiras violentas e tudo fazer no sentido de criar uma atmosfera mais repousante no lar. Contudo, que ela não perceba estar sendo alvo de cuidados e atenções excessivas, a fim de não se tornar muito dependente.

Depois de algumas semanas, seria aconselhável despertá-la à noite para que ela fôsse ao banheiro e equipar sua cama com um lençol de borracha para que ela não ficasse muito impressionada em caso de um acidente. — Dr. Garry C. Myers

Jaula Sem...

Conclusão da pág. 73

menor sucesso, uma cortina de fumaça. Menos especializadas do que os homens, as mulheres têm a pesar sobre seus ombros os trabalhos mais duros e ingratos: transportam tijolos, removem a neve com pás, espalham o estêrco, e, por êste trabalho, que as esgota e deforma, são pagas com a afirmação oficial de que são as cidadãs mais semelhantes aos homens e, por isto mesmo, as mais privilegiadas do mundo. As estatísticas mostram que as mulheres formam os 55% da população da União Soviética, cêrca de 12 ou 13 milhões mais que os homens; pode-se afirmar que a edificação do socialismo não teria sido possível, sem a contribuição dos seus músicos.

Tudo seria tolerável na URSS sem a mentira. Tudo pode ser explicado e mesmo louvado, com os deveres que a Rússia se tem proposto, com o alvo grandioso, ainda que quimérico, que ela persegue. É possível não se levar em conta a falta de comodidades, a má nutrição, a qualidade medíocre dos objetos de consumo, o baixo teor de vida, as imperfeições do comércio e dos transportes. O que é insuportável é a deformação constante dos fatos, a subordinação sistemática da verdade à utilidade, a propaganda impressionante e esta primeira forma de mentira que é a amputação da liberdade.

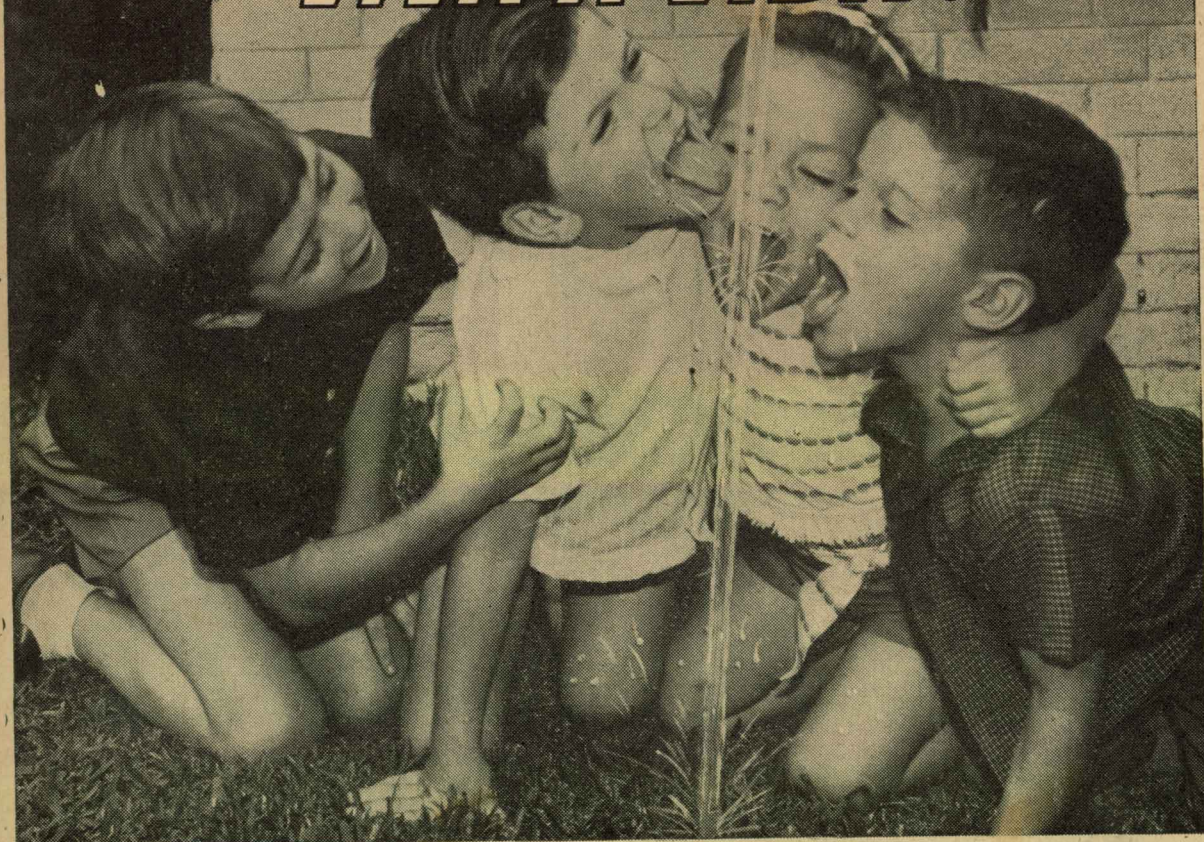
A Maior Floresta

Conclusão da pág. 65

centes tenham abundância para sempre. Se falhares, ou alguém depois de ti, na eterna vigilância de tuas terras, teus campos se transformarão em solo estéril e pedregoso ou em grotões áridos, teus descendentes serão cada vez menos numerosos, viverão miseravelmente e serão eliminados da face da terra».

Foi colocada no mercado americano uma cigarreira automática, particularmente destinada aos fumantes decididos a fumar menos. A cigarreira abre-se somente a intervalos prefixados.

Ah... Kolynos... VIVA A VIDA!



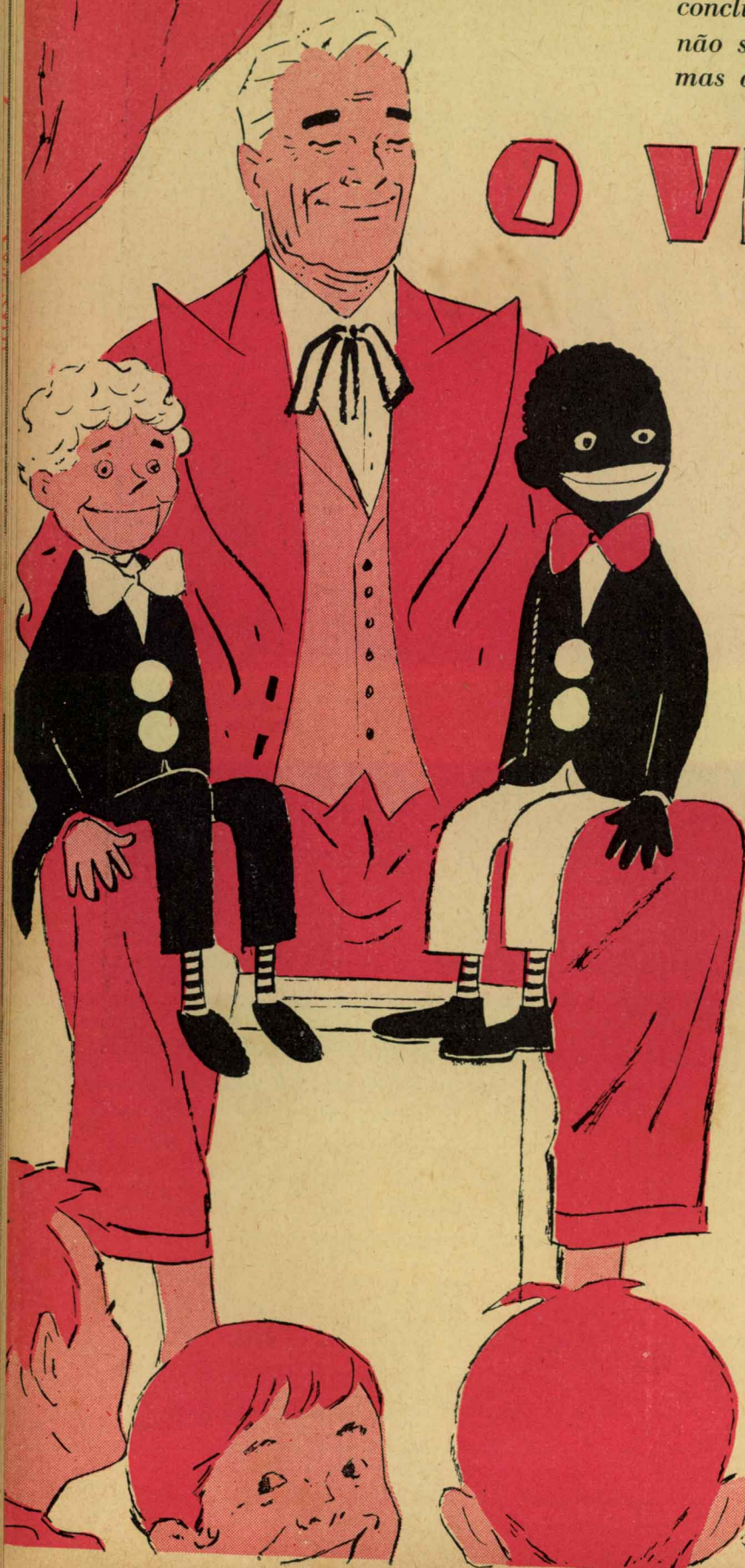
SORRIA COM OTIMISMO! SINTA EM SEU HÁLITO A SENSAÇÃO GOSTOSA... REFRESCANTE... DE KOLYNOS! Sim... Viva a Vida! E Kolynos é mais uma chance para seu sucesso, em cada momento! A exclusiva espuma de Kolynos, com maior poder de limpeza, alcança todos os pontos, clareia mais os dentes e deixa em sua boca uma refrescante sensação de bem-estar. Escovar seus dentes com Kolynos é a melhor proteção contra a cárie... perfumada proteção para seu hálito. Só o dentista pode cuidar melhor de seus dentes!

COMBATE AS CÁRIES!
REFRESCA O HÁLITO!
CLAREIA OS DENTES!



Ponderou bastante e chegou à conclusão de que a angústia não seria tanto a morte, mas a vida.

O VENTRÍ



O LOURINHO era o Arlindo. Tinha uma cabeça muito grande e os cabelos encardados eram quase dourados. Olhos pequeninos de quem é muito espantoso. Vermelho. As maçãs do rosto protuberantes. O rosto imóvel tinha um sorriso melancólico de criança com verminose.

O pretinho era o Tião — nem poderia ter outro nome. Gafurinha escura enroladíssima logo acima do rosto sereno de gente de sisão. Cara brilhando como um espelho. A boca era enorme com beijos que se esparramavam pelas faces. O primeiro vestia um terninho azul-marinho com botões dourados, o segundo, um paletó vermelho com botões dourados também, e calças brancas. Mas, nos dois o sorriso era idêntico. Sem graça, triste, solitário.

Estavam sempre sentados nas cadeirinhas colocadas ao lado da cabeceira da cama do ventríloquo.

E o ventríloquo era o Kazan. O famoso Kazan dos velhos tempos. Pouca gente se lembrava, mas em seu tempo teve fama que cobriu todo esse interior enorme de São Paulo. Kazan, Arlindo e Tião eram o trio famoso. Arlindo, espeloteado, sempre criando casos, sempre brigando, sempre fazendo a criança rir, sempre chegando àquele ponto de quase dizer um palavrão, justamente quando Kazan interferia.

Tião, sossegado, voz grave, sempre dando lições ao endiabrado Arlindo. Brigavam, discutiam, quase chegavam às vias do fato, mas eram bons amigos. Unia-os o amor de Kazan às crianças.

LOQUO

Conto de

ANTÔNIO PEREIRA DA SILVA

Ilust. de

MOURA

Kazan andava agora com 56 anos. Cabelos branquinhos. Um sorriso espontâneo a correr-lhe constantemente nos lábios. Vivia de rendas. Com o que ganhara, quando percorrer os teatros do interior, comprou algumas casas, instalou-se numa vivendo do aluguel das outras.

Gostava de crianças. Quando se casou, lá pelos seus deliciosos 24 anos, sonhara com os filhos. Era então corretor de imóveis. Com a gravidez da esposa exultou. E ficou esperando, ansioso, a vinda do primeiro filho. Veio, mas não veio com as flores sonhadas. Veio com desgraça e tristeza. Morreram-lhe mulher e filho. E Kazan, que era então Geraldo e nem tinha ares misteriosos desesperou-se. Para fugir do sofrimento, das recordações e do sonho desfeito, meteu-se num circo. E foi pelo interior como bilheteiro, contador, secretário, qualquer coisa, ou tudo, e acabou ventríloquo. Arranjou o Arlindo, arranjou o Tião, deixou o circo por fim, e passou a trabalhar por conta própria. Já era Kazan. E como Kazan esparramou fama pelos cinemas-teatros do interior. Como ventríloquo tinha um público quase que exclusivamente infantil. Radiava portanto com a profissão que o trazia sempre junto das crianças.

Como gostava delas! Como gostava! Era comum, em suas temporadas apresentar-se gratuitamente em Grupos Escolares, Orfanatos, etc. Gostava mesmo. E envelheceu sem ter tido um filho. Pensara em casar-se de novo, tentar de novo, mas a lembrança do primeiro de-

sastre inibia-o, enchia-o de culpa e acabava por desanimá-lo.

Agora, Kazan aposentado, morava naquela ruazinha sossegada, pequenina, mas só de casas bonitas e cheias de crianças. E continuava rodeado delas. Volta e meia, um bando aparecia em sua casa e requisitava os trabalhos do Arlindo e do Tião. Kazan fazia-se de rogado, inventava coisas, mas no fundo sentia-se feliz e orgulhoso. Por mais ocupado que estivesse sempre acabava cedendo. No fundo, era-lhe um prazer ceder.

E com que satisfação entrava no quarto e olhava os olhares imobilizados e até certo ponto melancólicos dos bonecos. Mirava-os orgulhoso por algum tempo antes de apanhá-los de suas cadeiras. Tião sempre na direita. Arlindo, o irrequieto, à esquerda.

Levava-os para a sala. Sentava-se numa cadeira comum, num dos ângulos, enquanto as crianças, atentas, no ângulo oposto, ajeitavam-se no amplo e macio sofá.

E começava a função gratuita de Kazan e seus fabulosos bonecos falantes. Pigarreava uma, duas, três vezes como se já tivesse algum medo da garganta velha.

Perguntava o nome ao Tião.

— Tião. — respondia o boneco, grave e solícito.

Mas o Arlindo não dizia. Não interessava, ninguém tinha nada a ver com a sua vida. Voz apertada de fundo de garganta. Aguda e espoleta. Ameaçava, quase xingava. Tião entrava na conversa, ajudava Kazan a convencê-lo. Arlindo chamava-o de Negrinho do Pastoreio, porque não ia procurar o boi perdido. Ao invés de ficar enchendo. Kazan aparteava. Tião chamava-o de canarinho foguinho. Discutiam e Kazan separava a briga na hora exata. Mas Arlindo ficava no propósito de não dizer o nome. Silenciava, não dizia mais nada. Só virava o pescoço comprido em direção a Kazan. Súbito, enfezava-se. Ameaçava abandonar tudo, escorregava da perna de Kazan para o chão, pronto para retirar-se. Mas o ventríloquo segurava-o, punha-o no colo de novo. Adulava-o, prometia-lhe doces e mais isso e mais aquilo, até que o Tião, por sua vez, achava ruim com tantas promessas para que o espeloteado Arlindo ficasse bonzinho. E recomeçava a discussão. A criança exultava. Ria, ria e coroava o término da seção com muitos aplausos. Kazan erguia-se, pigarreava, curvava-se agradecido àquele aplauso sempre sincero das crianças e levava-os, em seguida, até à porta despedindo-os. Depois voltava para dentro.



com uma felicidade muito grande no rosto e na alma. Quase beijava os bonecos de olhares solitários. Levava-os para o quarto cantando.

Na rua os meninos discutiam os dons de Kazan. Uns afirmavam que ele falava pelos cotovelos, outros acreditavam que fosse pela barriga. Os menores, que constituíam a maioria, falavam que os bonecos falavam mesmo. No geral, todos concordavam que Kazan, Arlindo e Tião eram fabulosos.

Quando passava pelas ruas, as crianças deixavam tudo e corriam para junto dele. Rodeavam-no, perguntavam-lhe mil coisas ao mesmo tempo, penduravam-se em suas mãos, agarravam-se em suas pernas, corriam à sua volta. Kazan não se amofinava. Antes, sorria satisfeito e tinha um afago para cada cabecinha.

— Seu Kazan, leva o Arlindo no meu aniversário, no sábado. Mãe disse que pode levar o Tião e o Arlindo.

— Levo.

— Seu Kazan, leva o Tião pra vovó ver ele falar...

— Seu Kazan, traz os dois lá em casa; meu irmão não acredita...

— Seu Kazan...

— Seu Kazan...

— Faço!

— Levo!

— Tá certo!

E a roda de crianças ia-se arastando à sua volta, pedindo, dando palpites, gritando e Kazan seguia alegre, satisfeitíssimo com a retribuição que as crianças dispensavam ao seu amor.

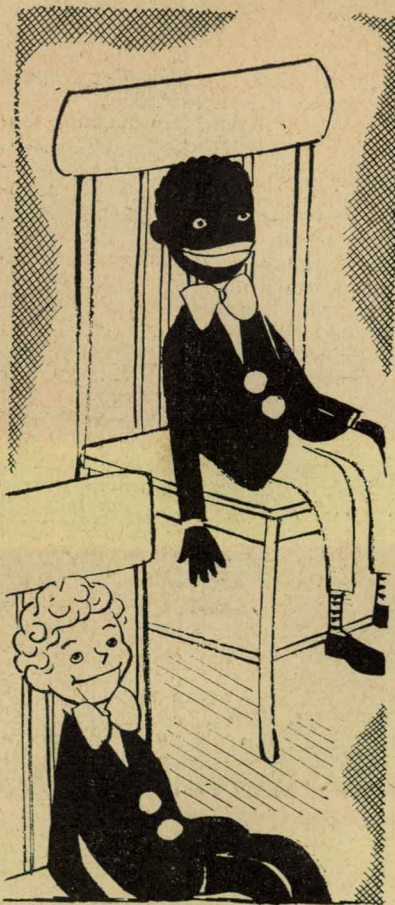
Mas não ficava nisso. Não só as crianças conheciam-no e admiravam-no. As mães e os papais cumprimentavam-no com um sorriso de agradecimento. Kazan curvava-se mais agradecido ainda.

Era feliz. Por que não ser feliz? Era capaz ainda de trabalhar com o Arlindo e o Tião. Era querido na sua rua. Era amado pelas crianças que sempre amara. E não era pobre.

Era, portanto, a vida de Kazan, um sorriso constante. Tinha que ser.

Kazan já era velho. E doenças ruins gostam dos velhos. Por entre a satisfação imensa que lhe era o viver, um dia, sentiu a garganta irritada. Nada de extraordinário no irritar da garganta de um ventríloquo. Mas a irritação não diminuía. Antes, aumentava, lenta, mas constantemente. E aumentava o pigarro que, por sua vez, aumentava a irritação. Alimentos secos incomodavam. Mas uma irritação na garganta não é nada, nem chegou a empanar de leve a satisfação constante de Kazan. Um dia deu pela

coisa. Diabo de garganta que não melhorava. Foi ao médico. Fêz-se um exame de laboratório. O resultado foi a segunda grande desgraça da vida de Kazan: câncer! Câncer! Meu Deus! Era a morte! A morte para um futuro muito próximo! Kazan sentiu o choque do inevitável. Estremeceu. Ponderou bastante e chegou à conclusão de que a angústia não seria tanto a morte, mas a vida. Como viver o restinho de vida que lhe sobrava? Tomando remédios... comendo líqui-



dos... falando, e aqui vinha o pior, falando pouco... e silenciar para sempre, com toda a certeza, o Arlindo e o Tião. Não! Mas, como não? Forçar a garganta seria apressar o fim! O fim? O fim não seria nada. E as dores que o antecedem? Os sofrimentos que poderiam advir? O médico não se mostrara tão desanimado. Havia possibilidades. Era tomar os remédios, falar pouco, não cansar a garganta e acreditar em Deus. A cura viria e, com ela, Arlindo e Tião falariam de novo. Fé! Coragem! Sacrifício! Mas Tião e Arlindo não podiam silenciar. Falaram sempre,

brigaram sempre. Fizeram rir as tantas crianças... Não podiam silenciar. Inconcebível imaginá-los mudos, eternamente silentes, eternamente imóveis sentados em suas cadeirinhas. Ele, sim! Silenciaria para sempre, se necessário fosse, mas falassem os bonecos. Os bonecos precisavam falar. Precisavam. E as crianças? As crianças precisavam sorrir. Apontar o Tião, apontar o Arlindo. As crianças precisavam aplaudir, rodeá-lo na rua.

— Deixa o Tião ir lá em casa, seu Kazan...

— O Tião não fala mais...

— O senhor não quer que ele fale!

Não, não, não, não! Tião precisa falar! Arlindo precisa falar!

— Doutor, há possibilidades?

— Há, sim, seu Geraldo, não é caso de desespero...

Estava no início. Era só algum sacrifício e, talvez, nem operação...

Mentira! Não queria amedrontá-lo! Era grave! Sabia que era! Não tinha medo, no entanto. Tinha medo do silêncio. Do silêncio dos bonecos...

— Mas, doutor...

— Não se preocupe...

Andava amargurado. A irritação estacara mas não regredia. Tião e Arlindo imóveis nas suas cadeirinhas. Melancólicos, sorrisos tristes nos lábios mudos. Doidos de vontade de falar. E Kazan angustiado, quase sem coragem de olhá-los de frente. Via-os de enfiado, envergonhado do fracasso físico.

Ninguém abandonou Kazan. As crianças rodeavam-no. Continuava a segui-lo na rua, a pedir-lhe espetáculos, a perguntar pelos bonecos. E os adultos não deixavam de cumprimentá-lo agradecidos. Sorria. Mas a amargura escapava do seu sorriso. Por mais que procurasse disfarçar, estava clara no seu rosto a preocupação que vivia. Os bonecos precisavam falar. As crianças pediam. Há uma semana que iam, diariamente à porta de Kazan.

— Tião tá rouco...

— Arlindo não quer falar. Anda muito zangado.

A situação não podia perdurar. Tião e Arlindo suplicavam do fundo de suas cadeirinhas. E de suas melancolias mudas argumentavam que calar era morrer. E Kazan não queria seus bonecos mortos.

As crianças se retiravam frustradas da porta. Kazan amargurava-se. Voltava para dentro de cabeça baixa. Tremia, mordida os nós dos dedos. Convulsionava-se. Encostava-se às paredes para sustentar-se e, com os punhos cerrados, procurava encobrir os soluços.

Os olhos vermelhos, o rosto macerado, a garganta dolorida, olha-

va os bonecos da porta do quarto, encostado ao portal. Os bonecos olhavam-no mudos e tristes.

— Nós queremos falar.

Kazan também queria. Fechava os olhos e pendia a cabeça sobre o peito. Metia os dedos por entre os cabelos desalinhados. A sua frente estendia-se a platéia em aplausos intermináveis. E ele, erguendo nas mãos os bonecos, curvava-se agradecido, sorriso constante e espontâneo. Não! Os bonecos não podiam silenciar. Respirava opressamente. Ergueu a cabeça. Os olhos brilharam. O coração pulsou forte.

Uma idéia súbita, arrojada, estancou-lhe a amargura. As mãos tremeram. O rosto estacou imaginando as possibilidades, pesando as conseqüências. Mas a garganta doía-lhe. O médico recomendara muito a respeito. Kazan conjecturava. E seu coração galopeava. Lívido, mas audacioso, avançou trêmulo para os bonecos. Sentou-se à beira da cama. Um boneco em cada joelho. Os lábios tremiam na expectativa. Olhou para o Tião, olhou para o Arlindo. Engoliu em seco. A garganta acusou a irritação. Fechou os olhos.

— Tião...

Era um balbucio rouco. Medroso. Mantinha os olhos fechados. Ergueu a cabeça ligeiramente e mordeu o lábio inferior. Faltava-lhe a coragem.

— Tião...

O coração palpitava. Tinha medo de arriscar.

— Tião...

A voz deveria ser grave como sempre. O grave exigia muito. Talvez com o Arlindo... Não. De qualquer forma, falando o Arlindo, o Tião teria que falar também. Começar pelo mais difícil.

Vacilava.

— Tião...

— Pronto, seu Kazan...

Perfeito! A voz não mudara em nada. Mas Kazan esfriava e sentia o suor frio porejar-lhe à raiz do cabelo. A garganta acusara doloridamente a impossibilidade de continuar.

Baixou a cabeça vencido.

— Eles vão morrer...

Teve ímpetos de atirá-los contra a parede. Pisoteá-los. Destruí-los. Por fim, desmanchou-se em soluços e os apertou contra o peito. Que culpa tinham?

Assentou-os em seus lugares e retirou-se abatido. Morrer não seria nada. Duro seria viver sem os bonecos e as crianças.

Tião e Arlindo afundados nas cadeirinhas. Solitários. Quedos. Lá fora, a criança na algazarra do pique. Kazan angustiado. Os de-

(Continua na pág. 6)

Perfume e Embeleze SEUS CABELOS..

com Óleo ou Brilhantina

PALMOLIVE



ÓLEO PALMOLIVE é feito com azeite de oliva, que dá brilho e beleza aos cabelos. Para obter um duplo resultado, embelezador, use ÓLEO PALMOLIVE assim:



1. PARA FRICÇÃO: - Antes de lavar a cabeça, fricção o couro cabeludo com ÓLEO PALMOLIVE. Essa fricção fortalece a raiz do cabelo, ajuda a remover a caspa e facilita uma limpeza perfeita.



2. PARA O PENTEADO: - Aplique ÓLEO PALMOLIVE e seus cabelos ganharão novo brilho, ficando bem penteados e deliciosamente perfumados.

Brilhantina PALMOLIVE

contendo azeite de oliva, revive o brilho natural dos cabelos e mantém seu penteado perfeito e alinhado o dia inteiro.



ÓLEO E BRILHANTINA PALMOLIVE - os únicos que contêm azeite de oliva!

OBESIDADE

MAIS PERIGOSA QUE O CÂNCER

A EXEMPLO de tantas outras cidades americanas, algumas mulheres de Pleasantville (Illinois), com cinquenta anos ou mais, resolveram fundar um clube cuja finalidade é lutar contra «êste flagelo dos tempos modernos: a obesidade». Não se limitaram a isso, todavia, e decidiram igualmente fazer com que outras pessoas tomassem conhecimento de sua experiência.

Influente órgão da imprensa têm saudado o seu «código de honra» como uma notável descoberta no campo da terapêutica de grupo. De acordo com êste, aquelas que, por gulodice, engordarem mais de um quilo por mês, se comprometerão a ostentar na blusa o próprio símbolo do pecado cometido, ou seja um leitãozinho muito gordo e foso.

«Praza aos céus que meus pacientes sejam favorecidos pela sorte», disse-me, por outro lado, o dr. Simeons, êste verdadeiro Bernard Shaw da Medicina Moderna, no Hospital Salvator Mundi, de Roma, onde êle tem tratado de alguns dos obesos mais ilustres do mundo. Não podemos afirmar que êle venha obtendo o mesmo êxito das senhoras de Pleasantville.

Sem dúvida, os obesos se inscrevem entre as criaturas mais infelizes e figuram, certamente, entre as mais incompreendidas, a começar pelos mé-

dicos. «Todos os que vêm procurar-me», continua o dr. Simeons, «foram já, em sua maioria, submetidos a regimes rigorosíssimos, mas geralmente não conseguem se sujeitar integralmente aos mesmos, já que a fome de que padecem e que se lhes reprova como se fôsse gula exagerada, ao invés de ser a causa, é justamente o efeito de sua doença. Para se constatar isto, basta observá-los com imparcialidade. São mortificados não apenas por uma fome atroz e primitiva, que os levará ao desfalecimento se não fôr satisfeita, mas apresentam ainda sintomas de sub-alimentação fisiológica: hipertiroidismo, pulso irregular, fadiga e esgotamento das últimas reservas... E se se atiram como crianças sobre todos os bombons, e avançam sobre as garrafas de uísque ao alcance de suas mãos, é porque o açúcar e o álcool são os alimentos mais capazes de aliviar, ainda que por instantes apenas, a sua fome.

— Fome em meio da fartura? Esgotamento de suas reservas, enquanto êles nadam em gordura? — interrompi eu, acreditando haver surpreendido uma mancada daquele que, nos meios médicos de Londres, é conhecido como «o nosso enfant terrible».

— Certo que êles nadam nela, respondeu-me tranqüilamente o dr. Simeons, mas como um náufrago num mar de óleo. E verá porque:

«As substâncias graxas de nosso corpo que têm sido tão caluniadas, constituem não apenas uma excelente almofada para todos os órgãos — globos oculares, vasos sanguíneos, intestinos, seios femininos — que têm necessidade de ser protegidos e sustentados, mas ainda são uma fonte inigualável de combustível: com algumas dezenas de gramas de graxas, as aves de arribação empreendem vôos que esvaziariam os reservatórios de nossos aviões a jato. Ora, nossas reservas de combustíveis se apresentam sob variadas formas. Em primeiro lugar figuram as produzidas no intervalo entre as duas principais refeições, e que respondem às necessidades energéticas imediatas de nosso organismo: permitem aquilo que em linguagem bancária se denomina «saques à vista» sobre uma conta. E em segundo, previstas para dias, semanas e até meses, estão as que em todo o reino animal, fazem frente às necessidades de energia que ultrapassam o normal: ocasiões em que se luta, ou em que se foga como a gravidez, velhice, privações — correspondentes, assim, às operações financeiras a médio e a longo prazo. Acontece, porém, e isto só com o homem ou os animais domésticos, como por exemplo porcos, patos, velhos cães, etc, que tais acumulações de gorduras superam as necessidades a curto, médio e até mesmo a longo prazo do nosso organismo: elas incrustam-se, então, sob a forma de «depósitos fixos», escapando ao controle do centro regulador e mobi-

lisador das matérias graxas que os especialistas localizaram, há pouco, no diencéfalo, a parte do cérebro de formação mais antiga.

Ocorre também — na verdade, menos frequentemente — que a fortuna de um capitalista se multiplica em proporções tais, que seus conselheiros não mais encontram para ela uma aplicação razoável, e então decidem imobilizar uma parte dela em ouro, diamantes, obras de arte ou outros valores garantidos, e depositá-los num cofre forte. Suponhamos agora que, em decorrência de uma negligência imperdoável, a chave do cofre se tenha extraviado. Com o ritmo intenso de sua vida e negócios, o capitalista em apuro se achará, de repente, tão desaparelhado, como se nunca tivesse podido contar com seus fundos imobilizados. Tal é a situação do obeso sobrecarregado com seus depósitos fixos de gordura. Para fazer frente às necessidades de seu organismo, aumentadas por sua própria condição, ele disporá apenas da conta corrente que lhe será aberta por uma refeição. Mas, seus saldos líquidos se esgotam tanto mais rapidamente quanto seus créditos congelados valorizam.

E', portanto, um erro crasso, conclui o dr. Siemeons, tratar da mesma maneira as diferentes formas de obesidade, das mais benignas às mais graves. Os poucos quilos a mais ou de menos, cujo controle podemos conservar com a ajuda de um regime apropriado ou de exercícios físicos, na verdade, não constituem um problema médico. Para combater as «obesidades acidentais», em que o centro regulador das substâncias gordurosas perde provisoriamente seu controle dos «depósitos fixos», não nos faltam meios dietéticos, hormonais ou psicoterápicos. Mas para as «obesidades hereditárias», em que os tecidos adiposos mostram tendência, desde o nascimento da criatura, para fugir ao controle do diencéfalo, achamo-nos, até os dias de hoje, praticamente desarmados. O tratamento mais adequado contra a obesidade hereditária deveria basear-se não na subalimentação, mas na mobilização, por todos os meios, dos depósitos fixos de gordura.

Esta imagem importuna do obeso morrendo de fome sobre montões de gordura tal qual Harpagnon sobre uma pilha de ouro, é também encontrada nas recentes declarações de um dos mais célebres bioquímicos norte-americanos, o dr. Dole, da Fundação Rockefeller. «Tomando-se por base a razão de 8 calorias para cada grama de gordura, um organismo jovem normal, contando com 12 quilos de gordura armazenadas, disporá de 100.000 calorias, que poderão cobrir suas necessidades energéticas pelo espaço de um mês. Esta a razão pela qual um homem portador de boa saúde, e contanto que não lhe falte água, pode sobreviver pelo espaço de um mês ou mais, sustentado apenas pela energia vinda de suas reservas. Neste caso, passará a levar uma vida cada vez mais letárgica. Este arrefecimento do

metabolismo costuma, aliás, ser observado com frequência entre os obesos submetidos a um regime severo, que disporiam assim, se fôsem capazes de mobilizá-los, de um estoque de matérias graxas suficiente para vários meses e até nos casos extremos, para um ano!

Resta agora perguntar: quais as conclusões práticas a serem tiradas desta concepção da obesidade, inteiramente nova e estabelecida em bases científicas?

Alguns quilos a mais ou de menos...

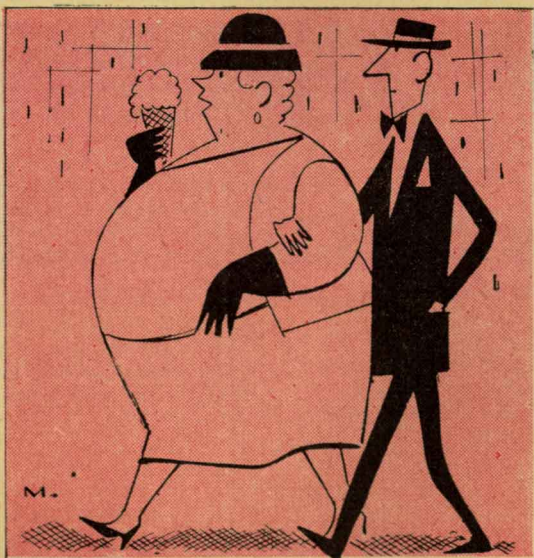
De acordo com a opinião externada por dirigentes da Associação Médica Americana e pelo dr. Keys, autor do «best-seller» *Eat well and stay well* (Coma bem e viva bem), o perigo resulta principalmente dos numerosos «métodos de cura» postos em prática hoje em dia, e que se traduzem em regimes, alimentos de baixo teor calorífico, pílulas e drogas milagrosas destinadas a determinar o emagrecimento pelo modo positivo, ou pelo negativo, anulando-se o apetite. Na verdade, o que conseguem tais métodos, quando não se mostram de todo nocivos, é desviar a atenção dos interessados do único procedimento capaz de fazer com que percam alguns quilos: «comer menos e dedicar-se a exercícios físicos». Ficando estabelecido que sempre deverá haver pessoas gordas e magras, grandes e pequenas, morenas e loiras, assinala o dr. Keys que, na procura do «pêso ótimo» para cada um, não se deve exigir que um lutador de box apresente o mesmo número de quilos quanto um auxiliar de escritório. As tabelas existentes atualmente fornecem tão somente pesos médios, sem levarem em conta as qualidades natas do esqueleto, a robustez muscular ou a composição dos tecidos.

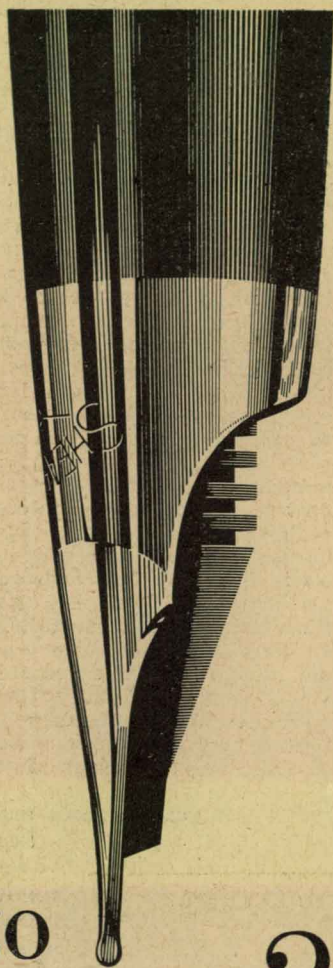
A gordura mata mais que o câncer

Segundo a bioquímica, deve-se levar em conta «menos o nosso pêso bruto que a proporção de nossos tecidos adiposos». E de acordo com as mais recentes constatações da clínica médica, a gordura em excesso mata mais que o câncer. Por sua causa, a incidência da mortalidade cardíaca apresenta-se triplicada, ocorrendo o mesmo com as trombozes coronárias, cuja incidência ultrapassa em quatro ou cinco vezes o índice admissível em condições normais. Dentre 25 pessoas que morrem de diabetes, encontram-se 1 magra, 4 normais e 20 obesas, ou gordas como se diz comumente. Como eu me espantasse diante de um cirurgião meu amigo, o qual,

da mesma forma como quase todos os seus colegas, conseguia manter-se esbelto, disse-me ele: «Se você assistisse ao espetáculo que nos é reservado pelos apêndices ou vesículas nadando na banha, compreenderia o nosso empenho de manter-nos sempre em forma. Aliás, diga-se de passagem que os obesos sucumbem ao choque operatório com uma frequência quatro vezes maior que os outros».

Perfeitamente, mas como saber se nossas reservas de matérias graxas já ultrapassaram ou não





Quanto dura uma ? SHEAFFER'S

Ninguém sabe. Em condições normais de uso, sem que aconteça nenhum acidente, a Sheaffer's Imperial dura muito mais do que qualquer outra caneta. E há razões de sobra para isso. Em sua fabricação entram 379 operações do mais alto padrão técnico. Todas as suas peças são de qualidade ultra-controlada. A pena cilíndrica - exclusividade Sheaffer's - é muito mais sólida e durável do que as penas comuns. Sua ponta de irídio, além de garantir uma escrita suave e firme, é incrivelmente resistente. Enfim, todos os detalhes da Sheaffer's garantem durabilidade. Com uma Sheaffer's V vai escrever melhor durante mais tempo.

— qualidade Sheaffer's - garantia Sheaffer's

qualquer caneta escreve melhor com Tinta **Skip** - única com RC-35

Sheaffer Pen Internacional

NEHEMY AIDAR IND. E COM. - Rua Monsenhor Rosa, 2-A - Franca
Estado de São Paulo



a cota normal? O método mais rigoroso consistiria em nos fazer pesar sobre a água, para conhecer a «gravidade específica» de nossos diferentes tecidos. Na impossibilidade disto, o dr. Keys recomenda o «teste que consiste em se beliscar a região posterior do braço compreendida entre o cotovelo e o ombro». Se a prega formada com a compressão dos dedos apresentar uma espessura da ordem de 4mm, aos 20 anos de idade, e de 6 aos 50, a pessoa interessada, caso seja do sexo masculino, pode considerar-se muito magra. Para as mulheres, que têm necessidade de maior quantidade de reservas, a fim de enfrentarem a gravidez, as medidas mínimas, que tanto num como no outro caso poderão ser verificadas com o auxílio de um compasso, deverão ser de 8 mm, aos 20 anos, e de 9 aos 50. Em compensação, apresentando dobras de 14 mm, aos 20 e de 20 aos 50, para os homens, ou 23mm, aos 20 anos e de 35, aos 50, para as mulheres, cuidado: você está excessivamente gordo. Tente, pois, este teste, que contribui para preservar-nos de desagradáveis surpresas. Um homem que exerce uma função sedentária e que, com seus 75 quilos, para uma altura de 1,75 m, se vangloria de gozar de perfeita forma, notará talvez, que é muito mais gordo que o normal.

Qual, então, o remédio contra a invasão da gordura? Um regime que deverá ser prescrito o quanto antes. Não constituindo ainda pontos fixos, os depósitos de gorduras poderão ser reduzidos pela diminuição das calorias proporcionais por nossa alimentação, acompanhada de um acréscimo nos nossos esforços musculares.

A obesidade accidental

O endocrinologista alemão Karl Venzmer observa que na Alemanha, na época do racionamento, de 1945 a 1949, para cada três homens que vinham fazer consultas pelo fato de haverem perdido 20, 30 e até 40 quilos, correspondia, pelo menos, uma mulher, que se queixava de haver engordado um outro tanto. Seu eminente colega, o doutor Gilbert Dreyfus, estudou durante muito tempo o caso de algumas jovens francesas que, com a vida econômica e afetiva alterada em decorrência da prisão do marido, aumentaram, repentinamente de peso, embora atravessassem uma quadra de extrema penúria.

Em recentes congressos médicos consagrados à obesidade, o dr. Katz citou o caso de uma jovem senhora que, durante os três meses de agonia de seu filho leucêmico, veio a engordar 20 quilos, embora sua alimentação tivesse sido rigidamente dosada.

Não é de hoje que a sabedoria popular conhece certos períodos ou fases característicos, quando as moças costumam engordar. Figuram neste caso a época em que entram para o internato, ou quando melhoram de vida, citando-se também o fenômeno ocorrido com as dissolutas. Os homens, por sua vez, não estão excluídos desta observação e como exemplo citam-se, na literatura médica casos de maridos que sem haverem modificado os seus hábitos alimentares, passaram a engordar logo que suas esposas ingressaram na menopausa! Acontece, da mesma forma, que tendo o centro regulador do diencéfalo perdido aparentemente o controle das substâncias graxas ingeridas, os depósitos gordurosos se tenham estabilizado acima de seu nível anterior. Isto, mesmo após um período de carência fisiológica, como a crise da puberdade, a gravidez, alguma doença intestinal, fome, etc.

Tais perturbações se verificam muitas vezes durante a puberdade, após o parto na menopausa, o

(Conclui na pág. 72)

Quando Você lava com Rinso

R-636

o seu trabalho aparece...



...porque Rinso lava mais branco!

A mamãe está tôda contente! O vestidinho da filhinha é bem mais branco! Todos notam como ele está limpinho... como foi bem lavado!

Com Rinso o seu trabalho aparece... Rinso lava mais branco porque se dissolve totalmente na água e forma aquele Mólho Super Espumoso que limpa fio por fio dos tecidos. Rinso vai buscar até o suquinho miúdo que os sabões comuns não conseguem alcançar. É por isso que Rinso lava mais branco!

E as cores lavadas com Rinso, então... que beleza! Ficam firmes, vivas e muito mais bonitas, porque Rinso não contém alvejantes. Rinso é puro, e com Rinso não é preciso esfregar muito ou bater a roupa no tanque. Rinso lava mais branco, conservando os tecidos!

Lave tôda a roupa de sua casa com Rinso e veja, com satisfação, como Rinso lava mais branco!



**Rinso
ajuda
Você
a lavar
melhor!**



Tudo inédito, tudo majestoso, tudo gigantesco no Hôrto Florestal de Rio Claro. ☆ Edmundo Navarro de Andrade, um nome que o Brasil não decorou.

NO BRASIL

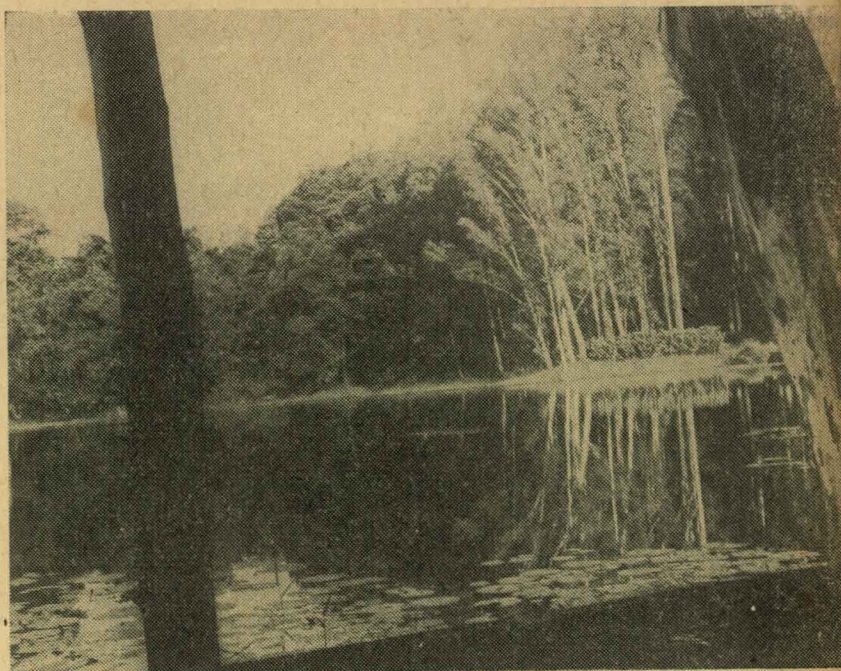
a maior floresta

artificial do mundo

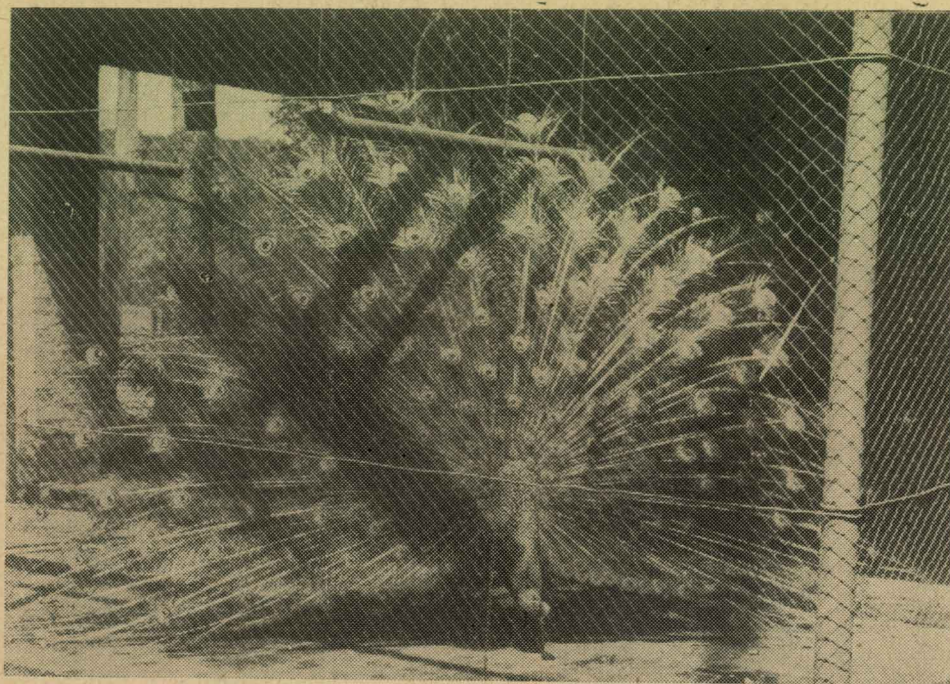
Texto e Fotos de

WALTER JOSÉ FAÉ

◀ Eucaliptos quase sexagenários, com mais de 50 metros de altura por metro e meio de diâmetro, formam aléias, soldados em posição de combates, prontos para defender a pátria contra a erosão, o subdesenvolvimento e a fome. Existe uma interdependência entre floresta e civilização. Os povos que disso se esqueceram foram duramente castigados. Assíria e Babilônia são exemplos. A floresta é indispensável como reguladora dos cursos d'água, dos microclimas e como fonte de perene fornecimento de materiais úteis à vida humana. Usar a árvore, sem extingui-la, é a única forma possível de manter um perfeito equilíbrio entre a sua função reguladora nas diferentes regiões do globo e a de atender a tôdas as exigências e necessidades humanas.



No Hôrto de Rio Claro há também um magnífico lago de águas tranquilas, onde os eucaliptos e as palmeiras imperiais se refletem nas manhãs ensolaradas. Uma autêntica paisagem tropical.



Também pássaros vivos encantam os olhos do visitante. Esse pavão, por exemplo, fez pôse, abriu o enorme leque multicolor e se deixou ficar diante da câmera, tranqüilamente, em close, recebendo feliz os raios do sol e a admiração do fotógrafo.

UM dia, talvez há uns cinco anos, lendo «Onda Verde», editado por Monteiro Lobato, deparamos com estas afirmações:

«Se fôramos médico e acaso nos surgisse, consultório adentro, um cliente nas últimas, queixoso de gelidez dalma, anquilose do entusiasmo, indiferença em grau nirvânico, cepticismo marca FFF, receitar-lhe-íamos, incontinenti, o único medicamento capaz de salvar semelhante desgraçado: uma visita ao Hôrto Florestal de Rio Claro. E daríamos a cabeça a cortar — prossegue o ilustre escritor — se o infeliz não regressasse enfolhado de esperanças, como um plátano de setembro, ou apendoado de flores como as roseiras de outubro. Porque o Hôrto não se limita a ser um remédio de efeito aleatório: é um tópicio, um porrete melhor que o mercúrio para a sífilis ou a aspirina para as nevralgias».

Mas que Hôrto maravilhoso é êsse, capaz de provocar tanto entusiasmo de Lobato, êle que era sóbrio por natureza? — há de perguntar o leitor.

— Ah! o Hôrto é uma coisa séria. E' dessas lições vivas de energia que só julgamos possíveis em outros países, o próprio Lobato nos responderia.

Se você quer ter mesmo o orgulho de ser brasileiro, mas orgulho merecido e justo, e dos maiores, então vá a Rio Claro, e lá vai encontrar o que não pode ver em parte alguma. E' tudo inédito, tudo gigantesco, tudo majestoso: o Hôrto Florestal!

O conselho e o orgulho de Lobato levou-nos a experimentar o medicamento receitado em boa hora. Era janeiro. Um «Faixa-Azul» (rápido, luxo) da Cia. Paulista de E. de Ferro levou-nos de S. Paulo a Rio Claro. Cômodamente instalados, nem percebemos os 193 quilômetros percorridos, em pouco mais de três horas, tão grande o desejo de conhecer o paraíso lobateano.

Chovia, quando chegamos. Melhor anotar informações e aguardar o sol. Situada em clima ameno, 612 metros de altitude, terreno plano, Rio Claro conta com 60.397 habitantes no município e 48.548 na cidade, segundo o censo de 1960 nos informa, abrangendo 719,04 quilômetros quadrados de superfície. A cidade foi fundada a 10 de junho de 1827; cinqüenta e dois anos depois, no dia 6 de maio, era elevada à Comarca. Conta com todos os melhoramentos das cidades modernas, quase 12 mil edifícios, telefones automáticos inaugurados no dia em que chegamos, e um jardim público famoso em todo o Estado. Porém, o nosso objetivo era o Hôrto Florestal, situado à direita da ferrovia. Conhecemo-lo no dia imediato. Lobato tinha razão.

Logo à entrada do Hôrto, quartel-general do eucalipto no Brasil, vê-se um bronze perpetuando a memória de Edmundo Navarro de Andrade, comandante supremo dessa maravilhosa planta, dádiva da flora australiana, e fundador dêsse e mais 17 hortos no País. Uma herma e um nome que o Brasil não sabe de cor. Quem foi Navarro de Andrade? E' preciso que as gerações novas o conheçam, seguindo-lhe o

exemplo de cientista devotado à árvore e à natureza, defensor da pátria.

Nascido aos 2 de janeiro de 1881, na rua do Chá, hoje Barão de Itapetinga, na capital de S. Paulo, filho do jornalista e teatrólogo João de Campos Navarro de Andrade e d. Cristina de Afonseca. Foi batizado por Eduardo Prado, célebre autor do livro «Ilusão Americana». Sua avó materna era sobrinha de Marília de Dirceu.

Em 1903 formou-se engenheiro pela Escola Nacional de Agricultura, de Coimbra, após 6 anos de estudos. Com pouco mais de 22 anos foi nomeado pelo Conselheiro Antônio Prado para ocupar a direção do Hórto Florestal da Cia. Paulista, ingressando na vida prática agronômica. No ano seguinte, com a instalação do hórto de Jundiá, Navarro plantou ali, além de eucaliptos, cujas sementes ele trouxera de Portugal, muitas de nossas essências indígenas, tais como a peroba, o jacarandá, o jequitibá, o cedro, a cabriúva, a canela, o pinheiro do Paraná, bem como essências exóticas, entre elas o cedro de Bussaco, o carvalho português, a casuarina, a tristânia, e outros; ao todo 95 espécies, para que desse cotejo fosse indicada a mais interessante economicamente para o reflorestamento almejado.

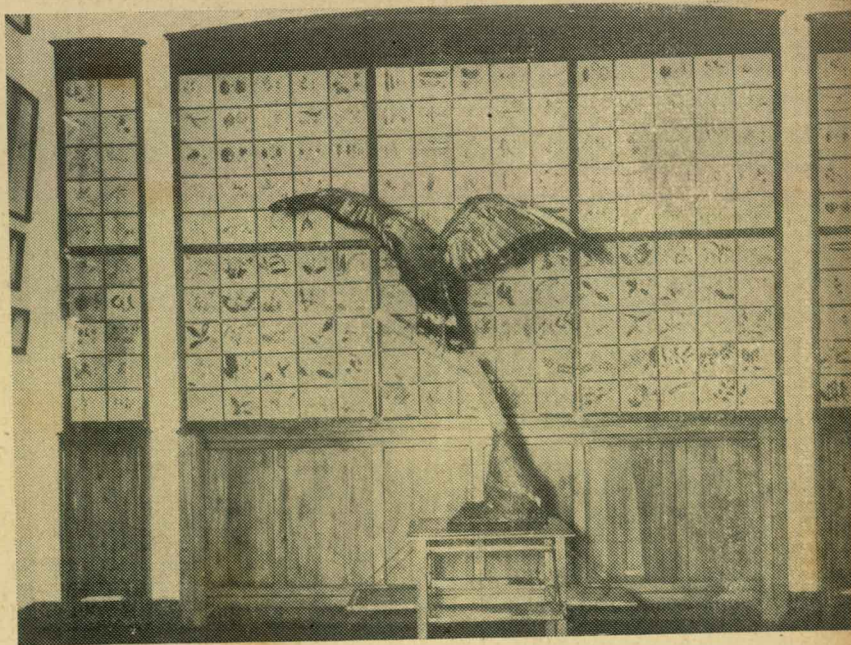
Durante cinco anos, sozinho e sem publicidade, Navarro de Andrade dedicou-se a essa tarefa, realizando uma considerável série de experiências, estabelecendo sementeiras em um grande número de culturas experimentais. Impressionou-o o crescimento extremamente vagaroso de quase todas as árvores brasileiras, especialmente as mais famosas pela sua madeira. Era crença geral, na época, de que quanto mais lento o crescimento de uma árvore, melhor a sua madeira. Uma idéia, como muitas, completamente desmentida pelo eucalipto, segundo provou Navarro.

Assim, provado com exuberância que o eucalipto era a essência que melhor resultado apresentava, em 1909 a Cia. Paulista adquiriu cerca de mil alqueires de terra em Rio Claro, para aumentar as suas plantações, instalando Navarro nesse Hórto a sede do serviço. Durante 25 anos viveu Navarro de Andrade no hórto rioclareense. Cientista de verdade, ele não buscava nos livros os dados positivos de que precisava para a solução definitiva do problema florestal em nosso meio,

(Continua na pág. 63)



A entrada do Hórto vê-se esta belíssima casa, cercada por palmeiras imperiais, malvaviscos, manacás, figueiras e outras plantas indígenas e exóticas. Nela viveu, durante 25 anos, o maior eucaliptógrafo do Brasil: Navarro de Andrade. De frente à vivenda, a herma que lhe erigiram perpetua no bronze a gratidão da pátria, muito embora esse nome seja desconhecido ainda no País. Na lápide pode-se ler: "Diz um provérbio oriental que o homem deve, ao menos, fazer uma coisa útil: plantar uma árvore. Se é verdade o conceito, Navarro de Andrade plantou mais de vinte milhões, isto é, ele sozinho trabalhou como uma nação inteira".



Após 38 anos de estudos, Navarro de Andrade classificou mais de 500 espécies de famosa essência australiana. Chegou a possuir em coleção 144 delas. Hoje existem 118 espécies apenas.

ANDO por estas ruas, tomadas por uma população estranha e nervosa. Miro os altos edifícios, de quase quarenta andares, pensando que teriam cinquenta, sessenta, se uma postura municipal não limitasse o gabarito das construções aos 115 metros do mais alto deles — o do Banco do Estado, que substituiu velha edificação de três andares, doada por João Bricola, na rua que recebeu o seu nome, a Santa Casa...

Nesse tempo, isto é, há vinte anos passados, São Paulo era uma cidade poética, orvalhada, tódas as noites, pela garoa característica.

“Inverno, noite fria de garoa,
Pelas ruas desertas da cidade,
Segue comigo passo a passo, à
[toa
A sombra errante e triste da sau-
[dade...”

Era assim que o flautista Vicentino de Lima, apelidado Poeta Cabeleira, cantava a terra paulistana, enquanto cruzávamos o velho viaduto de ferro. Vínhamos da Rádio Record, situada à praça da República. Vicente, Januário, Armandinho, Maestro Tupinambá, Ubirajara... Zêzinho e Nestor Amaral também caminhavam ali, antes de sua viagem triunfal aos Estados Unidos, onde passaram a residir, auferindo as vantagens de polpudos contratos numa “boite” da Sunset Boulevard, na terra do cinema. Zêzinho virou Zé Carioca, caricaturado por Disney. Nestor virou Néstor e apareceu em muitos filmes, tocando bandolim.

O viaduto era sacudido, a espacos, pelo ranger de ferros dos bondes da Light. Bondinhos de duzentos réis, que iam e vinham, por todos os lados. O progresso substituiu o viaduto por outro de cimento, largo e sem trilhos. Os elétricos foram banidos da rua 15, da rua Libero Badaró, do Largo da Sé onde tinham seu quartel-general. Saíram, também, do Largo de São Francisco...

Ah, o Largo de São Francisco, com sua Faculdade famosa, nascida de um convento! Os estudantes dando a nota, ali e na rua S. Bento, com sua algazarra bem humorada, entrando em cinema de carona, namorando as moças nos bailes do Clube Comercial. Estudante, nesta época, era elemento tremendamente político e revolucionário. Um perigo para as instituições...

A rua Direita, mais torta que nunca, exibia suas grandes lojas, ainda não tomadas pela democracia dos copos e xicaras, das liquidações o ano todo. O Mappin ficava na praça do Patriarca e tinha, à porta, guardas em grande gala, para receber as madamas que iam ao chá das 5. Na mesma

praça ficava o Palestra Itália, o legítimo, de Ministrinho, Gogliardo, Romeu, Lara, Nascimento, Junqueira... Seu grande rival era o “São Paulo” com campo na Floresta, onde brilhavam Friedenreich — o Pelé daqueles tempos — Araken, Clodô, Bartô, Luizinho... Contra os dois, só mesmo o Corinthians, que tinha e tem seu campo no Parque São Jorge. O alvi-negro era o tal, com Feitico, vindo do Santos, Carlito, vindo do Comercial de Ribeirão Preto, Guimarães, o famoso centro-médio rival de Bino, do São Paulo.

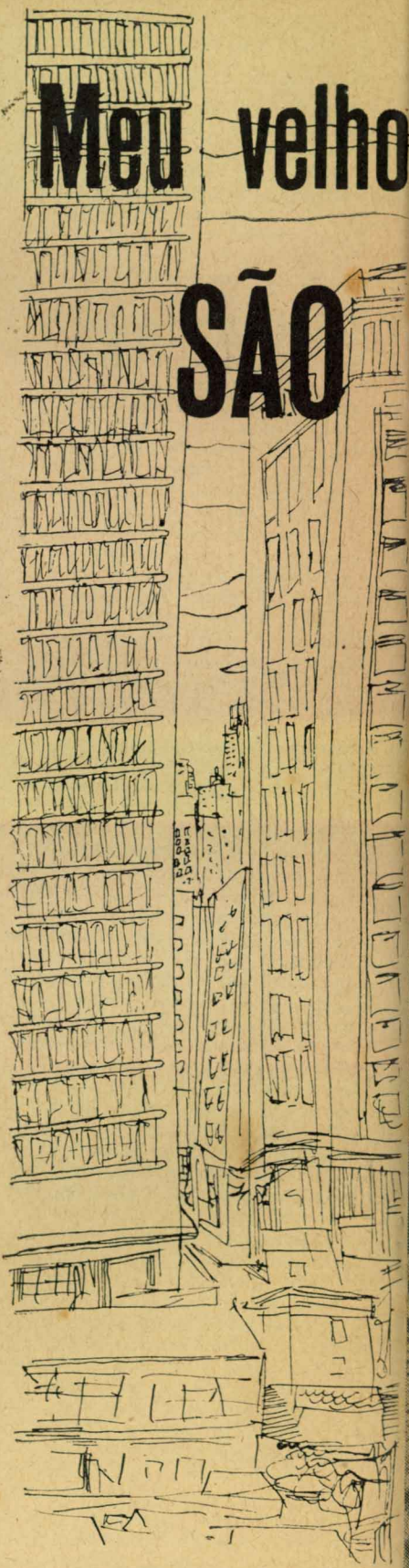
Em matéria de Esporte havia o Espéria, onde se nadava, junto à Ponte Grande, magra e alta, também demolida para dar lugar à Ponte das Bandeiras. Grandes nadadores de então: Maria Lenk e Otto Willy Jordan. Grandes atletas: Aluisio, Nestor Gomes, Padilha. Grande tenista: Alcides Procópio. Grande “boxeur”: Ítalo Hugo...

São Paulo, da garoa, admirava Paraguaçu, um filho de italianos que se escondeu debaixo do apelido indígena e fazia as moças chorarem com sua voz melosa: “Saudade, todos nós temos na vida — Saudade de uma mulher querida...” Esse São Paulo recitava Guilherme de Almeida, o poeta da moda: “Você não sabe que você é bonita — Não sabe como eu gosto de você... — Nem eu sei, imagine, mas por quê? — Por que é que você é tão bonita? — Por que é que eu gosto tanto de você?” Outro vate consagrado era Menotti del Picchia e não havia moço acadêmico que não soubesse aqueles versos: “Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece. — Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce...”

A batuta, porém, ficava nas mãos ossudas e longas de Mário de Andrade, o gênio de Macunaima, o Papa do Modernismo. Papa também era Oswald de Andrade. E gênio, também, era Antônio de Alcântara Machado, o contista.

Havia, nesse São Paulo de violões chorões junto aos lampiões espíões, autênticos lampiões de gás, no Bom Retiro e no Brás. Restaurantes chineses subiam pela rua do Seminário, ao lado dos “brechós” de penhor.

Os sinos de São Bento tomavam conta da cidade, com seu bronze embalador. Guardas apitavam nas esquinas. Bondes retardatários surgiam, bulhentos. A cidade, muito igual, era riscada a instantes pelo farol circular do prédio da Light, na cabeceira do Viaduto que dá para o Largo do Municipal. Havia, na rua Barão de Itapetininga, pensões e casas de família. O Martinelli, com seus vinte e seis andares, todo rosa e rococó, destacava-se na pai-



sagem, como o mais alto da América do Sul. Tudo era o "mais da América do Sul". S. Paulo, o maior centro industrial. O mercado da Cantareira, o maior. A penitenciária do Carandiru, também a maior. Os moinhos do Matarazzo, igualmente. E tudo por igual. E o Palestra era, sem dúvida, o maior time do mundo.

Casas de loteria em tôdas as esquinas. O avião do Fasanelo ris-

nifácio e Fagundes Varela eram vistos, em mármore, na fachada da Academia.

Na praça da República, o referido Varela e Álvares de Azevedo, em seus pedestais de cimento, contemplavam a cidade que tanto amaram.

Havia um pastel feito na hora, sem igual no globo. E um caldo de cana gelado. Tomava-se café no Acadêmico, em mesinhas toscas. Bebia-se chope no Franciscano e no Cidade de Muchen. Comia-se macarronada no Papai. O comércio de ótica e fotografias era dominado pelos alemães. "O Congresso se Diverte", com Lilian Harvey e Henry Garat era o grande filme da UFA e a gente cantava pelas esquinas a valsa: "Je t'aimerais toujours, toujours — Ville d'amour..."

Os sírios já dominavam na rua 25 de Março. Os húngaros da Mooca, os portugueses da Vila Maria, os espanhóis da rua Carneiro Leão, os italianos do Brás... Tutto buona gente...

la-se a Santos uma vez na vida, pelo trem da Inglêsa, descendo a serra, pendurado nos cabos de aço. Rezava-se na Penha, festejava-se San Vito na Rua S. Rosa.

Os granfinos hospedavam-se no Terminus, demolido para dar lugar à sede das repartições federais, já-mais construída. Recepções de gala eram dadas no Esplanada, hoje fechado. Dançava-se no Germânia, na rua D. José de Barros, hoje cinema. Mas o cinema "chic", mesmo, era o Rosário, hoje um Banco. Os carnavais destacavam-se no Cassino Antártica, sob o viaduto de Santa Efigênia, casarão derrubado para abertura da Nova Avenida Anhangabaú.

Para abertura da Avenida Ipiranga, da rua Senador Queirós, da Avenida Rio Branco, de praças e vias de acesso, demoliram, demoliram, demoliram. A cidade foi praticamente renovada. A picareta nada respeitou, nem monumentos históricos, nem a Academia, nada.

Havia no ar um cheiro de fritos, um vago eco de música portenha, de valsas vienenses e canções napolitanas. O povo vivia em estado de alerta, pronto para a primeira revolução que estourasse.

Era de bom tom acompanhar os parentes à Exposição Industrial da Água Branca e a um giro de bonde pela Avenida Paulista, com seus palacetes luxuosos, em sua maioria derrubados para a construção de arranha-céus.

O povo era feliz. Os preços eram baixos. Havia abundância de materiais de procedência inglesa, alemã, francesa, italiana. Não se conheciam filas. Os bondes tráfegavam, em sua maioria, com lugares de sobra, transportando



No velho Brás, o sexagenário italiano contempla as chaminês que se erguem como exemplo vivo da grandeza de uma coletividade que sabe amar o trabalho.

cava o céu, anunciando os quinhentos contos de Natal. A jogatina era franca. Havia o jogo da péla, no frontão Boa Vista, perto do "Estado"; no frontão nacional, onde havia um prédio atravancando o Anhangabaú. E no frontão brasileiro, a poucos passos, na rua Formosa. O Paissandu era ponto de reunião dos notívagos. Dali saía a rua Amador Bueno, de triste memória, que ia desembocar na dos Timbiras, que por sua vez desaguava na Guaianases...

Dai por diante, ouvia-se tango, havia tiros e arruaças, a polícia apitava, o tintureiro recolhia os presos, a ambulância carregava os feridos.

Havia um ar frio e alto. "Rosa de Espanha no hibernal friul" — segundo Castro Alves. O nome deste poeta, de Rui, e de José Bo-

PAULO

ALTINO BONDESAN

POR QUE RESPIRAR PELO NARIZ?

APESAR de ter vencido as doenças mais perigosas das vias respiratórias, tais como a tuberculose e a bronco-pneumonia, a ciência médica ainda não conseguiu vencer os ágeis, insidiosos e multiformes virus da gripe. Todavia, contra eles, bem como todas as fontes de poluição do ar que respiramos, dispomos de um incomparável instrumento de climatização e de esterilização: nosso nariz.

Em primeiro lugar o nariz é um maravilhoso instrumento de climatização. Das narinas à faringe, as córneas do nariz, agindo como verdadeiros radiadores, aquecem o ar exterior, a fim de torná-lo aceitável pelos pulmões. Esse aquecimento é feito pelos vasos sanguíneos que irrigam as córneas, com uma taxa que varia de acordo com as estações. Não é de se admirar, por exemplo, que no inverno um golpe sangue mais do que no verão.

Superior aos mais aprimorados sistemas de aquecimento central, o nariz não se contenta em elevar a temperatura do ar exterior; ele a mantém dentro de uma taxa de umidade conveniente. Durante o frio seco, por exemplo, é muito possível a pessoa se surpreender tomando água em demasia, apesar de não transpirar. Isto se verifica porque, para levar a taxa higrométrica do ar de 35% no exterior para 79% dentro das fossas nazais e a 95% na faringe, as fendas e gânglios linfáticos que destilam a umidade nos córneas como estalactites, bem como o canal lacrimal de onde jorra o vapor como um geiser e ainda os tecidos adenóides que o aspergem com uma ducha, exigem grande quantidade de líquidos.

E isto não é tudo. Ao mesmo tempo que climatiza a atmosfera, o nariz livra-se de suas impurezas. A poluição do ar constituiu uma das piores calamidades de nossa civilização, mais temível ainda que o álcool, o fumo e a radioatividade.

Ainda que pareça incrível, cada vez que inspiramos meio litro de ar «puro» da montanha, recebemos cerca de 10 mil partículas de poeira; a mesma quantidade de ar do campo contém meio milhão. Numa cidade movimentada, estas cifras atingem os 5 bilhões no homem e dez vezes menos numa criança de três anos. Num local onde se fuma, contam-se cerca de quatro bilhões de partículas de fuligem para cada bafada de fumaça. E a quantidade vai crescendo. Estimava-se em 20 quilos em 1947, estima-se hoje em 35 quilos a quantidade de poeiras que uma pessoa respira no decorrer de sua existência.

Contra esses inumeráveis agressores de nossos pulmões, somos defendidos, primeiramente, por uma barreira de pelos agrupados à entrada do nariz; depois, por redes de pelos cada vez mais finos e, finalmente, por uma camada de cílios vibráteis que guarnecem não somente as córneas nasais, mas o conjunto das vias respiratórias, incluindo-se os brônquios, mas excetuando-se a garganta. Finalmente, o nariz age também como um desinfetante: seu **mucus** é um verdadeiro apanha-moscas. Quando o ar respiratório chega na parte posterior do nariz, ele está esterilizado, como se tivesse sido filtrado por um aparelho de desinfecção ultra-moderno. Diante de tudo isto, é praticamente impossível contrair infecções através do nariz, se ele estiver em bom estado.

moças finas, assim como operárias e classe média. Os ônibus insistiam para que os passageiros lhes dessem preferência. Custavam cem réis mais que os bondes.

la-se ao Boa Vista ver o Procópio impagável. Ou Dulcina e Odilon. la-se ao Recreio ver o Abdula, o Sebastião Arruda, a Otilia Amorim.

Ando por estas ruas, onde a multidão nervosa se acotovela. Já não há mais o viaduto de ferros. Nem os restaurantes chineses. Nem estudantes que declamam. O Germânia virou Pinheiros. O Palestra virou Palmeiras, já não está no Patriarca, nem sei onde. O São Paulo fundiu-se com o Tietê, sumiu para ressurgir teimosamente dos mortos. O Espéria virou Floresta. Os alemães saíram da praça, com seu chope e seus filmes. O Brás nacionalizou-se. Já não há húngaros na Mooca.

“A sombra errante e triste da saudade” já não tem vez. Vou por essas ruas, esquecido e amargurado, pensando no meu velho e querido São Paulo da garoa, que ficou longe, muito longe, perdido no passado. Tão longe como a flauta do Vicente, o bandolim do Nestor e a voz melosa do Paraguaçu. Tão longe como a minha mocidade...

☆☆☆

CONHEÇA SEUS DEFEITOS

Solução da página 60

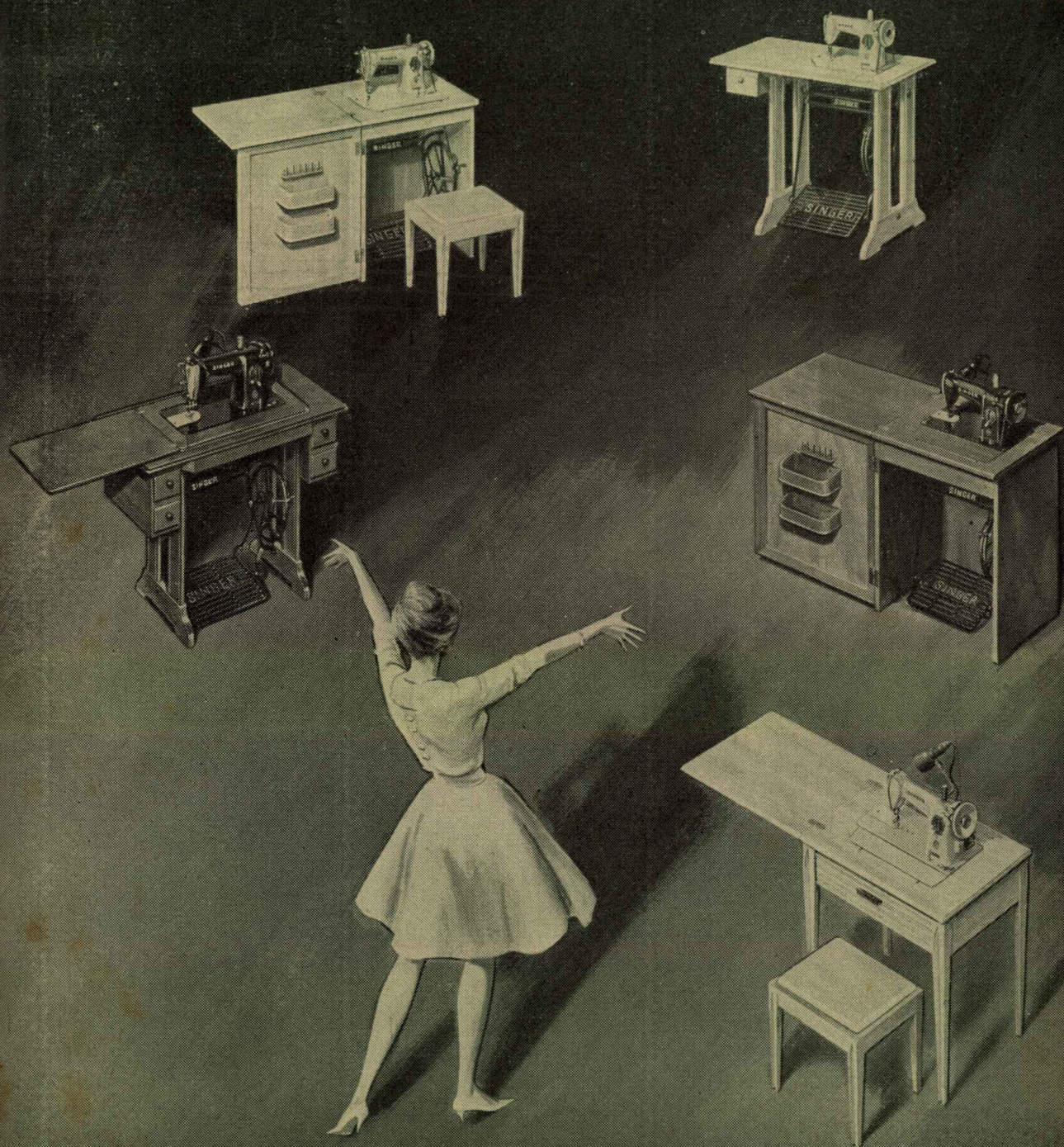
CADA «sim» vale dois pontos e cada «não» vale zero.

Primeira coluna: até 6 pontos, possui caráter bastante dócil. De 8 a 12 pontos, sua ambição lhe servirá de impulso na vida. De 14 a 20 pontos, preste atenção para não resvalar na ambição, sacrificando ao desejo de sucesso quaisquer outras considerações.

Segunda coluna: até 6 pontos, é feminina, mas não coquete. De 8 a 12, agrada-lhe ser amada e cortejada; saiba usar seu fascínio. De 16 a 20, corre o perigo de exagerar com a coqueteria e pode esbarrar em qualquer desilusão.

Terceira coluna: até 6 pontos, você leva em consideração os desejos alheios. De 8 a 12, é egoísta de modo «razoável» e normal; contudo, cuide de não se aproveitar muito da benevolência dos outros. De 14 a 20, você se preocupa demasiadamente consigo mesma, arriscando-se a tornar-se egocêntrica.

Quarta coluna: até 6 pontos, você é pessoa equilibrada. De 8 a 12, certas atitudes infantis a tornam deliciosa e divertida. De 14 a 20, procure não se tornar muito petulante e evite perturbar inoportunos, os que a cercam, com trejeitos

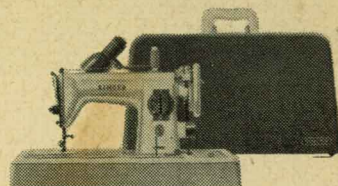


Há uma **SINGER** para cada gosto...
para cada orçamento!

Visite uma Loja ou Distribuidor Autorizado Singer e compre qualquer um destes modelos Singer, através de um plano de pagamento "sob medida" para Você!

- O NOME  GARANTE O PRODUTO

SINGER SEWING MACHINE COMPANY



*marca registrada da The Singer Manufacturing Company

N. R. — O jornalista francês Raymond Cartier, conhecido em todo o mundo pelas suas reportagens de cobertura internacional, acaba de realizar uma viagem de dois meses à União Soviética, onde teve oportunidade de observar, com olhos profissionais, a vida dos que lá residem e dos que lá chegam como turistas. Achemos por bem transcrever, da grande revista italiana "Època", algumas das observações de Raymond Cartier para os nossos leitores, tendo em vista que se trata do depoimento de um jornalista altamente conceituado pela sua sinceridade e devoção à verdade.

CHEGUEI à Rússia em pleno inverno e parto agora, no início da primavera. A neve ainda cobre a planície e algum floco ligeiro circula no céu, como um adeus discreto, mas a violência da má estação já está superada. Daqui a poucos dias terá lugar o milagre que se repete todos os anos: a explosão quase instantânea da vida, depois da pesada letargia dos seis meses: e a Rússia se envolverá no verão, com a pressa de um viajante atrasado para tomar o trem. Até no transcorrer das estações há qualquer coisa de violento

e dramático neste país, que parece não conhecer sombras.

Este ano, entretanto, o inverno não foi muito rígido: em Stalingrado o Volga corria livremente; em Moscou uma única rajada de frio intenso foi precedida e seguida pela temperatura que os moscovitas consideram como atmosfera de serena, sob um céu plúmbeo. Na Sibéria eu estava preparado para enfrentar os 40 graus abaixo de zero, mas experimentei pouco menos de 15 graus sobre a baía inundada de sol do lago Baikal. Escolhi justamente esta época para a

minha viagem, pensando na possibilidade de descobrir como fazem os russos para manter de pé a sua máquina econômica, para cavar a terra, para produzir cimento, para fazer funcionar os meios de transporte, com um frio que em qualquer outra nação paralisaria todas as atividades. E, ao contrário, o inverno que encontrarei seria considerado clemente em Piemonte ou na Lombardia.

Percorri 25 mil quilômetros. Vi a Ucrânia, as estepes do Volga, o Cáucaso, a Ásia Central, a Sibéria. Visitei doze grandes cidades: Mos-

Na Rússia, as mulheres enfrentam trabalhos pesados, o que chama logo a atenção dos visitantes. Esta foto foi batida perto da Praça Vermelha, em Moscou.



Esta senhora, fotografada à frente de sua casa, trabalha numa fazenda coletiva, enquanto o esposo trabalha como eletricitista numa fábrica. O filho ainda não tem idade para acompanhá-la, mas assim que chegar o tempo deverá pegar na enxada também. ➔



Estas mulheres conversam num trem que faz o percurso de Leningrado a Pushkin.

coa, Leningrado, Kiev, Stalino, Stalingrado, Tiflis, Eriwan, Bakú, Tascenk, Samarcanda, Alma Ata e Irkutsk. Entrei em diversos estabelecimentos industriais, desde uma pequena fábrica de conhaque, na Geórgia, até uma gigantesca siderúrgica de Donbass. Conversei com dezenas e dezenas de cidadãos soviéticos, grandes cientistas como o biólogo Oparin e o oceanógrafo Zenkievitch ou simples operários. Fiz milhares de perguntas e recebi milhares de respostas, muito complexas, na maioria das vezes, mas geralmente sinceras. Se eu alimentasse o preconceito de uma Rússia selvagem e sanguinária, minha viagem teria dissipado este erro.

todavia, não posso dizer que superei a cortina de ferro. Ninguém consegue superá-la. Os únicos que o conseguem, em quantidade mínima e apenas por alguns instantes, são os estrangeiros educados na Rússia, que falam o russo como os russos, ou alguns emigrados que, com uma ou outra nacionalidade, voltam ao país natal como turistas ou diplomatas. Estes podem confundir-se com a multidão, registrar as conversas que traduzem uma opinião pública isenta de qualquer outro meio de

apesar de grandes cidades, grandes portos, possuem um só consulado, pois a URSS aboliu uma instituição associada, há séculos, às trocas e às relações entre as nações civis. Existem, em algumas cidades universitárias, grupos de estudantes afro-asiáticos, e, talvez, se poderia encontrar aqui e acolá alguns trans-fugas ocidentais, mas trata-se de exceções isoladas. Um inglês que se enamora da Riviera, um europeu fascinado por Honolulu não têm qualquer dificuldade em se estabelecerem aí temporária ou definitivamente; mas, uma decisão de gênero é inconcebível quando se trata do Cáucaso ou da Criméia. O não russo pode-se fixar na Rússia só em virtude de uma autorização extremamente limitada, seja no tempo seja no espaço, e é continuamente submetido a uma vigilância especial, tratado "a priori" como pessoa suspeita.

Até em Moscou a condição do estrangeiro é singular: sua liberdade de movimento termina a quarenta quilômetros do Kremlin. Seja embaixador ou particular, viaje de automóvel ou de trem, a pé ou a cavalo, não pode atravessar os postos de bloqueio que circundam a capital sem uma permissão espe-

Jaula Sem Cadeado

expressão, e, às vezes, até atar, clandestinamente, algumas relações com cidadãos soviéticos. Mas trata-se, no máximo, de conhecimentos rápidos, desprovidos de qualquer significado geral. A regra, praticamente, e sem exceção, é que o estrangeiro na URSS, seja de passagem, seja residente, encontra-se em estado permanente de quarentena e de isolamento organizado. Transpõe a fronteira com um mínimo de formalidades, pode realizar longas viagens, é alvo de todos os cuidados e goza de acentuados privilégios. Entretanto, aquela cortina de ferro que aparentemente se descerra à sua frente, o estrangeiro a conserva sempre ao seu redor, carrega-a sempre às suas costas e todos os seus esforços para ultrapassá-la são destinados ao fracasso.

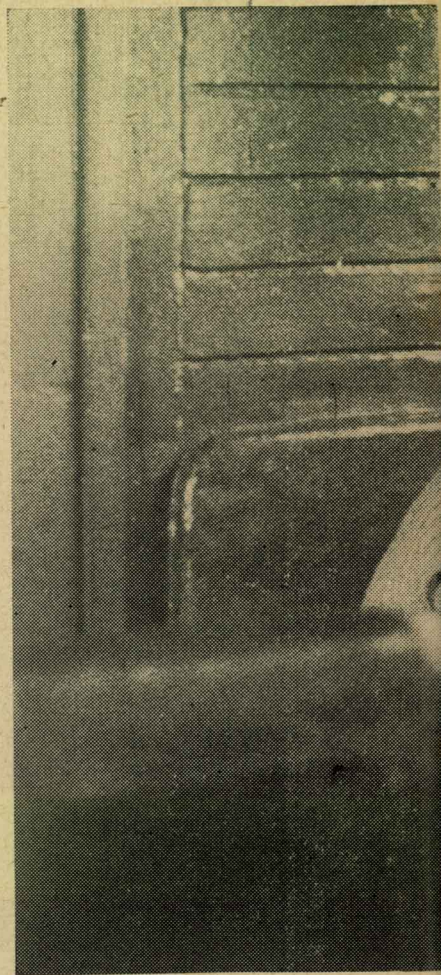
Moscou é a única cidade na qual um estrangeiro pode morar. Perguntei a muitos embaixadores se tinham correspondentes fora da capital. Todos me responderam que não. Nem Leningrado, nem Odesa, nem Bakú, nem Vladivostok,

cífica. O estrangeiro mora nas embaixadas ou em edifícios reservados, cujo acesso é rigorosamente vedado a todo cidadão soviético que não tenha uma razão oficial para aproximar-se. À entrada, numa guarita, entre um telefone e um revólver, um policial fisionomista não tem necessidade de solicitar documentos para admitir os indivíduos sujeitos à lei da segregação e para colocar porta-fora quem tente entrar abusivamente. No interior, a vigilância, apesar de discreta, é ininterrupta. Uma mulher vigia à porta do elevador e ninguém tem o direito de pedir empregados diferentes dos assinalados pelo serviço encarregado de prover as necessidades dos estrangeiros. Os pagamentos que o estrangeiro deve desembolsar são o triplo ou o quádruplo dos que seriam exigidos a um russo. A engenhosa Rússia encontra a maneira de fazer com que os representantes do capitalismo paguem até a vigilância de que são objeto.

Os contatos do estrangeiro com a vida soviética são sistemática-

mente sabotados e tornados insignificantes. A anedota típica é aquela de um secretário de embaixada que foi procurar o chefe da missão para solicitar permissão para voltar à pátria. "O senhor tem algum motivo para lamentar-se de sua estada em Moscou?", perguntou o embaixador. "Não, mas o fato é que estou desaprendendo o russo".

Depois de anos de permanência na URSS, a esposa de um dos principais embaixadores considera raro privilégio o ser convidada a um jantar (num apartamento de um só quarto, com cozinha, banho e toalete em comum) pela diretora de um instituto de línguas. A maior parte dos residentes nunca entrou num apartamento soviético; têm, com os russos, apenas relações oficiais e superficiais. São vistos nos escritórios ou nos coquetéis, com o copo nas mãos e frases convencionais nos lábios, mas nunca tiveram com um só deles uma conversação tranqüila e extensa, com intimidade multiforme e sem constrangimentos, que poderia permitir um conhecimento recíproco. Esta se-





gregação explica o mal-humor que pesa sobre as colônias estrangeiras de Moscou, compostas, quase exclusivamente, de diplomatas e jornalistas. Explica também a animosidade quase unânime que reina contra o regime e, freqüentemente, contra o país inteiro.

A gente está na Rússia sem se estar, realmente, dentro de uma jaula sem cadeado: vive-se em companhia de si mesmo, entre móveis que vêm da Finlândia, servindo-se de produtos expedidos da Dinamarca, sob a vista de servidores que devem fazer um relatório das visitas que se recebem e dos discursos que se fazem.

Seria injusto, por outra parte, não dizer que este isolamento dos estrangeiros, esta xenofobia burocrática, não constituem uma invenção do comunismo; constituem, sim, uma especialidade secular da Rússia. Nos tempos de Pedro, o Grande, os estrangeiros de Moscou eram segregados no chamado bairro alemão, que corresponde ao triângulo das estações de Leningrado, de Yaroslav e Kursk. Não podiam

se misturar aos russos, e aos russos era proibido penetrar nos seus domínios. Na incrível época em que era possível fazer a volta ao mundo, apresentando como documento de identidade um simples cartão de visita, a Rússia czarista foi o único país da Europa a exigir a apresentação do passaporte. Como hoje, o estrangeiro vivia na Rússia, numa atmosfera de suspeição preventiva, capaz de transformar-se bruscamente em torrenciais cordialidades. Entretanto, as portas das casas particulares abriam-se mais facilmente.

Para o visitante de hoje, a tela que o separa da realidade russa chama-se "Intourist". Teoricamente, poder-se-ia fazer pouco da obra desta organização, mas, na prática, não há nada mais difícil; em suma, seria um erro privar-se dos seus serviços: o "Intourist" esconde e mostra; ao mesmo tempo. Pude constatar pessoalmente quantas portas ele pode abrir com afabilidade e rapidez, até aos de fora do puro turismo.

O "Intourist" não é uma criação recente; existia já antes da guerra,

pilotava os visitantes de Moscou, embalava sobre o Volga os primeiros grupos de ocidentais, tentados por uma visão direta do mundo enigmático. A novidade no "Intourist" é o seu desenvolvimento, sua tendência a tornar-se a agência única e obrigatória para quem viaja à URSS. Os diplomatas, por exemplo, lutam para fugir ao "Intourist", tentam servir-se do escritório dos Negócios Exteriores, encarregado de orientar seus deslocamentos, mas reconhecem que estas tentativas são uma perda de tempo, e suspeitam, em virtude do agravamento dos cuidados de que eram alvo, uma astuta técnica para orientá-los para a organização que serve melhor.

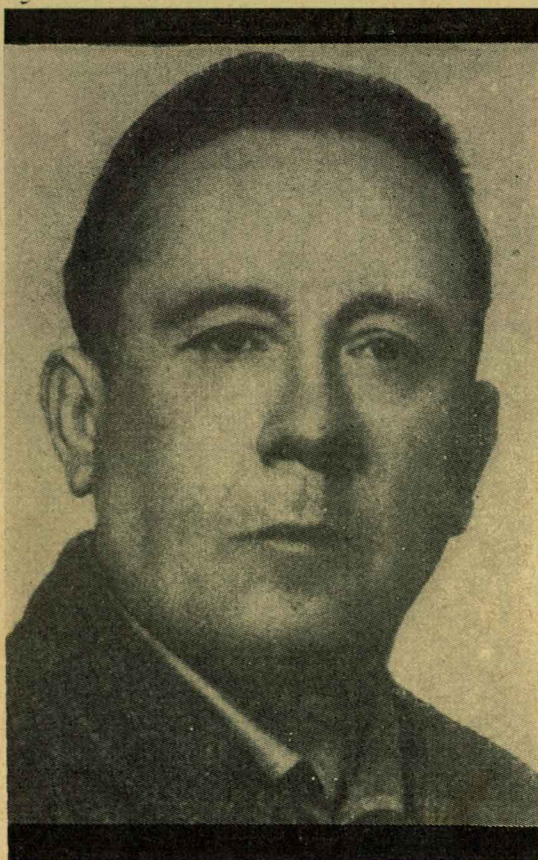
Os serviços da organização não são gratuitos; salvo para os hóspedes do governo soviético, e, em menor quantidade, para os grupos, uma viagem ao país do socialismo é um luxo para milionários. A tarifa-base individual é de 30 dólares ao dia, por pessoa, durante a estação turística, e de 25 dólares noutra época.

(Continua na pág. 72)

QUE ACONTECEU AO COMUNISTA

Boccalari?

«Deve-lhe ter acontecido o mesmo que aconteceria a um frade se, depois de uma vida de sacrifício, passasse ao outro mundo e descobrisse que o paraíso não existia...»



A O divulgar a morte do operário milanês Antimo Boccalari, que se suicidara a 26 de agosto de 59, no rio Moscou, a polícia soviética não mencionou os pormenores do lamentável acontecimento, naturalmente porque o inspetor Ivan Kozlovski, encarregado das investigações, não dispunha de elementos elucidativos. Aliás, quando se trata de um caso de suicídio, os policiais do mundo inteiro limitam-se a tomar conhecimento do fato. Raramente, procuram individualizar as coisas. Quando se dá o caso de o suicida não ser homem endividado e nem possuir problemas de família, a causa do auto-extermínio apontada pelas autoridades é uma só: "debilidade mental". Foi justamente esta a causa proclamada para justificar o procedimento do operário italiano.

— Por que se teria suicidado? — perguntaram. — Tinha boa colocação e uma família que o amava. Sòmente um momento de loucura poderia tê-lo conduzido a semelhante gesto de desespero.

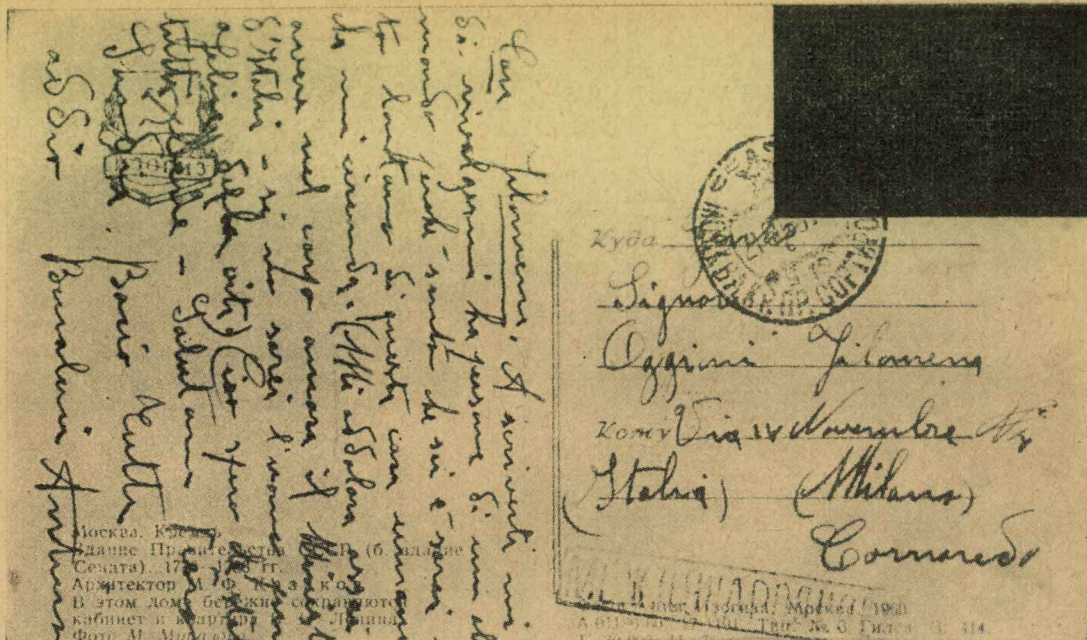
Entretanto, Antimo Boccalari levava consigo um triste segredo, talvez o responsável pela sua atitude. Durante o longo período de isolamento forçado que enfrentou como comunista, (passou cerca de dezessete anos em cárceres, manicômios criminais e campos de concentração, sempre por razões políticas), contraiu uma enfermidade da qual tomou conhecimento só mais tarde, depois do seu casamento com Filomena Oggino,

uma viúva de guerra que possuía dois filhos e com a qual se casara em 1949, aos 46 anos de idade. Desde então, Boccalari começou a atormentar-se pelo seu mal, passando a consultar frequentemente os médicos. Não obstante estes lhe darem esperanças de cura, o pobre homem convenceu-se de que sòmente a medicina soviética seria capaz de curá-lo. Os progressos obtidos pelos cientistas russos, nestes últimos anos, mesmo em outros campos que não o da medicina, reforçaram ainda mais sua convicção, levando-o a projetar uma viagem à Rússia.

Em julho de 59, Boccalari ouviu falar de uma excursão coletiva à União Soviética, no período compreendido entre 4 e 22 de agosto. O itinerário incluía uma visita a Minsk, outra a Leningrado e a permanência de alguns dias em Moscou. A despesa elevava-se a 105 mil liras (cerca de 31.500 cruzeiros). Sem perda de tempo, decidiu o milanês integrar a caravana. Escreveu à empresa de turismo, preparou os documentos necessários e passou a aguardar o dia da partida. Aos companheiros de trabalho e aos seus familiares não falava de outra coisa. Sòmente à espósa relatou na íntegra os planos que tinha em mente:

— Não se preocupe se eu não regressar com os outros — disse-lhe. — Estou pensando em internar-me numa clínica soviética para tratamento. Disse-lhe também que iria solicitar uma licença à firma onde trabalhava, pois assim que voltasse pretendia retornar ao serviço.

←
Antimo Boccalari possuía apenas um sonho: ir à Rússia para curar-se do mal que o atormentava. Lá, entretanto, acabou se suicidando.



A primeira carta escrita por Boccalari à esposa dizia: "Tenho a impressão de dirigir-me a pessoas de um mundo diferente. Sinto que estou e estarei muito longe desta querida humanidade que me circunda.

Antimo Boccalari estava tão certo de que seria recebido numa das clínicas russas, que nem ao menos pensou em procurar qualquer funcionário do seu partido para obter ao menos uma apresentação. Limitou-se apenas a levar consigo o enderêço de uma jovem engenheira italiana que trabalhava em Moscou e era sua conhecida. A qualquer pessoa que o aconselhava a não partir assim às cegas, ele respondia com surpreendente ingenuidade:

— Basta que eu diga quem sou para que todos lá me abram as portas!

Pensando bem, Antimo Boccalari tinha todo o direito de se julgar "alguém" no seu partido. Inscrito no PCI desde a sua fundação (1921), sempre lutara por suas idéias, sofrendo toda a sorte de perseguições, a ponto de ficar com o sistema nervoso terrivelmente abalado. Nascido em Milão em 1903, Boccalari começou demasiado cedo a ocupar-se de política e, depois do advento do facismo, foi logo incluído entre os "subversivos perigosos", habituando-se a ser revistado e preso todas as vezes em que Mussolini ou qualquer outro grande chegava a Milão.

A 12 de abril de 1928, por ocasião da visita de Vitório Emanuel à Feira de Amostras, deu-se uma terrível explosão na praça Júlio César, ocasionando a morte de 18 pessoas. Imediatamente Boccalari foi preso, entre outras pessoas suspeitas de haverem organizado o atentado. Durante o período da prisão preventiva, foi barbaramente espancado, mas por ocasião do julgamento, foi considerado inocente. Entretanto, não foi posto em liberdade. Depois de alguns meses de detenção, o Tribunal Especial, por razões ignoradas, condenou Boccalari a 15 anos de prisão num manicômio criminal. Sô-

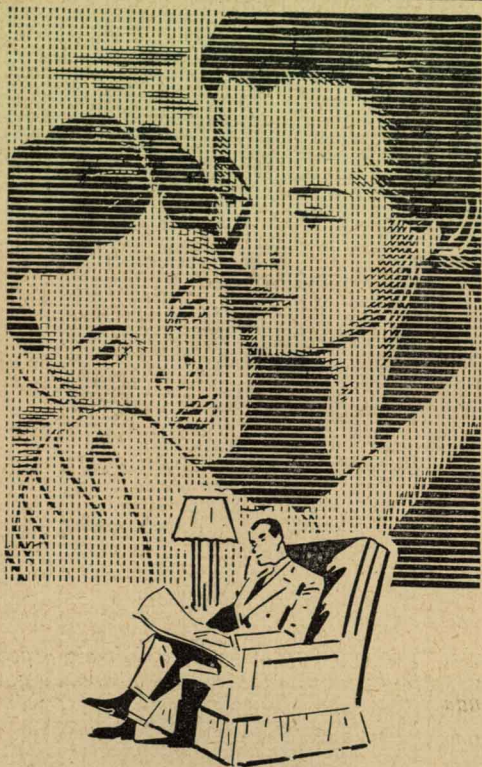
mente depois do início da última guerra foi posto em liberdade, graças à intervenção do cardeal Schuster, a quem recorrera uma irmã do prisioneiro.

O pobre homem voltou para casa bastante alquebrado, mas ainda mais convicto em sua fé política. Sua liberdade, entretanto, durou pouco, pois em 43 foi preso pelos alemães e enviado a trabalhar na Alemanha. Lá, habituou-se a fazer pacotes com parte de sua ração para levar à cerca de um campo de concentração onde se encontravam outros prisioneiros políticos. Descoberto pelos guardas, foi mandado para o campo.

Em 1945, Boccalari voltou à sua casa e, depois de algum tempo sem trabalho, empregou-se numa fábrica. Apesar de aproximar-se dos cinquenta, possuía o aspecto jovem, a complexão robusta e os cabelos quase negros ainda. Em 49 conheceu Filomena Oggino com quem se casara apenas na igreja, para que ela pudesse continuar a perceber a pensão de viúva de guerra. Mais tarde, quando a situação permitiu, normalizaram a união também civilmente.

Nestes últimos anos, a família não tinha problemas econômicos. Vivia modestamente, mas com as economias, Boccalari chegou até a reformar a casa onde residiam. Além do salário de operário, gozava de uma pensão de 10 mil liras mensais (3 mil cruzeiros) como inválido de guerra, importância que não entrava no orçamento doméstico, mas era colocada no banco para ser empregada em sua projetada viagem à Rússia.

Preparando-se como se preparou para a viagem, Boccalari deu provas sobejas de sua ingenuidade. Acreditava que tudo lhe seria pos-



SIM, É PRECISO HAVER UMA PAUSA PARA MEDITAÇÃO

Se luta HOJE para proporcionar aos seus entes queridos o máximo conforto, sentir-se-á feliz por deixar-lhes AMANHÃ recursos bastantes para uma situação de segurança e bem-estar. Eis por que deve haver, na sua vida agitada, uma **pausa para meditação**. E compreenderá que somente através do **Seguro de Vida** é que poderá realizar êsse ideal.

Companhia de Seguros
MINAS-BRASIL
SEGUROS DE VIDA

VIDA — INCENDIO — RESPONSABILIDADE
CIVIL — SEGURO COLETIVO — TRANSPORTES — ACIDENTES PESSOAIS — ACIDENTES DO TRABALHO — ROUBO — RISCOS DIVERSOS

sível tão logo transpusesse a “Cortina de Ferro”. Iludia-se, naturalmente, mas o seu caso não era o único na história. São muitos por outro lado, os que nutrem esta mesma certeza e lançam-se à aventura, nas cortinas de ouro...

Enfim, foram os próprios companheiros de Boccalari que vieram a contar posteriormente que êle não conseguia esconder sua alegria e admiração por tudo quanto via nas cidades russas por onde passavam. Chegou mesmo a afirmar que, para ser totalmente feliz, faltava-lhe apenas a cidadania soviética.

Durante a estada em Moscou, entretanto Boccalari não se manteve em contacto com os outros turistas. Saía tôdas as manhãs do hotel e só regressava à noite. Uma vez perdeu-se na cidade e foi guiado por um guarda, a quem recorreu.

O milanês não revelou a ninguém os motivos que o levavam a fazer seus passeios solitários. Os outros, todavia, não se preocupavam, pois sabiam que êle deveria saber o que estava fazendo.

— Manteve-se sempre alegre — disse um da comitiva. — Não posso acreditar que pensasse em suicídio. Parecia cheio da alegria de viver!

Numa carta enviada à espôsa, Antimo Boccalari revelou a sua serenidade, afirmando que se sentia muito feliz. Por todos êstes motivos, quando, na noite de 19 de agosto, os 170 turistas italianos que faziam parte do grupo se encontraram na estação Bielorrusskaia de Moscou para a partida, nenhum dêles se impressionou pela ausência de Boccalari, tanto mais que faltavam outras três pessoas.

Sôzinho em Moscou, Boccalari deve ter procurado internar-se em alguma clínica, conforme era o seu desejo. Teria sido rejeitado? Na verdade, ninguém poderá saber quais as dificuldades encontradas em Moscou pelo pobre operário, sempre habituado a exprimir-se em seu dialeto milanês. Naturalmente tôdas as suas ilusões caíram, uma por uma, até que em sua mente, já transtornada, amadureceu a idéia do suicídio.

Segundo informações do inspetor Ivan Kozlovski, Boccalari jogou-se no rio Moscou no dia 26 de agosto, depois de haver colocado sua bagagem e todos os seus documentos na estação de Bielorrusskaia. Deixou na valise todo o dinheiro que lhe restava e uma carta à espôsa, contendo apenas uma frase de despedida: “O Adeus de teu infeliz marido Antimo”.

Feito isto, o pobre homem atou ao pescoço uma sacola cheia de areia e cascalho e lançou-se ao rio, naturalmente desiludido pelo paraíso com que tanto sonhara. Dois dias depois, seu corpo foi encontrado sob a ponte Andrievski, mas as autoridades italianas somente tiveram conhecimento do fato quase um mês depois.

— Partiu cheio de esperanças — disse um amigo seu. — Naturalmente, deve-lhe ter acontecido o mesmo que aconteceria a um frade se, depois de uma vida de sacrifício, passasse ao outro mundo e descobrisse que o paraíso não existia... — Arrigo Petacco.

NÃO
HÁ
CAMINHÃO
MAIS
CONFORTÁVEL
QUE
O
FORD!



Muita gente que guia carro de passeio invejaria o conforto do caminhão Ford. Os assentos são ultra-cômodos; o pára-brisa é panorâmico. Motorista de Ford guia descansado — viaja com mais segurança. Mas o conforto é apenas um dos pontos de superioridade dos caminhões Ford. Modéstia à parte, eles são superiores em tudo. Você não acha formidável guiar um caminhão que, além de ser ótimo no motor, nos eixos, no câmbio, no diferencial, nos freios, na direção, é também insuperável no conforto?



Mais conforto para o motorista — mais rendimento de trabalho — outro fator da exclusiva ECONOMIA GLOBAL Ford!

OS VERDADEIROS RESPONSÁVEIS

ANDRÉ Ferro é um gigante: ombros largos, um pescoço de touro e mãos grandes. No entanto o tom suave e cantante de sua voz, peculiar aos habitantes do Midi, contrasta vivamente com seu físico hercúleo. Antigo zelador da barragem de Malpasset, este homem de quarenta e cinco anos vive e ainda viverá por muito tempo perseguido pelo espectro da grande catástrofe. Estêve no âmago de todo o drama e por milagre, escapou vivo, juntamente com a esposa Rina e o filho Patrick.

— Os dias que se seguiram à tragédia, explica ele, foram, para mim, insuportáveis. Chegaram ao ponto de tachar-me de assassino, culpando-me de não haver prevenido a população. Por acaso, sabia eu que a barragem ia mesmo romper?

E agita as mãos grossas, como as de um lutador:

— Quando a barragem “estourou”, poderia eu tê-la detido?

Sua voz traduz alguma coisa de doloroso:

— Pois, veja você, como já não suportasse tantas acusações, preferi passar três meses sem pôr o pé fora de casa...

Hoje, André Ferro está encarregado de zelar por outra barragem, localizada um pouco mais acima da de Malpasset, no mesmo ribeirão que alimentava esta, ou seja o Reyran. Assim, continua trabalhando no mesmo cenário onde quase foi colhido pela morte.

A casa onde residia foi arrastada pelas águas, e a sala de jantar daquela onde mora atualmente e onde me recebeu, é mobiliada com peças heterogêneas, resultantes dos presentes que foram feitos aos sinistrados. Súbito, a porta se abre e seu filho Patrick entra fazendo estardalhaço. Noto que o rosto de André empalidece:

— Tome conta do garoto, orde-

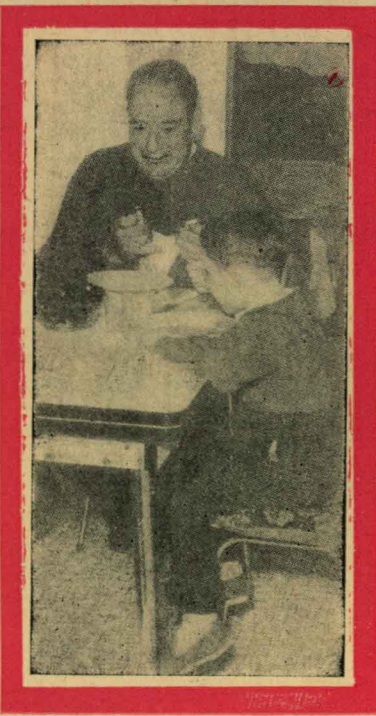
nou ele à mulher.

Quando, finalmente, Patrick deixou a sala, explicou-me:

— Se a gente fala da barragem perto do pequeno, ele não consegue dormir à noite.

A tragédia de Malpasset ocorreu já faz um ano, todavia, os nervos dos frejussianos estão ainda longe de se acalmar. A ferida ainda está aberta.

Na Prefeitura do lugar, tive ocasião de conversar com Luís Senequier, o primeiro substituto do prefeito. Este, no dia do desastre, 2



André Ferro, zelador da barragem, e seu filho Patrick.

de dezembro de 1959, encontrava-se em Paris, na qualidade de Conselheiro do Tribunal de Contas. Luís Senequier estava só. Pareceu-me bem magoado e desiludido.

— Também eu, disse-me, tenho sido tachado de assassino e responsável pela catástrofe, porque não avisei a população. Lançaram-me em rosto a injúria de que “a Prefeitura não cumpriu seu dever”.

E continuou:

“Em novembro último, por ocasião das eleições municipais suplementares, certa mãe de família veio votar, trazendo no avesso do seu casaco, a fotografia de seu filho também desaparecido. Dias atrás, quando minha mulher tomava o trem de Nice, ouviu às suas costas este insulto: — “Eis aí a esposa daquele que não avisou...” Minha situação é esta. Aliás já me queixei, por difamação, ao procurador. Porque, afinal de contas, não fomos eu, o substituto, nem o prefeito André Leotard, eleito sete anos após Malpasset ter sido construída, os responsáveis pela barragem. Um inquérito policial e administrativo foi instaurado no dia seguinte à catástrofe. Esperamos que ele seja levado a bom termo e que todo o mundo conheça a verdade”.

Quem, então, foi o responsável? Não foi André Ferro, nem foi Luís Senequier, certamente. Mas a pergunta continua de pé.

Uma coisa entretanto, é bem certa: muito antes de ser construída e enquanto não passava ainda de um projeto, a barragem de Malpasset já dava o que falar.

Seu primeiro adversário tinha sido o bom senso dos camponeses. Na Provença, região bem característica, onde se vive modestamente, o senso da realidade é atributo natural do povo. O que se constrói, costumam dizer ali, é para durar. A tal barragem do tipo “abóbada”,

PELO GRANDE DRAMA

A barragem
tinha uma
capacidade de
50 milhões de
metros cúbicos
de água e era
a mais "delgada
do mundo"

iria ter 35 metros de altura e medir, na parte mais elevada, apenas 1 metro e meio de espessura. E esta fragilidade espantava! Os técnicos anunciavam como uma vitória o fato de que ela seria "a barragem mais delgada do mundo". Contudo, os rudes habitantes de todo o baixo vale de Fréjus abanavam a cabeça e, nesta região onde um vocábulo bem expressivo e adequado é facilmente encontrado para cada coisa, batizaram-na de "a barragem papel de cigarros".

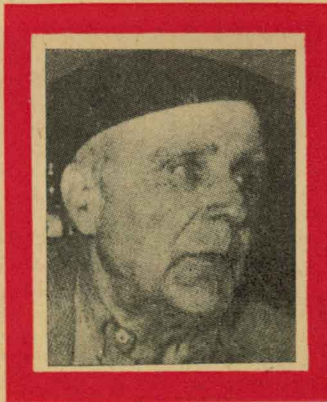
Os habitantes do meio rural, através de gerações, acabam-se ligando intimamente à sua gleba. Daquela porção do maciço de Esterel, costumavam dizer que a terra ali era "podre". Todo o mundo sabia que a estrada de Fréjus a Cannes era prejudicada por desmoronamentos e quedas de barreiras, na época das chuvas.

Pude também entrar em contato com Victor Castagne, um dos mais importantes sinistrados de Fréjus. Tinha propriedades e explorava culturas de pessegueiros logo abaixo da barragem. Hoje, está arruinado, e, no entanto, dá, desapaixonadamente, sua versão sobre a ocorrência:

— Na verdade disse êle, não se vivia em paz. Os engenheiros haviam apresentado cálculos e cifras que ninguém compreendia. Em resumo, acabamos aprendendo que numa barragem tipo "abóbada", delgada e em arco, toda a pressão se exerce sobre as margens, contrariamente à barragem massada, onde a pressão atua sobre toda a superfície. Ora, todos sabíamos que o nosso sub-solo não era propício a uma barragem concebida segundo o tipo abobadado. Venho, há muito, explorando algumas pedreiras situadas nas proximidades de Malpasset e sei disso por experiência própria. Ultrapassados

dez metros de profundidade, não se encontra mais que um material vulcânico, muito friável, não se prestando para construções.

O "Conselho Geral do Var" foi quem lançou a idéia da barragem. Ela iria ou deveria responder a duas utilidades: regularizar o curso do Reyran, que, não passando de um filete d'água no verão transformase numa grossa torrente na estação das chuvas; e, em segundo lugar, o lago a ser formado, viria proporcionar às populações ribeirinhas grande possibilidade de irrigação,



Victor Castagne, um dos mais importantes sinistrados de Fréjus.

que produziria a abundância agrícola, além de fornecer, no verão, água potável a Fréjus e São Rafael. Como se vê, a fatura era oferecida a todo o mundo. Terá sido um erro? O Conselho havia encarregado a "Engenharia Rural" e as "Pontes e Aterros" de traçar os primeiros planos, sendo que, para a construção da obra, designara-se uma sumidade mundial na matéria: André Coyne. Técnico de nomeada,

Coyne havia projetado barragens para o Canadá, a Indonésia, a Rodésia e até para a China, além de tratar-se do presidente e inspetor geral da Sociedade Francesa de Estudos de Barragens.

A construção teve início em 1952 e foi concluída em março de 1955. Em 1959 a obra já devia estar armazenando água.

— A idéia de se construir barragens, disse-me, por outro lado, André Leotard, nomeado prefeito só em março de 1959, é comum em todos os países mediterrâneos. Os romanos construíam barragens e, enfim, o desenvolvimento do litoral do Var, há dez anos, estava comprometido, em vista da escassez de água potável.

Mas, se a opinião pública e os geólogos, dentre os quais o sr. Corroy, decano da Faculdade de Ciências de Marselha, revelam que a rocha é friável, como o professor Coyne concordou em lançar a tal barragem de "abóbada" ali? E por que a "Engenharia Rural" não exerceu um controle mais efetivo em torno da questão?

Em 1934, M. Joly, na época prefeito de Fréjus, acumulando também o cargo de engenheiro das "Pontes e Aterros", tomou parte numa comissão encarregada de encontrar um local para ser construída uma barragem. Li o relatório desta comissão. Depois de várias considerações, conclui o grupo de técnicos: "Abandonamos o sítio de Malpasset, porque a rocha é muito friável", isto é, facilmente reduzível a pó.

Quando se resolveu construir a barragem, foi aberta uma enquête na Prefeitura de Fréjus. De acordo com a lei, todos podiam dar a sua opinião. M. Sermet, antigo engenheiro da "Ponte e Aterros" deu também seu parecer, tendo fei-

VARIZES

**Tratamento sem
operação e sem injeções**

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para tratamento das varizes (nas pernas). Use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia em água açucarada e fricção a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. **USE DURANTE 3 MESES.** Para hemorroidas (mamilos externos e internos) inclusive os que sangram usa-se a pomada no local e toma-se juntamente o líquido. Com este tratamento em pouco tempo poderão ser debelados tais males.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

HEMO-VIRTUS
POMADA E
LIQUIDO



LIMPEZA DA PELE EM CASA



Agora em sua casa num minuto apenas, antes de deitar-se faça a mais completa limpeza de pele com **CRAVOSAN!**

Penetrando profundamente nos poros - Cravosan dissolve as impurezas e manchas da pele; remove pó, gorduras, e elimina rugas, cravos, sardas e espinhas. **Cravosan - limpa - suaviza e amacia.**

CRAVOSAN

remove a maquiagem
Formula original do Instituto de beleza
"Guillon" de Paris.

NAS FARMACIAS E PERFUMARIAS



- «Le Belvedere»
O Restaurante
Inconfundível
- Apartamentos
Modernos
- Ambiente
Familiar
Bom Gosto
e Distinção
- Bar Tejuco
Ambiente de Arte,
Música
e Alegria



Av. Amazonas 120 — Fone: 4-0420

BELO HORIZONTE

to várias restrições ao teor da rocha da região do Esterel. Posteriormente, aliás, evidenciou-se que a barragem estava marcada pelo destino. A construção esteve paralisada por dois meses. "Falta verba", dizia-se. Falava-se também em dificuldades técnicas. Na extremidade esquerda da obra, exatamente no ponto onde a barragem iria ceder na noite trágica, a estrutura revelou-se deficiente. Tiveram de aplicar uma quantidade de argamassa três vezes maior que a prevista. Certa feita também, os trabalhos estiveram interrompidos por quinze dias: o arsenal de Toulon, "encarregado de verificar a qualidade do material empregado, concluiu que o grão de pórfiro utilizado era insuficiente".

A barragem foi, afinal, inaugurada. Dominava o vale, polida como uma jóia, e sua estrutura cor-de-rosa tingia de um tom feérico aquele trecho de paisagem provençal. Não obstante, a euforia não era unânime. Na parte inferior do vale, entre os camponeses que habitavam as proximidades da barragem, nasceu uma psicose coletiva. Era o medo.

A apreensão generalizava-se. E começou o zum-zum. A barragem nunca mais se enchia.

— Eles não ousam fazê-lo, cochichava-se.

— Não, replicavam as autoridades, acontece que o Reyran tem pouca água.

— Então por que construíram a barragem? 5 bilhões à nossa custa, e não serve para nada, protestavam os frejussianos.

O "Conselho Geral", a fim de acalmar os habitantes daquelas paragens, pediu, então, a André Coyne um "certificado de solidez" para a sua barragem. Este foi escrito em 3 páginas datilografadas e, pela sua leitura, depreende-se quanto as palavras foram pesadas.

"É indispensável", escrevia André Coyne, "que Malpasset seja concretizada. O fato de não proceder-se ao seu enchimento, pode gerar descontentamento entre os mestres de obra, fazendo supor que a qualidade do projeto não foi correspondida pelos seus executores. Todavia, posso garantir-lhes que obras similares têm ocasionado embaraços, mas, no fim, sempre redundam em satisfação geral. Todas as precauções possíveis foram tomadas para fazer frente a certas características da rocha e imprevistos surgidos quando da execução dos trabalhos. Aplicamos mais concreto que o previsto para obtermos todas as garantias sobre a qualidade da fundação, levando-se em conta a fragilidade revelada. O aprofundamento geral das sondagens

OS VERDADEIROS

PELO GRANDE

permitiu atingir-se uma rocha de melhor qualidade".

O estilo era muito equilibrado, equilibrado demais. Talvez, para desarmar as más línguas. No entanto, uma alta patente da Marinha entendeu de reabrir os debates: o almirante Godefroy. Escreveu ele no jornal "Nice-Matin", de 5 de dezembro de 1957:

"Quem quiser ver água na barragem de Malpasset, deverá esperar muito tempo ainda. O Reyran, julgado capaz de alimentar esta barragem (concluída agora, após mais de quatro anos), não é um rio, pois não possui fonte. Trata-se apenas de uma vala, que transporta água de chuvas precipitadas na sua "bacia". Conhecendo-se a altura da barragem, e sabendo-se o volume médio da chuva precipitada, pode-se facilmente calcular até que nível a água pode subir".

E o almirante Godefroy concluía: "Seria necessário um verdadeiro dilúvio, o qual constituiria um cataclismo para todo o país, para encher Malpasset temporariamente..."

Durante três semanas antes da noite trágica, choveu a cântaros sobre o Esterel. Pela primeira vez a barragem esteve cheia. E estava a ponto de transbordar. O pânico apoderou-se, então, da população inteira.

"Na véspera da catástrofe, conta Luís Senequier, fui assediado em meu gabinete da Prefeitura por grande quantidade de camponeses".

— Ela vai arrebentar! diziam.

"Fiquei estupefato ao ouvir que havia leves rompimentos em três pontos. E a água subia sempre..."

As três horas da tarde, o prefeito solicitou engenheiros e técnicos da "Engenharia Rural" e das "Pontes e Aterros" para inspecionar a barragem. As 6 horas da tarde, ficou decidido que as comportas deveriam ser abertas. "Nada de suspeito nem de inquietante", assegurou um comunicado enviado logo aos jornais. Este não teve tempo de ser impresso. As 9 horas e 12 minutos, a barragem explodiu.

Estávamos no dia 2 de dezembro de 1959. Momentos após, morria

RESPONSÁVEIS

DRAMA

(Conclusão)

um homem de desgosto: André Coyne, o grande engenheiro que havia concebido Malpasset. E a máquina judiciária pôs-se a funcionar. O juiz Minod, instrutor do processo, ficou encarregado da investigação.

— Tenho já cinco peças civis em andamento, disse-me ele. Outras esperam, para serem constituídas, o relatório definitivo que aparecerá em breve.

A instrução do processo, na conformidade do novo código de processo penal prossegue dentro do maior segredo. No pequeno gabinete do juiz, no Palácio de Justiça de Draguignan, tive ocasião de ver o "dossier". Abrange 355 páginas datilografadas. Não tive autorização para abri-lo.

O Ministério Público lançará a tese de homicídio por imprudência, punível com a pena de três meses a dois anos de prisão, e a de ferimentos por imprudência, que requerem de quinze dias a um ano. O público, entretanto, dará tão pouco valor a estes debates!

— Pelo espaço de um ano, técnicos foram inspecionar o local: os geólogos M. M. Casteras, professor da Universidade de Toulouse; Roubault, diretor da Escola de Geologia de Nancy; os engenheiros hidráulicos M. M. Escande, professor no Instituto de Toulon; Gridel, professor na Escola Central e diretor dos laboratórios de Chatou; e os especialistas em concreto Haegelen e Jacobson, este professor na Escola Central e antigo inspetor da Engenharia do Ar.

Estes especialistas, que se têm reunido uma vez por mês em Paris, não se cansam de medir a área, e de estudar a alvenaria dos blocos

*Um homem bem educado
e sem medo dos outros obterá tudo o quanto quiser —
mesmo se for estúpido. —
Sir David Eccles.*

enormes de vários milhares de toneladas, que rolaram pelo vale como bolas de bilhar. Têm extraído amostras de rocha a níveis diferentes e até a 12 metros de profundidade, principalmente nas proximidades do ponto onde a obra ruíu.

Esta cifra de 12 metros, que eu ouvi de uma fonte absolutamente segura, dá uma idéia aproximada da profundidade da fundação. Tal cifra fôra mantida até agora em completo sigilo pelos técnicos. Não apareceu em parte alguma, e talvez venha pôr em causa a construção da obra. Porque em Castellane, situada a 90 quilômetros de Fréjus, certa empresa construiu uma barragem sobre rocha mais ou menos semelhante à de Malpasset. Lá, entretanto, a fundação aprofundou-se até os 30 metros.

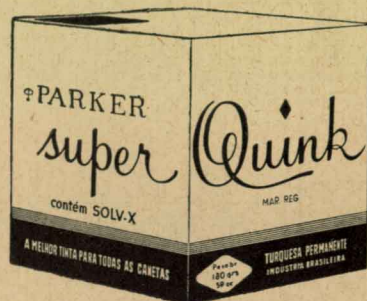
Os especialistas encarregados das investigações em Malpasset estudaram as suas formações rochosas no laboratório de Nancy. Construíram uma maquete da barragem sinistrada a 50/1.000, para que os cálculos de Coyne fôssem verificados. Estes, de acordo com os referidos técnicos, se mostram perfeitamente exatos. Todas as hipóteses foram examinadas: vibração das ondas, abalos sísmicos e até a queda de um meteorito. Esta pesquisa custará cerca de 30 milhões de antigos francos, mas, para esclarecer a morte de 400 pessoas, não é demasiada.

Um mês antes da catástrofe de Malpasset, a 1º de novembro de 1959, a União Soviética e a Itália publicavam simultaneamente uma nova regulamentação dizendo respeito à construção de barragens. Ela é digna de atenção, no dizer dos técnicos. Durante a execução dos trabalhos preliminares, aconselha-se aí a presença de uma equipe de geólogos e geofísicos. Segundo dizem, em Malpasset empregaram-se apenas geólogos. O papel dos geofísicos, que são especialistas em deslocamentos telúricos, é fazer sondagens. Que sondagens foram feitas em Malpasset?

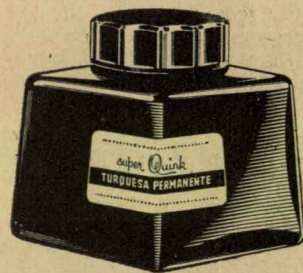
Deverá ter lugar, em conformidade com esta regulamentação, toda uma série de verificações, experiências, estudos e cálculos, que será fastidioso enumerar aqui. A conclusão é fatal: o engenheiro-chefe será responsável por todas as assinaturas apostas.

— Mesmo que o inquérito de Malpasset venha a dar em nada, disse-me o juiz Minod, não será inútil. Doravante, na França, tomar-se-ão medidas mais sérias para a construção de barragens. E uma nova regulamentação, à semelhança da praticada tanto na Rússia como na Itália, se impõe — *Armand Valière.*

NOVA



tinta de escrever



✦ PARKER

super Quink

A qualidade inconfundível da Parker, reafirmada na NOVA tinta de escrever. Sua fórmula ultra-aperfeiçoada dá maior fluidez e garante escrita mais fácil, legível, segura!

A nova Super Quink é mais brilhante. Além disso, contém SOLV-X, o aditivo que limpa e protege a caneta à medida que escreve. 8 lindas cores. Agora também em tamanho econômico, para colecionais,



PREÇOS:

30 cm3 - Cr\$ 40,00
59 cm3 - Cr\$ 50,00
473 cm3 - Cr\$ 260,00
946 cm3 - Cr\$ 400,00

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:



COSTA PORTELA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.

Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º andar - Rio

Sub-Agente em Minas Gerais

JOSÉ HARRY LEITE

Rua dos Caetés, 652 - 1.º - B. Horizonte

STB-1037

A CURA DO ESQUECIMENTO

*O menino era magrinho e
miope. O pai, um brutamonte.
Mas, aí, surgiu a cobra...*

SOU um menino pequeninho. Estudo no Ginásio Dom Bosco. Ainda não fiz o exame de admissão. Faço o curso médio. Sou muito magrinho. Meu pai sempre me deu fortificantes, desde que nasci, mas não adianta. Acho que nasci para ser magrinho mesmo. Eu não me incomodo com isso. Não me incomoda também com os óculos de vidro grosso que tenho que usar. Não enxergo muito longe. Sou miope. Além de ser magrinho, tenho um rosto amarelo. Meus cabelos são amarelos também. Meu tio sempre os chama de palha de milho. Minha mana menor não cansa de me "encher" chamando-me de galego. Na hora, fico com vontade de quebrar-lhe a cara. Depois, vejo que não devo ligar para essas coisas. Sou um guri muito quieto. Minha maior distração é imaginar uma porção de bobagens. Ou então, ficar olhando as coisas. Que coisas? Tudo. Acho tudo muito bonito e interessante. Perco horas e horas distraído com um bichinho. Tudo me distrai. Meu pai bufa de raiva por causa disso. Diz ele que não tenho remédio. Eu, até ontem não havia pensado muito nisso. Ontem acho que tive azar demais com minhas distrações. Sim, foi um dia azarado! Pensando bem, eu esqueço demais as coisas. Puxa! se esqueço! Meu pai disse que vai curar-me do esquecimento. Parece que ele está pensando numa série de surras. Uma por semana, talvez. Chi! eu sou tão fraquinho! Acho que ele pode me machucar. Ora, e depois, eu estou doente. Claro! Aquela injeção não foi sopa. Ai! Ainda está doendo. Não há meio de ficar deitado. O médico disse a meu pai que depois de amanhã estará tudo bom. Meu pai quer começar logo com a cura do esquecimento. Será que ele vai fazer isso mesmo? Barbaridade! Minha mãe bem que lhe gritava ontem: "Deixa disso, o guri está doente! Pára! Pára! Pára!" Não adiantou. Acho que nunca levei uma surra tão grande. E ele prometeu outras. Não posso esquecer-me de mais nada senão estou frito. Como foi azarado o dia de ontem. Pobres das crianças. As vezes tudo está contra elas. Ui! Está latejando. Vou contar para vocês o que me aconteceu ontem. Vocês vão ficar espantados com tanto azar.

Tenho que levantar todos os dias às seis e meia. A aula começa às sete e quinze. A empregada bateu na porta e eu saí logo. No verão é fácil fazer isso. No inverno é que é duro. Fico tão embrulhado nas cobertas que não ouço a batida. Meu pai é rigoroso. Se ouve me chamarem a segunda vez, pula da cama. Marcha para meu quarto. E' o santo remédio. Salto como se fosse de mola.

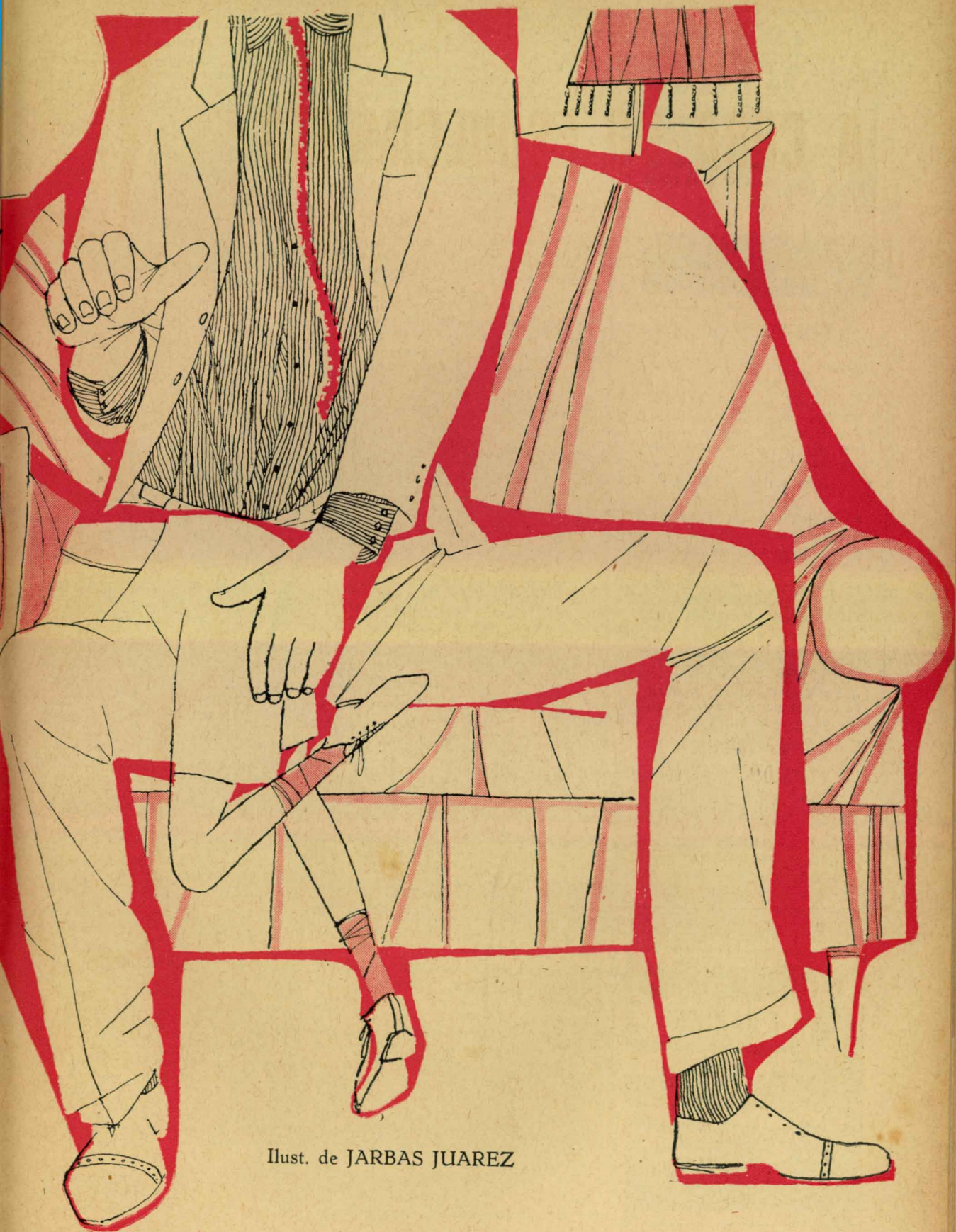
Ontem era dia de verão, como hoje, não houve problema. Quando cheguei na cozinha minha mãe estava mexendo a mamadeira do nenê. Nosso nenê já caminha. E' muito bambo ainda. Eu estava achando a manhã meio nevoenta, não compreendia aquilo. Olhei pela janela e lá fora, depois de cem metros, não se en-



Conto de

RICARDO LUIZ HOFFMANN

2º PRÊMIO NO CONCURSO DE CONTOS DA «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»



Ilust. de JARBAS JUAREZ



VARIZES E HEMORRÓIDAS

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

COMO OPERAR NA BÔLSA DE VALORES?

Pergunta muito freqüente entre os homens de negócio, cuja resposta, muitas vezes, é o primeiro passo para uma operação lucrativa.

SE O PROBLEMA DE V.S. É:

- Importação e Exportação
- Compra e venda de ações
- Compra e venda de Títulos da Dívida Pública (Federal, Estadual, Municipal)
- Compra e venda de Letras de Importação

e quaisquer outras informações, teremos o máximo prazer em atendê-lo.

ESCRITÓRIOS GERALDO CORRÊA

Rua dos Carijós, 244 — salas
1302/08 — Fones: 2-4753 e
2-7781 — Belo Horizonte —
MINAS

Correspondentes nas principais praças do país.



HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

xergava mais nada. Sentei-me esfregando as mãos.

— Como é que hoje tem cerração, mãe?

— Que cerração?

— Cerração. Não se enxerga os morros lá no fundo.

Minha mãe olhou pela janela.

— Não tem cerração nenhuma.

Depois veio pôr-me o café.

Olhou-me e sorriu.

— Onde é que estão os óculos?

— Esqueci!

— Cerração... seu tanso!

Tive que voltar para meu quarto. Diacho! tão pequenino e de vista estragada, às vezes acho que sou um mártir.

Minha mãe pensava que era capaz de chover. Quando sai pendurou-me o guarda-chuva no braço. Era o guarda-chuva grande de meu pai. Eu tinha um pequeno mas es-

usada em minha casa. Tinha duas variantes esta frase. Uma da minha mãe, que simplesmente a dizia. Outra de meu pai, que a dizia e lhe ajuntava uma cocada em minha cabeça, quando me alcançava. Eu andava com algum medo das cocadas que meu pai me dava. Estava crescendo um calombo. Todo dia eu apalpava.

Peguei o lanche da mão de minha mãe. Tive que correr para o colégio. Entrei nela bufando. Meu professor lançou-me um olhar feroz. Aquêlê professor é sempre feroz comigo. Cisma. Implica. Não me deixa sossegado. Eu não compreendo porque. Eu sou uma criança muito comportada. Não falo



queci-o... deixa ver... onde? Não me lembro mais.

Lá fui eu para a escola. Já há alguns dias eu vinha tentando contar quantos sarrafos há na cêrca de nosso vizinho. Fazia a tentativa toda manhã. Mas, quando chegava pelos quarenta e tantos embaralhava-me e não conseguia continuar. Ontem eu estava no quarenta e não me lembro quanto, quando lembrei-me de meu lanche. Esqueci o lanche! Voltei para casa. Minha mãe já estava saindo pela porta, de cara amarrada.

— Porque não esquece a cabeça?

Era a célebre frase. A frase mais

na aula. Não rio. Não faço brincadeiras. Não incomodo ninguém. Só me distraio às vezes com a janela. Ou então fico olhando os bichos dos quadros de história natural pendurados nas paredes. Acho que êle se irrita um pouco com meu esquecimento. Afinal, um professor é como um pai. Implica com tudo. Não se pode ter um defeito. Eles estão cheios dêles e julgamos os tais. Penso que fica irritado de ouvir "Esqueci!" quando me pergunta: "Gustavo, que foi que eu disse?"

Ontem êle cismou comigo de novo. Implicante! Nem deixou que eu abrisse meus livros em cima da

carteira. Parado, em pé, lá na frente lançou-me um olhar de riso.

— Seu Gustavo, o que foi que esqueceu hoje?

Tôda a classe virou-se para mim com cara de deboche.

— Eu... eu professor... eu... acho que... na...

Não pude acabar o "nada". Lembrei-me que tinha deixado uma cópia para fazer de manhã e esquecera.

O que foi que esqueceu, seu Gustavo?

— A... a cópia.

Estourou uma gargalhada geral. Os guris davam pulinhos nas carteiras entusiasmados e divertidos. Eu devo ter ficado com uma cara bêsta por trás dos óculos.

Tive que voltar para casa.

E' ruim voltar para casa sôzinho enquanto todos ficam na aula. Dá uma comichão no estômago. A gente sente-se desprotegido.

Quando cheguei em casa minha mãe explodiu:

— Não tem dia que tu não esqueças alguma coisa? E' sempre isso! Sempre a mesma coisa! Semana passada voltou da aula também. Porque? "Esqueci a lição de matemática". Hoje? "Esqueci a cópia". Acho bom acabar com isso! "Esqueci... esqueci".

Minha mãe arregalava os olhos e fazia uma careta de imbecil para imitar meu ar atarantado. Eu olhava o chão e não dizia nada. Ficava com os ouvidos bem abertos. Não desejava ouvir a voz de meu pai. Ele tomava seu café, com os olhos ainda empapuçados do sono. Parecia que estava pouco disposto a incomodar-se. Só ouvi que disse com calma quando saiu da cozinha:

— Um dia, ainda, eu curo êste esquecimento.

Passou-me uma friagem pela ponta inferior da espinha. Ai, ai, ai! Era promessa de surra. Tirei os óculos instintivamente para mostrar-me desprotegido, com as pálpebras comovedoramente semi-cerradas. Eu era tão pequenininho com aquela montoeira de livros nos braços! Estava encolhido.

Minha mãe teve que sair. Deixou-me ao lado da grade do nenê.

— Vou fazer compras. Tu ficas aqui e cuidas do nenê. Não arreda pé daí, senão vais ver. Estuda. Pega um livro. Não deixa êle chorar. A empregada teve que sair e só volta mais tarde. O jardineiro veio hoje e está limpando o jardim. Acho que êle não acaba antes de eu voltar. Mas, se acabar, diz-lhe que venha receber o pagamento outro dia. Não arreda pé daqui. Ouviu? Não arreda pé! Cuidado com o nenê. Não deixa êle chorar. Não esquece nem um minuto tudo o que estou te recomendando. Ouviu?

(Concluí na pág. 62)



Olhos que Muito Viram

precisam
de atenção
constante



FAZ BEM AOS OLHOS

FOSFOSOL

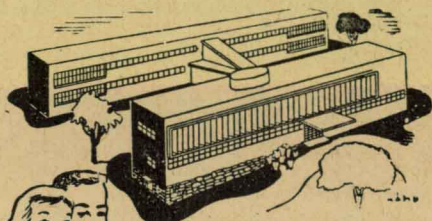
VIRTUS ELIXIR

FONTE DE FOSFATOS

Excelente fortificante para Crianças, Jovens, Estudantes e pessoas esgotadas.

Elimina a palidez e a magreza, revigora o cérebro e músculos, agindo benéficamente em todo o organismo debilitado dos jovens e adultos.

NAS FARMACIAS



Nada supera o prazer de dar

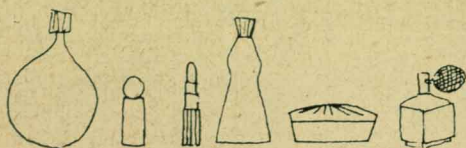
A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

HOSPITAL ESPÍRITA «ANDRÉ LUIZ»

SECRETARIA: Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34 — Fone: 2-3860
— Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte.

REVISTA DE IDENTIFICAÇÃO

Acaba de ser posto em circulação o número da "Revista de Identificação e Ciências Conexas" referente ao primeiro semestre do ano em curso. A importante publicação, orientada pelo seu fundador e diretor dr. Raul Pedreira Passos, apresenta em seu novo número artigos de grande interesse para os estudiosos do assunto, da autoria de personalidades abalizadas tais como: drs. Jason Soares Albergaria; J. A. César Salgado; H. Veiga de Carvalho; Agostinho de Oliveira Júnior; Raul Pedreira Passos; Dario Abranches Viotti; Tasso Ramos de Carvalho; Leonídio Ribeiro; Agenor Lopes Cançado; Djalma Teixeira de Oliveira; e João Rodrigues da Costa Dória.



PEQUENAS ECONOMIAS

para sua beleza

ATUALMENTE, os produtos de beleza, quer sejam cosméticos, quer sejam produtos para a maquiagem, custam um absurdo e não há quem conteste tal afirmação. Entretanto, a leitora já verificou como esse custo elevado torna-se razoável e até mínimo, quando diluído no curso de vários meses?

Muitas mulheres lamentam-se de que não podem adquirir os produtos de primeira ordem para o seu embelezamento. Sou de opinião, entretanto, que qualquer mulher, mesmo as de posses mais modestas, pode adquirir aqueles produtos que lhe parecem inatingíveis.

Antes de tudo, contrariamente ao que pensa a maioria das leitoras, os produtos necessários ao cuidado do rosto são pouquíssimos, principalmente quando se trata de um rosto jovem. De que necessita realmente um rosto jovem? Se tem a pele oleosa, bastará um adstringente, já que se pode remover a maquiagem, ainda que duas vezes ao dia, com água e sabão. Se tem a pele seca, basta usar um creme nutritivo ou hidratante e, na pior das hipóteses, um leite detergente. Mesmo tendo a pele seca, pode-se lavar o rosto com água e sabão neutro, aplicando-se o creme imediatamente após a operação. Como se vê, a situação é menos complicada do que parece. E quando a leitora vir nas revistas a propaganda de um sem número de anúncios de cremes e loções, não pense que todos aqueles produtos são ne-

cessários à sua beleza. Sobretudo, não fabrique complexos de mocinha inteliz, que teme o perigo de não conseguir ser bela se não tiver todos os cremes e os cosméticos de que ouviu falar.

Disse e repito: os produtos necessários são poucos, pouquíssimos, e não me diga que você não pode fazer uma pequena economia, mesmo que sua receita seja exigua, para adquiri-los. Basta renunciar, por exemplo, a um lanche mais dispendioso na cidade ou à compra de gulodices como bombons e caramelos, para ter no fim do mês, com que comprar um creme de qualidade. Vença a tentação e lembre-se de que muitas espinhas são causadas por esses doces.

E agora, aprenda a usar estes benditos produtos de beleza. Aprenda, sobretudo, esta verdade fundamental: bastam pequeníssimas quantidades de cremes ou loções para se alcançar o efeito desejado. Quer trate-se de creme curativo ou de creme-base, lembre-se de que uma quantidade minúscula é o bastante para cobrir todo o rosto. Se você aprender a usar os produtos com esta parcimônia, perceberá que um pote de creme dura meses e verá que sua beleza não insidirá assim tão gravemente sobre suas finanças.

Tendo que aplicar um leite detergente ou um adstringente, você usará uma mecha de algodão hidrófilo que, fatalmente, absorverá grande parte do líquido. Todavia, com um pequeno artifício, poderá evitar que

haja desperdício do leite ou do adstringente. Basta mergulhar a mecha de algodão em água fria e depois espreme-lo. Em seguida, aplique sobre ela o líquido e, visto a mecha ter-se transformado numa massa compacta de poder absorvente limitado, você realizará uma notável economia do produto.

Existe também um sistema muito simples para prolongar a durabilidade de um pó-de-arroz caro. Escolha uma tonalidade mais escura do que a normalmente usada e misture-o com talco fino, até obter a cor desejada. É um pequeno truque que lhe possibilitará uma notável economia.

E O BATON PARA OS LABIOS?

Muitas mulheres desordenadas ou nervosas, usam o baton fazendo-o sair todinho do estojo metálico, provocando a sua quebra, o que constitui grande desperdício. As grandes marcas hoje são apresentadas também em forma de sobresalentes, em simples estojos de plástico. Considerando que o produto é idêntico ao contido nos estojos de luxo, não há necessidade alguma de se despendar mais dinheiro, adquirindo o estojo metálico. Quando o baton está no fim, ainda se pode aproveitá-lo bem, retirando o resto do suporte e colocando-o numa caixinha de plástico. Neste caso, ele poderá ser aplicado com um pincel.

A ECONOMIA DO CABELEREIRO

O cabelereiro é necessário, principalmente agora, com esses penteados que não parecem penteados, mas que, para serem perfeitos, exigem o toque do especialista. Pode-se entretanto, reduzir as visitas ao cabelereiro, realizando assim uma economia substancial. Basta um pouco de cuidado, para conservar os cabelos sempre em perfeita ordem.

E agora, um conselho: jamais faça economias que prejudiquem o rosto, que é o seu cartão de apresentação. As virtudes do coração e do espírito só se revelam em segundo lugar. Nada de economias sobre a qualidade: use produtos de primeira, mas use-os com critério, com parcimônia, com inteligência. Escolher produtos de qualidade inferior significa, em muitos casos, ter que recorrer a certas providências, quase sempre muito dispendiosas. — *Olivia*.



Fica uma delícia a torta de nozes!

TORTA DE NOZES

Ingredientes:

250 gr. de nozes descascadas
5 ovos
1 xícara e meia de açúcar refinado
250 gr. de biscoito champanha
1 pitadinha de sal
1 pitadinha de fermento

Para o recheio:

1 colher de sopa de Maizena
1 copo de leite
3 colheres de sopa de açúcar cristal
1 colher de chá de essência de baunilha
1 xícara de creme de leite

Modo de Fazer

PIQUE as nozes em pedacinhos, deixando oito metades inteiras para a decoração.

Bata 4 gemas com o açúcar até obter um creme. Reduza os biscoitos a farinha, acrescente-lhes as nozes, o sal e o fermento e ajunte tudo ao creme. Bata as cinco claras em neve e misture-as também ao creme. Divida a mistura em duas formas untadas e leve-as a assar durante uns 40 minutos ou até que

os bolos fiquem bem firmes. Deixe-os por algum tempo na fôrma e depois remova-os para que esfriem.

10 minutos antes de estarem prontos os bolos, faça o recheio da seguinte maneira:

Desmanche a Maizena num pouco de leite e ferva o restante, ajuntando-o em seguida à Maizena e ao açúcar. Coloque a mistura numa caçarola e leve ao fogo por 3 minutos, mexendo durante todo o

tempo. Remova a panela do calor, acrescente-lhe a gema restante e leve a cozinhar novamente, sem ferver, até que a mistura esteja bem espessa. Então acrescente-lhe a essência de baunilha e deixe-a esfriar.

Una os dois bolos com o recheio. **PARA DECORAR:** — Bata o creme de leite até que ele fique bem fino e em seguida espalhe-o sobre o bolo. Enfeite com as nozes restantes.

CONHEÇA SEUS

defeitos



O TIPO COQUETE

O TIPO EGOÍSTA

1 — Faz com que creiam que homem algum consegue possuir seu coração?

2 — Sente-se lisonjeada até pela cõrte de um senhor bastante idoso?

3 — Está convencida de que todos os homens que conhece são secretamente apaixonados por você?

4 — Acha que Lyz Taylor não passa de uma mulher sedenta de afeto?

5 — Evita mostrar-se comovida, se tem medo de estragar a maquiagem dos olhos, obtida tão maravilhosamente?

6 — Encontrando-se em uma reunião só de mulheres, perde repentinamente a capacidade de mostrar-se espirituosa?

7 — Considera cada nova pessoa do sexo oposto que fica conhecendo uma «experiência interessante»?

8 — Sabe chorar no momento oportuno para convencer um homem?

9 — Se um rapaz não se interessa por você (mas por sua melhor amiga) conserva-se ofendida por toda a vida?

10 — Se lhe acontecer passar diante de um espelho, modifica instantaneamente a voz e a atitude?

1 — E' capaz de remover céus e terra para ir ao cinema com «êles», ainda que tenha acabado de confessar-se vítima de forte dor de dente?

2 — Se uma amiga lhe conta suas desventuras amorosas às 11 horas da noite, fá-la saber que a esta hora está habituada a dormir?

3 — Se lhe pedem auxílio para um pobre, desvencilha-se, dizendo que está economizando para os presentes de Natal?

4 — «Falta-lhe tempo» — por temor de contágio — para visitar as amigas que estão gripadas?

5 — Continua a falar calmamente ao telefone público, mesmo que a senhora que espera dê visíveis sinais de impaciência?

6 — Se vai ao cinema com uma amiga menor que você, deixa que ela se assente atrás de um senhor bastante alto?

7 — Se toma o trem com uma amiga, escolhe imediatamente o lugar junto à janela?

8 — Quando está doente, chama todos os familiares com insistência, para que lhe tragam qualquer coisa e lhe façam companhia?

9 — Todas as vezes que seu pai monopoliza o rádio para ouvir uma ópera, você o detém com uma pequena conferência sobre a decadência da música lírica?

10 — Indo ao cinema com uma amiga, diz logo que o sistema será «à inglesa», temendo que lhe peça dinheiro emprestado?

O TIPO INFANTIL

1 — Conserva ainda o hábito de pôr o lápis na boca, enquanto pensa?

2 — Instiste em chamar seus amigos por diminutivos, mesmo que eles já sejam universitários?

3 — Gosta de bonecas sobre as poltronas?

4 — Intercala em seus discursos risadinhas e gritinhos sem razão?

5 — Se elogiam em sua presença uma amiga mais nova que você, fica sentida?

6 — E' capaz de fazer «bau» no ouvido «dêle», que chega cansado do trabalho?

7 — Tem a impressão de que tudo aquilo que lhe acontece é simplesmente «maravilhoso»?

8 — Se a costureira não lhe entrega a tempo o vestido novo, fica de mau humor com todo mundo e acaba por renunciar ao convite que tanto desejara?

9 — Enche de bonequinhos todos os papéis de carta que encontra sobre a mesa dos outros?

10 — Aprecia filmes que tenham cães por protagonistas?

Quando ela terminou a última recomendação eu não me lembrava mais da primeira e a segunda era uma coisa vaga.

Ela foi. Fiquei sozinho em casa com o nenê, o jardineiro lá fora e mais ninguém. A empregada tinha dito no dia anterior que vira o nenê trepado na grade quase alcançando com o pé no chão, querendo sair. Não acreditei. Tão pequenino. Não podia ser. Saí e fui ver o jardineiro cavoucar os canteiros. Ele meteu-me um olhar irritado quando apareci. Não gostava de ter-me por perto. Achava-me muito abelhudo. Sacudia-se todo quando eu chegava bem junto dele para olhar alguma coisa que ele estivesse plantando.

— Chega para lá, rapaz! — Empurrava-me com o cotovelo.

Ontem ele não andava muito irritado. Deixou-me remexer na terra para procurar paquinhos. Eu estava apertando com um palito a perna de um formigão quando ouvi me chamarem:

— Gustavo!

Levantei a cabeça e vi o Nico pendurado na cerca.

— Oi!

— Que diabo! Não foste à aula?

— Tive que voltar por causa da lição.

— An... eu já estava desejando não ter aula hoje à tarde também. Vamos jogar futebol?

— Não posso.

— Ora, porque?

— Tenho que cuidar do nenê. Depois que minha mãe voltar eu vou.

— Eu tenho que ir ali no armazém fazer uma compra. Na volta passo aqui. Se tua mãe já voltou nós vamos, tá?

— Está.

— Tchau.

— Tchau.

Se não fosse o nenê eu teria ido. Gostava de futebol, apesar dos óculos. O jardineiro continuava cavando. O Nico foi embora.

De repente, no meio de uma moita uma coisa comprida serpenteou e o jardineiro deu um bruto pulo para trás.

— Uma cobra! — gritou. — Vá buscar uma caixa que eu pego ela viva!

— Óba! — exclamei.

Corri para dentro de casa e topei na sala de jantar com uma caixa de sapatos nova em cima da mesa. O par ainda estava dentro. Tirei-o, feito flexa, e deixei-o ali mesmo. Levei a caixa correndo. O jardineiro já tinha conseguido uma forquilha e apertava contra a terra o pescoço e a cabeça do bicharoco.

— Não sei se é venenosa. Encosta a caixa aqui. Não! Espera! Es-

tá com medo? Me dá a caixa. Assim... espera... sai daí que ela pode pular. Ei, calma!... olha. Isso... entra... entra! Upa! Credo! bicho para se enroscar. Larga a vara, larga, larga, diabo! Lar... pronto!

Ele fechou a tampa segurando a caixa com mãos firmes.

— Leva para o farmecêutico — disse-me. — Ele põe a bicha no álcool, ou no vinagre, não sei.

— Não — respondi — vou levar para o professor de história natural do Ginásio. Ele tem um museu.

Eu tinha que devolver um livro que o professor de história natural me emprestara para ler. Fui ao quarto com a caixa. Enquanto ia procurar o livro pus a caixa em cima da estante com o dicionário sobre a tampa. Ao lado de duas outras

que continham selos e figurinhas. O livro do professor devia estar, deixa ver, na segunda?... não, na terceira... prateleira... esqueci! Tinha esquecido. Tive que procurar o livro. Comecei a catar ao acaso os livros. Eu tenho muitos. Meu pai sempre disse que a leitura é a base de uma boa instrução. Ele praticamente me compra livro todos os meses. No começo eu tinha uma estantezinha pequena. Depois meu pai mandou fazer outra igual, agora há uma parede inteira coberta pelas estantes baixinhas. Chii... o nenê! Eu o tinha esquecido! Fui dar uma espiada nele. Estava quieto, tirando o recheio de um ursinho empalhado em quem conseguira abrir um buraco. Eu devia tirar-lhe o brinquedo para que não o estragasse. Mas, deixei. Assim não faria barulho. Voltei para a estante e comecei a puxar livros. "Peter Pan". Ih, aquele livro era do meu vizinho. Fazia três meses que eu o tinha emprestado. Fui adiante. "Geografia da Dona Benta", Monteiro Lobato. Eu adoro Monteiro Lobato! Não era meu aquele livro. Não me lembrava, mas devia ter tomado emprestado de alguém. Resolvi separar todos os livros emprestados para devolvê-los. Dentro de quinze minutos já tinha uma pilha de sete.

Eu estava com o oitavo na mão quando ouvi:

— Gustavooo!

Era o Nico trepado na cerca. Larguei os livros e corri para o portão. Já ia saindo quando lembrei-me do nenê. Meu entusiasmo levou uma pancada. O futebol ia ser tão bom! Voltei, mas o Nico não me deixou

sossegado.

— Ah, o nenê não se mexe! Dá um livro para ele rasgar que ele não pia. Vamos, vamos embora! Arranja alguma coisa e dá para ele estragar. Alguma coisa nova, e ele fica a manhã inteira sem piar.

— A empregada disse que ele pula a grade.

— Quê! Daquele tamanho! Quá, quá, quá! Essa empregada é bêstata!

Olhei para o Nico desconfiado. Fomos dar uma espiada no nenê. Ele levantou os bracinhos, pendurou-se na grade, sorriu e começou: "dá, dá, dá... blá, blá, blá". Bamboleava um pouco nas pernas e eu o achei com cara de muito esperto para se aventurar a subir na grade e quebrar as costelinhas. Fomos para o futebol.

Quando voltei foi um desastre.

A Cura do Esquecimento

Conclusão da pág. 57

Minha mãe estava em prantos com o nenê no colo. Ele torcia-se e sacudia os braços querendo ir para o chão. Ela me olhou com as pupilas fulminantes. Eu estaquei. Apanhou-me pelo braço, juntou um chinelo e levei a maior surra que recebi dela. Explicação muito simples: o nenê tinha sido encontrado na rua a quase um quilômetro de distância de nossa casa. O Nico mereceria a metade daquelas chineladas. Eu tinha esquecido a porta aberta também. E o portão também. Tudo.

Considere-me bem castigado, mas a coisa não parou aí. Ela apanhou-me pela orelha e foi-me conduzindo para o quarto. De passagem pela sala apanhou um par de sapatos novos que havia em cima da mesa e exclamou:

— Também isso!

Empurrou quarto a dentro minha pessoazinha magricela, enristou o dedo e disse-me que se eu sasse dali ia haver mais surra. Nesse instante ouvi os passos de meu pai que entrava. Senti um frio. Minha mãe lançou um olhar circundante pelo quarto e apontando o dedo gritou-me:

— Me dá aquela caixa!

Eu não desejava mais irritar ninguém. Tirei o dicionário, apanhei a caixa. Destampeei-a para colocar o par de sapatos novos. Houve um relâmpagozinho negro e eu dei um grito, segurando a mão. Tinha-me esquecido da cobra!

— Que foi? — gritou minha mãe.

— Tinha uma cobra aqui dentro! — respondi chorando aos gritos.

— Uma cobra?! Ai!

Ela correu para fora do quarto arrastando-me pelo braço. A cobra sumira.

Meu pai veio correndo.

— Que foi isso? Que foi isso?

Minha mãe desmaiou quando viu que ele estava por perto. Só pôde exclamar:

— Uma cobra!

Meu pai agarrou meu braço e sacudiu-me pressentindo alguma das minhas.

Expliquei-lhe entre soluços. Ele deitou minha mãe no sofá, gritou pela empregada, que veio correndo. Explicou-lhe, mandando-a depressa ao hospital chamar o doutor Alberto. Ela saiu em disparada, branca de terror.

Então ele me apanhou enquanto eu lhe mostrava a mão com dois furinhos quase invisíveis. Deitou-me em seu colo com o assento para cima. Foi a maior surra de que tenho memória. E foi dada com a mão. Nunca acreditei que uma simples mão pudesse ser tão dura! Minha mãe já voltara a si e eu berrava valentemente. Quando viu o que meu pai fazia começou a gritar:

— Ele está doente, Eduardo! Ai! Deixa! Pára! Pára! Pára!

Mas, nada. A mão de meu pai descia e subia com a velocidade da agulha na máquina de costura. Garantia que se a cobra fôsse muito venenosa aquilo tinha acabado de me matar.

— Eu curo este esquecimento! — gritava meu pai no auge da fúria.

— Eu, eu curo, curo, curo! — e ia dizendo "curo" ao ritmo das pancadas. Se a minha pele fôsse grossa e dura já estaria bem amaciada para a injeção que levei depois.

Fiquei na cama, coberto até o pescoço sem saber porque, à espera do médico. Na cama de meu pai. O meu quarto ficou fechado e estiveram um pano na fresta da porta para a cobra não escapar.

O médico encontrou a cobra enro-

dilhada num canto, debaixo da cama. Ela o espiava com os olhinhos duros de quem tivesse sido ofendida. Apanhou-a e verificou que tinha um veneno fraco e muito lento. Eu fiquei esperando encolhido na cama pelo que desse e viesse. Achei que ia morrer. Sentia uma cócega aguda no estômago e batia os queixos não sei se de febre ou de medo.

O médico entrou com meu pai, por fim. Vinha com o aventalão branco que não pudera tirar ao sair correndo do hospital. Levantou em frente da cara séria uma bruta seringa de injeção. Arrepiei-me. Minhas pernas pegaram a tremer. Tinha amparado tudo num jato.

— Não vai doer — disse.

— Vai doer sim! Muito! — berrou meu pai. — Tem que doer! Castigo! Eu vou curar este esquecimento!

O médico olhou-o com um ar espantado. Perguntou-me:

— De que lado foi a última vez?

— Esqueceu! — berrou meu pai, irônico e irritado.

Eu tremia. Virei-me e...

— Ai!

Pior que a cobra!

Meu pai explicou ao médico como eu era esquecido. Perguntou-lhe quando é que ele achava que eu estaria bom para outra.

— Amanhã já passou. Depois de amanhã não há mais nada.

Explicou ao médico que tinha em mente um tratamento especial para meu esquecimento. Falou rindo com raiva de umas "cataplasmas" no trazeiro toda semana, durante um ano. Desconfiei logo daquele negócio de "cataplasmas". Estou seguro de que ele queria dizer: "surras". O médico o escutava sem dizer nada, concordando, com meneios da cabeça.

Minha mãe entrou ainda branca e assustada. Meu pai berrava:

— Eu curo o esquecimento! Eu curo! eu curo!

A Maior Floresta...

Continuação da pág. 37

mas queria auscultar no coração da própria natureza o segredo das leis que a regem. Estudou o eucalipto sob todas as formas imaginárias. Montou ensaios de aclimação, observou modalidades de sementes e sementeiras; o comportamento das mudas no viveiro; criou coleções de espécies, das quais conseguiu reunir nada menos de 150; observou sua resistência às temperaturas e às secas e assim foi aumentando sempre o cabedal de conhecimentos acerca da árvore

re australiana. Findas as experiências, chegou à conclusão de que nenhuma das numerosas espécies de madeira da flora nacional se prestava à reconstituição rápida das florestas destruídas; só lhe restava lançar mão do gênero «Eucalyptus», de que já cultivara inúmeras espécies e cuja história ele nos conta no seu livro «O Eucalipto».

Inicia, então, Navarro o plantio e a cultura do eucalipto em grande escala, sem ajuda de um as-



deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, pontos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma cutis suave, apresentando um viço permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS

APRENDA A DANÇAR



ROCK'N'ROLL
BOOGIE-WOOGIE
CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
FOX - BOLERO
VALSA - MARCHA
RUMBA - SWING
SAMBA - TANGO
MAMBO - BALÃO

Em apenas 10 dias pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 13ª Edição, melhorada, contendo 220 gráficos, que permite a V.S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 350,00. Encontra-se também à venda em todas as Livrarias do Brasil. Em Belo Horizonte: LIVRARIA REX.

O Prof. Gino Fornaciari, mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 às 22 horas à Avenida da Liberdade nº 120 — 2º andar — Conj. 8 — Telefone 37-2414 — São Paulo.

sistente sequer. Essa criatura admirável, que percorreu o mundo, conhecendo o Egito, a Índia, Ceilão, Sumatra, Austrália, Sidney (onde conheceu J. H. Maiden, o maior eucaliptólogo e eucaliptógrafo do mundo, sucessor e revisor da obra do célebre alemão, Barão von Müller), Nova Guiné, Java, Malásia, China, África do Sul, Grécia, Turquia, Palestina, Gibraltar e outros países da Europa, tendo escrito 25 obras sobre o eucalipto, juta, café, borracha, laranjas, angico, questões florestais e agrícolas, pertenceu também à Academia Paulista de Letras, cadeira ocupada por Adolfo Pinto, seu ex-companheiro da Paulista. Faleceu o notável cientista a 1 de dezembro de 1941, em consequência de uma operação a que se submeteu, tendo fundado 17 hortos para a Paulista, sendo o último o de Aimorés, instalado em fins de 1940.

Hoje, graças ao descortínio de seu espírito iluminado, possui a Cia. Paulista aproximadamente 50 milhões de pés de eucaliptos, a maior plantação artificial do mundo, plantados em 25 mil hectares de terras, ao longo de seus trilhos, em diferentes zonas do Estado. E com isso o Brasil é o maior exportador de madeira da América do Sul, pois daqui saem 81% de toda madeira serrada exportada por esta parte do hemisfério.

Não é justo o orgulho de Lobato?

Bem, conhecido o comandante, pedimos-lhe permissão e penetramos-lhe o Hórtio, que lhe guarda o nome, portas adentro; 4.946.212 pés de eucaliptos ocupam a área de 2.427,87 hectares do hórtio rioclarenses. A casa, onde viveu Navarro ao lado de palmeiras imperiais, malvaviscos, manacás, pau-Brasil, palmeira do passeio, ipê rosa, arari, acás e figueiras, o lago remansoso mais abaixo, tudo oferece-nos um panorama genuinamente tropical. Aléas de eucaliptos quase sexagenários, indicam-nos o caminho do museu precioso, que hoje também guarda-lhe o nome, por Navarro instalado em 1916, onde se encontram reunidos todos os resultados de uma interminável série de experimentos por ele efetuados durante 38 anos de estudos e perquirições. Ao todo 16 salas especiais, em cada uma encontramos os frutos de análises exaustivas, ligadas ao eucalipto e à agricultura.

Na sala de entomologia nota-se o estudo biológico referente a 126 tipos de insetos que atacam as nossas madeiras. Noutra de-

pendência, encontramos centenas de caixas envidraçadas contendo milhares de besouros e larvas, insetos úteis e prejudiciais à agricultura e à cultura florestal. Mais adiante, vemos o eucalipto empregado, segundo a espécie, para assoalhos, fôrro, móveis, objetos de uso doméstico, lustres, dormentes, carvão, lenha, apetrechos de esporte, peças de arte, etc.

Outra sala é reservada aos produtos existentes no mercado mundial com base de eucalipto: sabonetes, creme dental, talco, pastilhas medicinais, injeções, brilhantina, palitos de dentes, elixir contra febres palustres... Na sala industrial, deparamos com indústrias do Brasil que usam o eucalipto como matéria prima; entre as que já expõem, anotamos: Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira, Eucatex, S.A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo e Duratex.

A Maior Floresta...

(Continuação)

Cada quadro, gráfico ou fotografico, tem uma explicação e uma finalidade. O sr. Antônio Müller, há 16 anos encarregado do Museu, vai explicando-nos: em média 5 mil pessoas visitam o museu anualmente. Gente até do estrangeiro vem aqui. Estas salas de bichos, animais e aves, contêm 320 espécies; todos tem por «habitat» as florestas de eucaliptos. Estão aqui por uma razão interessante. Após tomar conhecimento de um artigo publicado pelo escritor Gilberto Freire, que houvera feito demorada peregrinação pelas culturas de eucalipto, e dissera que «o eucalipto, era uma árvore árida, melancólica e triste a ponto de os próprios bichos e aves fugirem das terras onde era plantado em larga escala», o dr. Navarro, então, a contragosto, mandou proceder a uma grande caçada nos hortos e reuniu todos esses bichos e pássaros empalhados.

Hoje, quem percorre as dependências do Museu ali depara com urus, quatis, batuíras, baitacas, saracuras, macacos, sabiás, emas, veados, catingueiros, jacarés, tatuz, capivaras, martins-pescadores, gatos-do-mato, marrecos, enfim, um sem número de espécies que parecem vivos, postados num canto, em ar de desafio, como se estivessem prontos para uma fuga à mais leve aproximação do visitante.

Fora, no aquário, há piranhas, lambaris, traíras, peixe-espada,

bagres e acarás. Nos viveiros, rolinhas, pinga-fogo, canários, pavão e outras aves para deleite do visitante, seja ancião ou adolescente. Mais à direita, formando edênico cenário, um lago placido, de águas límpidas, onde frangos-d'água passeiam tranquilos, alheios à silhueta das palmeiras imperiais que se debruçam e alongam no espelho líquido. E que dizer dos eucaliptos de 50 e 60 metros de altura, ou mais, com metro e meio de diâmetro, que se estendem paralelos a caminho do infinito?!

O remédio de Lobato surtiria efeito. Só nos restava ouvir o dr. Armando Navarro Sampaio, engenheiro agrônomo, sobrinho e discípulo do dr. Edmundo Navarro, de quem foi um dos principais auxiliares nos últimos anos de vida, e é hoje o seu sucessor na chefia do Serviço Florestal

da Paulista. Sabedor de que visitávamos o Hórtio em nome de ALTEROSA, prontamente nos atendeu e disse:

— «Todos os eucaliptos existentes em Minas, na indústria Siderúrgica Belgo-Mineira, Acesita, etc., são oriundos de sementes fornecidas pelo Hórtio de Rio Claro. O atual diretor do Serviço Florestal da Cia. Belgo-Mineira, dr. Laércio Ossi, foi funcionário do nosso Hórtio e do S. Florestal da Paulista. É um excelente amigo e profissional competente. Já plantou ele em Monlevade e no Vale do Rio Doce mais de 30 milhões de eucaliptos. Quando, em 1956 estivemos em Roma, prosseguiu o dr. Armando, representando o Brasil na 1ª Conferência Mundial do Eucalipto, da qual 46 nações participaram, o dr. Ossi também nos acompanhou. Naquela ocasião a presidência foi atribuída à Austrália, país de origem do eucalipto, e a vice-presidência coube ao Brasil, distinção especial que nos foi conferida por ser o nosso País onde mais se estudou o eucalipto em todo o mundo.»

Informou-nos ainda que a II Conferência Mundial do Eucalipto seria realizada em S. Paulo, de 21 a 26 de agosto, sob os auspícios da FAO e do governo brasileiro, nela tomando parte mais de 50 países, membros das Nações Unidas. Foi a melhor homenagem que até hoje já se prestou ao dr. Edmundo Navarro de Andrade, nome pouco conhe-

cido no Brasil, cientista muito admirado além-fronteiras.

Para finalizar, adiantou-nos o dr. Armando:

— «Louvo o gesto de ALTEROSA, ao mandar o seu repórter a Rio Claro e ao reservar preciosas páginas à divulgação do nosso Hórto. O Brasil precisa conhecer os benefícios do reflorestamento. A floresta é indispensável, como reguladora dos cursos d'água, dos microclimas e como fonte perene de fornecimento de materiais indispensáveis à vida humana. Servem os produtos da floresta de berço, de teto e de meio de transporte, de fonte de alimentos e meio de defesa, e por fim acompanham o homem à sua última morada. O mínimo exigível de cobertura florestal em todos os países adiantados é da ordem de 30% da área total. S. Paulo não possui hoje mais de 10% de sua área total em florestas naturais e artificiais. Sômente as plantações de eucaliptos cobrem 600 mil hectares, ou 2,5% da sua área total. Temos, portanto, um déficit, atualmente, de 20% da área florestal no Estado. E como existe uma interdependência entre floresta e civilização, precisamos plantar mais e mais. Durante a II Conferência Mundial, nós e os técnicos florestais de todas as partes do mundo abordaremos problemas transcendentais para a sobrevivência e para a economia em geral».

Aos homens do campo, patriotas brasileiros a quem cabe o reflorestamento do solo e a sobrevivência de nossos patrícios, informamos que podem adquirir sementes selecionadas de eucaliptos a preços irrisórios, pois um envelope contendo 10 mil sementes férteis custa apenas Cr\$ 60,00 cada e os pacotes a partir de meio quilo, custam sômente Cr\$ 750,00 o quilo.

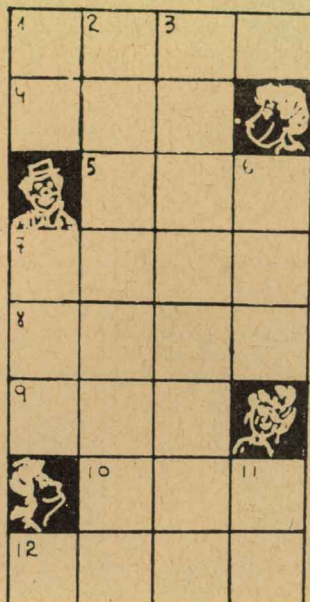
Basta escrever para o Serviço Florestal da Cia. Paulista de Est. de Ferro, caixa postal 29, Rio Claro, Estado de São Paulo, enviando cheque visado, pagável na praça de S. Paulo e a favor da referida companhia.

E depois, todos poderemos dizer o 11º mandamento de Walter Clay:

«Herdarás o solo sagrado e a fertilidade será transmitida de geração em geração. Protegerás teus campos contra a erosão e tuas florestas contra a desolação e impedirás que tuas fontes sequem e que teus campos sejam devastados pelo fogo, para que teus des-

(Conclui na pág. 24)

STELLA DALVA

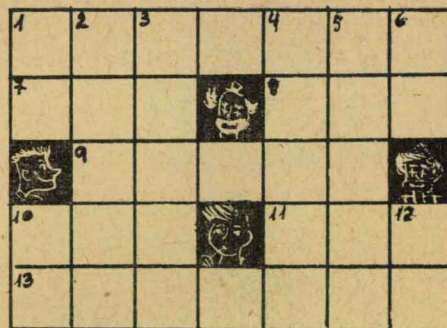


Palavras
Cruzadas

NOVATOS

HORIZ. 1 — Ave. 4 — Nome de mulher. 5 — Raiva. 7 — Levantas. 8 — Contração de Vossa Mercê. 9 — Olé. 10 — Reze. 12 — Terra arroteada e própria para cultura.

VERT.: 1 — Aqui. 2 — Que tem uma só côr. 3 — Carcará. 6 — Guarnece de asas. 7 — Nome de homem. 11 — Forma arcaica do artigo o.



VETERANOS

HORIZ.: 1 — Abiurana. 7 — Nome de homem. 8 — Em mais as. 9 — Tecido de algodão. 10 — Província portuguesa. 11 — Uma artista de cinema. 13 — Aperfeiçoar.

VERT.: 1 — Símbolo da prata. 2 — Persistentes. 3 — Unem. 4 — Fugir (gir.). 5 — Doença infecciosa. 6 — Plural de uma letra. 10 — Nome de uma letra. 12 — Semelhança.

Soluções Anteriores

NOVATOS: Horiz.: Carta — riam — ui — mie — rás — sn — íris — sâmio.

Vert.: Ar — rim — Tais — ameno — guris — lara — sim — si.

VETERANOS: Horiz.: Hadji — araã — lãs — Cã — ui — lar — niai — nisso.

Vert.: Halux — arai — dás — já — bário — caás — lis — ui.



EUCLIDES M. ANDRADE

**Livros
e Letras**

MÉDICO ESCRIVE ROMANCE

O SCAR Negrão de Lima é nome bastante conhecido na vastidão destas Minas Gerais. Médico de larga clínica, do tempo ainda em que a medicina era uma arte quase heróica, pois não havia exames de laboratório a todo momento nem produtos manufaturados, sendo o esculápio obrigado a formular, Oscar Negrão foi armazenando experiência e destilando-a em sua sensibilidade de homem de espírito.

Agora, muitas dessas antigas vivências vêm de novo à tona em forma de arte em seu «Taquaril», livro que vem abrindo caminho com «aisance» na trilha estreita de nosso movimento editorial.

O romance de Oscar Negrão de Lima, que além da medicina exerceu o magistério, fala do Belo Horizonte tranqüilo e manso de outros tempos, e é uma edição da José Olímpio.

«Livros e Letras» voltará a falar, com mais vagar, deste trabalho, desejando por ora apenas registrar seu aparecimento, mesmo porque médico escrever romance é muito comum, mas um bom romance é um pouco mais difícil...

A GATA E A FÁBULA

«A GATA e a Fábula», de Fernanda Botelho está alcançando em Portugal sucesso de crítica e de público. Livro onde desfila uma mocidade inquieta e muitas vezes delirante, o novo romance de Fernanda Botelho mereceu naquele país o «Prêmio Camilo Castelo Branco».

Na entrega da láurea o sr. Mário Dionísio disse: «O que importa num livro é quase sempre muito menos o que a sua história nos conta do que aquilo que transparece, que quase involuntariamente se firma, que inesperadamente se revela por essa história afóra. E' quase sempre muito me-

nos o que o escritor nos narra do que aquilo que, através e apesar do que resolveu narrar-nos, ele afinal nos diz, aquilo para que nos acorda, aquilo que em nós maravilhosamente faz nascer. A riqueza de um autor está, em grande parte nesse manancial de sinais que, por sua vontade ou contra ela, ele faz chegar até nós, carregados de emoção e de significação. Esse é o segredo. Esse é o preço da vitória. O que queria dizer-lhes era afinal só isso: Fernanda Botelho possui essa riqueza. Fernanda Botelho possui esse segredo.»

FERNANDA BOTELHO



ONZE SONETOS DE ILHÉUS

B RUNO de Menezes publica «Onze Sonetos», livro que obteve o prêmio «Cidade São Jorge dos Ilhéus». A obra foi impressa pelo Governo do Estado da Bahia. Conquistou o primeiro lugar no concurso instituído pela Academia de Letras de Ilhéus.

O certame obteve repercussão em todo o País. Guilherme de Almeida, o 4º «Príncipe dos Poetas Brasileiros», imaginou onze chaves de ouro que deveriam ser o fecho dos sonetos. Com estas «chaves de ouro» Bruno de Menezes criou seus trabalhos, conseguindo o almejado prêmio.

CRISTO ENSANGÜENTADO

A. TEIXEIRA Queiroz publicou um poema com o título acima, onde faz reivindicações sociais e canta a libertada e a justiça.

No prefácio, Teixeira de Queiroz faz considerações sobre acontecimentos desenrolados na Espanha, nos idos de trinta e quatro.

O MUNDO DA CRIANÇA

QUINZE volumes contando as velhas histórias que embalaram a nossa infância, repletos ainda de informações, curiosidades e canções (música e le-

tras) próprias para a idade — é o que constitui «O Mundo da Criança», numa cuidadosa edição da «Editôra Delta S.A.», do Rio de Janeiro.

Além disto, o trabalho, encadernado, amplamente ilustrado, apresenta um volume com sugestões e conselhos para os pais.

O MUNDO MÉDICO

«O MUNDO Médico», revista especializada que se edita em S. Paulo, instituiu um concurso onde só poderão concorrer (Continua na pág. 6)

êste é o ambiente que sua projeção social exige:

JOCKEY CLUB DE MINAS GERAIS

— onde é rainha a suprema elegância feminina

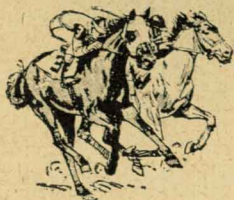
Tarde turfística significa, em toda parte, a reunião de suprema elegância. Moda e beleza triunfam soberanamente, em sua mais elevada expressão. Só o Esporte dos Reis — o Turfe — oferece ao mesmo tempo esse harmonioso conjunto de grandes emoções para as multidões e de requintado motivo de encontro e convívio das elites sociais. E o Jockey Club é ainda um excelente investimento, garantido por valioso patrimônio.

Preço Cr\$ 150.000,00
Entrada de Cr\$ 22.500, e o restante em 24 meses.



JMM - BH - 66007

HOJE · UM GRANDE INVESTIMENTO
AMANHÃ · UMA CREDENCIAL EM SOCIEDADE!



EM OBRAS: Hipódromo da Serra Verde, logo além da Pampulha, para realização das primeiras corridas dentro de um ano.

EM FUNCIONAMENTO: Sede Social Urbana, ocupando todo o 25º andar do Edifício Helena Passig, na Praça 7. Salões de Festas, biblioteca, restaurante e bar.



informações e vendas

**DURVAL
VERRI
IMÓVEIS**

Av. Amazonas, 491 - 8º andar - salas 817-818 - Edif. Dantês - fone: 4-8717.

RREVI a faceira Belo Horizonte depois de vinte e cinco anos de ausência. A custo descobri os traços apagados da pudica e louça donzela, de trajes provincianos, na mulher de hoje, coquete, cônica dos seus dotes, fascinante e egoísta.

Assustaram-me as filas, a coqueluche dos arranha-céus, as cotoveladas no ônibus elétrico, as negociações nos escritórios, ao ar livre da Praça Sete e a conta astronômica do hotel.

Saudosista, recordei o Bar do Ponto, as suas tertúlias regadas a genebra e moca; lembrei-me das operetas, a prima-dona Gilda de Abreu, no Teatro Municipal. Notei o sumiço do Cine Avenida e a maquilagem no América, o "poeira" daqueles tempos. Admirei o estu-

touradas, rodeio, bebedeiras e danças. Alegria de cego estreitando bengala branca.

Cidade de Taquara, assim indica a seta na tabuleta do quilômetro 502 da rodovia de Pacápolis.

Cidade de Taquara, água radioativa, propaganda dos bairristas; duas igrejas a se mirarem, pedindo vigário; paralelepípedos na rua principal — orgulho dos taquarenses — cantiga de carro de bois, tropel de mulas ajaezadas, buzina escandalosa de um fordeco; vendinhas na Rua do Meio e a botica na Rua de Baixo.

Elegeram-me prefeito, tapeados pela minha fama de letrado, assinante de jornais e revistas, orador nas festas e congado, escriba dos "devo e pagarei", letra redonda e caprichada. No fundo os meus conterrâneos estavam de olho na minha ajuda financeira, concretizada no empréstimo à nova comu-

da os insultos que aturou dele na partida de futebol entre casados e solteiros; ou para intimidar o Zico alfaiate, sua asa negra nas pretensões amorosas com a Titina do Lava-pés.

Gastei fundilhos de calças nas salas de espera das Secretarias, moí ali horas e horas, treinando a paciência, enchendo os brônquios de nicotina e familiarizando-me com a papelocracia. Consegui a metade da encomenda. Refugaram a Naná; no íntimo aprovei o corte. O coronel esbravejou, anda de nariz torcido para mim — adeus o seu apoio nas próximas eleições — rosna que romperá com o Governo. Não acredito nesta potoca. Cade peito?

O trator ficou em promessa.

Acostumado na pachorra da minha silenciosa Taquara, derreei-me com o corre-corre da capital. Levado pela curiosidade de matuto,

A CAPITAL ME SURPREENDEU

Conto de WAGNER ALVARENGA

Ilust. de JARBAS

pendo Acaiaca, coroado pela mágica televisão, o seu elevador a jato dando-me um nó na garganta. Mas, o Palácio da Liberdade, as mesmas secretarias, o Colégio Arnaldo e os bondes abertos me transportaram ao passado.

Afastei-me da engatinhante capital quando 1932 agonizava, farto de filosofia, latim e literatura, matérias barrando a minha entrada na Faculdade de Direito. Dominava-me um insopitável desejo de ganhar dinheiro. Fogosa quadra casamenteira, prês a duas covinhas em rosto de garrida menina-moça, enamorado pelos milharais da fazenda paterna.

A minha vila, cem casas de telhas, na arranjada estatística oficial, somando cobertas, paióis e galinheiros, subiu a duzentas, número exigido pela lei, milagrosamente se emancipou. Celebramos o feito com novena de foguetórios,

na de alguns milhares do ridicularizado cruzeiro, não chegando para o conserto dos mata-burros nas esburacadas estradas.

Fui à capital purgar quatro pecados, determinação do diretório político local após doze horas de confabulações. Intimado a trazer no bôlso as nomeações do delegado, do adjunto de promotor e da Naná, dois anos de soletração no curso primário, filha mimada do coronel Dodô, oitenta votos bem contados, para professora das Escolas Reunidas, e arranjar um trator.

Intriga-me a ganância do Neca pelo amolante cargo de delegado, destronando o Bitu da Lalá, jeito-so e acomodado.

A pavuna, modestas apostas de cinquenta centavos, não fornece gordas propinas, muito menos o insípido trinta-e-um de forretas e baralho sebento, bancado pelo Zé Carpinteiro. Só se pôr para despicar do Quincas barbeiro, mastiga ain-

visitei os bairros e vilas, espremido nos lotações e dependurado nos balaústres dos bondes; aplaudi as piraetas dos palhaços do Circo Americano; depenaram-me nas "boites"; coisa cara ouvir os acordes dum piano na penumbra; nos cartazes dos cinemas não encontrei os meus artistas prediletos.

Terminada a tarefa, afligiu-me a vontade de voltar; saudade dos garotos e, para que esconder, da patroa. Chorava também a diária do hotel; aqui nas minhas bandas continua o costume sadio e econômico de hospedagem nas casas dos parentes e compadres.

Sómente consegui um lugar na cauda da jardineira, na amaldiçoada cozinha. Tinha pela frente, vazios, um resto de tarde e a noite, precisava gastá-los. Entrei no "Wonder Bar", alojei-me num canto.

Sou fraco, duas cervejas desata-ram a minha língua, fase das ex-

MENÇÃO HONROSA NO CONCURSO DE CONTOS DA «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

pansões. Puxei conversa com o vizinho da direita. Mudou-se para a minha mesa. Tinha ar tristonho, cara pedindo pêsames, terno da côr de urucubaca, dedos trêmulos e sarrentos, pronúncia assobiada de quem experimenta dentadura, pisca-pisca irritante, um conjunto desajeitado despertando piedade.

— O doutor é mesmo de onde? Do Rio?

— Doutor? Só se fôr de curar berne, fazer aceiro ou derrubar cordona. Sou de longe, Taquara, nas margens do rio Tinto.

— Então deve conhecer os Perobas no sertão da Zagaia. O Quinzão, o Patente.

— De nome. Já pousei nas suas terras certa feita. Donos de meio mundo.

— Gente minha, por parte da mamãe. Sou o único galho carunchado, tenho tio tabelião em São Paulo, um meu cunhado foi ministro.

Em vinte e cinco anos a cidade fêz-se mulher-coquete e, como tal, cheia de artimanhas e engôdos.

— Protestante?

— Não, da Agricultura. Mas, não quero saber dêles. Cavaram a minha sepultura. Hoje o remorso me consome, só encontro alívio no copo. Bebo para esquecer e não consigo, volta e meia a praga me atormenta, a praga da Joaquina parreira.

Umedeceram-se as suas pestanas, salientaram-se as rugas, máscara de sofrimento. Num gesto brusco despejou na goela a aguardente do cálice, salpicando gotas no esgarçado colarinho e na gravata desbotada.

Chamando insistentemente o garção, repetia as doses. Narrou-me o seu drama. Conheço o ambiente, descreveu-o em minúcias. Caçula de numerosa prole. Naquela época vivia com os pais e a irmã Totônia, ainda solteira, na fazenda do Cipó, o terreno mais gabado do sertão da Zagaia. Pormenorizou os costumes do povo de lá, as pomposas festas do padroeiro São Sebastião, as cavalhadas, as enchentes dos ribeirões Queimado e Tatu, trazem-



do na vazante a temida seção; a rivalidade sangrenta dos Olhos e Remelas, partidos em luta desde o Império, todos aparentados, ramos do tronco rijo do bandeirante João José Madeira Perobas, entremeados de barões e heróis da guerra com o Paraguai: as tocaias no tenebroso Capão da Onça, a decadência de Coringa, cabeça de comarca antigamente, paga agora a sua empáfia, transformada em valhacouto de leprosos. O viajante que por erro ali passa, assustado, se benze e esporeia o animal, fugindo do fugarejo fantasma. Terra que Deus esqueceu.

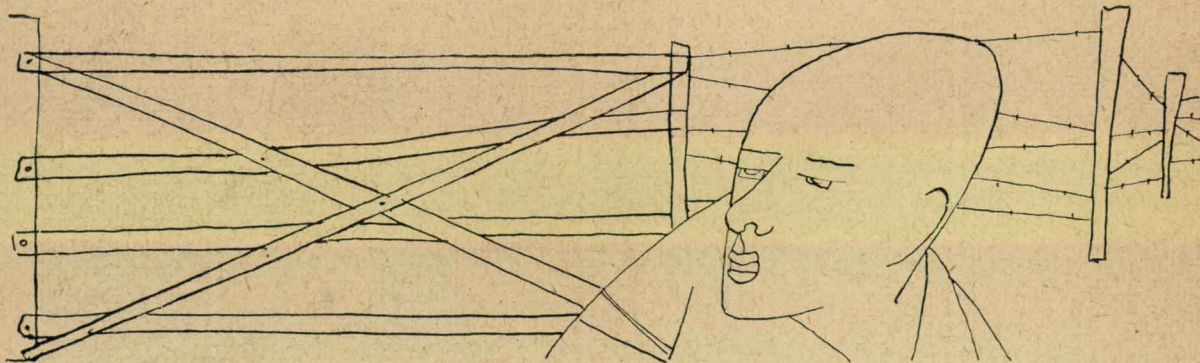
— Sou um miserável por culpa dum pai perverso. Nunca mexi nestas cinzas, talvez o desabafo me dê conforto. Do castigo de grades estou livre, o meu crime prescreveu. Trinta anos de lá para cá,

gulhosa da nossa raça, embeicar por um João-ninguém, um homem sem eira nem beira? Destempêro, cabeça ôca. Quis repelir a maquinação de vingança, julgando melhor o casório. "Só se passar por cima do meu cadáver. Batista não mistura com Perobas. Será que o meu filho não tem cabelo nas ventas? Isto não esfriará: um safardana sujar o nome dos Perobas e sair contando prosa por aí, nem convém pensar. Eu mesmo farei o serviço, não meterei os genros na embrulhada, não são do meu sangue, lavo roupa suja em casa. Meu filho é um poltrão".

O seu ódio me desnordeou, aceitei a incumbência maldita. Tocaiei o Batista na mata das Viúvas. Andei sem destino, desorientado; depois recobrei a razão, fui visitar uns parentes do lado de lá do

sensibilidade. Nem perguntou pelo Batista. Outro enigma: o papai, tão severo, intransigente em questões de honra, tratava-a carinhosamente. Pasmei-me quando, sorrindo, me comunicou: "O primo Juquita mandou um próprio pedir a minha mão. Valeu a pena o passeio, convivência é tudo. Sou feliz, nada de noivado comprido". "E o Batista?" "Qual Batista?"

— "Não se amavam?" — Chamou-me de doido varrido. Como entrara na minha cachola um pensamento tão idiota. Então ela se rebaixaria com um mestiço. Tinha graça! Nunca berganhara uma palavra com ele. "Ainda mais sabendo da implicância do papai com o pobre coitado". Contou-me tudo. Incidente sem importância, o Batista, sem querer, deixou a porteira da Quaresma, na saída do arraiá, bater com força, a mula ro-



uma eternidade de sofrimento no remorso. Completara dezenove na véspera, houve churrasco e quentão.

Mamãe tinha o propósito de me ver de batina, eu concordava com os seus planos. A Custódia, a única loura daquelas paragens, numa rancheira repinçada, me desviou do caminho da tonsura. No pagamento do Bentão, afogado, medo de perdê-la, me comprometi para casar dentro de três meses. Ficaria com um pedaço da Vargem Alegre, tinha um começo de vida: vacas leiteiras e dois marrucos. Durou pouco a felicidade.

O velho me pediu um particular: "Precisa liquidar o Batista, na surdina. O canalha fez mal à Totônia". O Batista era um rapagão sacudido, cantador de modinhas, improvisador, querido das moças, retireiro do Quincas da Água Limpa, filho da Joaquina parteira. A revelação me chocou. A Totônia, recatada, or-

Queimado para despistar, com desculpa de negociar uma partida de novilhas. Nem processo houve, o delegado, comodista, sem formular hipóteses, julgou o caso insolúvel e encerrou o assunto, pedra em cima. O povo também não atinou com o assassino. Batista não possuía desafetos. Prestativo, alegre, trabalhador e bom filho.

A Joaquina enloqueceu, praguejava o dia todo. A indiferença do meio, apesar de querido, não causou perda do desaparecimento trágico do retireiro — me acalmou. Se a Custódia não me despreza, começou a praga da Joaquina, trocando-me por um fazendeiro mais rico, talvez me acomodasse e a consciência adormeceria.

"A Totônia, afastada de casa desde a madrugada fatídica, voltou no fim de dois meses. Satisfeita, rindo sem motivo aparente, cobrindo-me de carícias. Causou-me espanto tal procedimento. Que in-

sada, arisca, espantou e quase jogou o velho na poeira. O rapaz virava para se desculpar quando ouviu: "Mulato atrevido, puxe a porteira". Aí ele queimou e nem deu satisfação. Daí por diante o papai não podia escutar o nome do Batista, tremia de raiva. Desapareci de casa, soube do seu falecimento e não voltei. A bebida me ajuda a carregar a cruz do remorso. Espero descanso na outra vida".

Calou-se, molharam-se novamente os olhos. Notando que o observava, fletiu a cabeça, procurando esconder a sua enorme emoção. Finalmente amainou a crise. Estendi-lhe a mão, gesto de consolo, de solidariedade humana. Não dominou o pranto. Levantamo-nos, trocamos um abraço demorado. Deilhe neste abraço uma prova do meu temperamento sentimental e recebi no ombro direito lágrimas e caspas do consumado farsante que, no momento culminante da sua magistral interpretação, me levou a carteira.

DE QUE VALEM SEUS OLHOS NO ESCURO ?

No escuro, seus olhos de nada valem: não os obrigue a um esforço exagerado, sob luz fraca ou iluminação precária: o resultado são dores de cabeça, é mal-estar, desconforto. Preserve sua saúde, defenda seus olhos! Dê a cada um dos cômodos de seu lar e ao seu local de trabalho — ampla, correta e adequada — a luz que os seus olhos merecem...

Melhor Luz — Melhor Visão

GENERAL  ELECTRIC

General Electric S.A.

Rio de Janeiro • São Paulo • Recife • Salvador
Curitiba • Porto Alegre • Belo Horizonte

Ao comprar lâmpadas, lembre-se: o que **vale** é a marca! Peça ao seu fornecedor Lâmpadas G-E



**E CONSULTE
PERIÔDICAMENTE
UM
OCULISTA**

46.486

Obesidade

Conclusão da pág. 32

que determinou que recebessem o nome de «obesidades endócrinas». Entretanto, exceção feita dos casos, aliás, em número limitado, em que apenas servem para compensar uma insuficiência hormonal (como no caso de intervenções cirúrgicas na hipófise, na doença de Cushing, na tireóide, no mixedema, no pâncreas, no insulínoma, nas supra-renais, após a castração cirúrgica), os tratamentos com a ajuda de hormônios estranhos ao metabolismo próprio das matérias graxas se revelaram duvidosos. Por outro lado, um tratamento psicoterápico, promovendo a libertação dos mecanismos reguladores destas substâncias graxas, têm chances bem maiores de extinguir os depósitos fixos de gorduras.

A obesidade hereditária

Os professores sempre souberam que a «estocagem» das matérias graxas difere não somente em conformidade com as espécies animais, mas que dentro de uma mesma espécie há aqueles tipos mais ou menos dados à engorda. Todavia, só agora é que a bioquímica pôde estabelecer que «o verdadeiro obeso se caracteriza não pela gulodice, mas por uma tendência hereditária, que apresentam seus tecidos, em, independentemente do controle do diencéfalo, armazenar matérias graxas sob a forma de depósitos fixos».

«Certos tecidos mostram uma disposição hereditária para a acumulação das matérias graxas», escreve também o professor Jores, reitor da Faculdade de Medicina de Hamburgo. Dá, ao mesmo tempo, um exemplo ilustrando isto: o enxerto feito na mão de um rapaz portador de queimaduras graves com o auxílio de um fragmento dos tecidos do ventre, sobrecarregou-se de gordura, quando o ventre também passou a engordar.

«A desgraça do obeso», declara por seu turno, o dr. F. Bicknell, presidente da Associação Inglesa dos Dietistas, é que ele não consegue aproveitar seus estoques de matérias graxas. Seu metabolismo basal é muitas vezes tão deficiente, sua irradiação de calor tão fraca, que, contrariamente ao que se julga, tem-se constatado que os mosquitos, insetos muito sensíveis à temperatura, preferem os magros aos gordos, sendo aqueles grandes consumidores de energia».

Em três casos de obesidade autêntica, dois obedecem a esta tendência hereditária. No entanto, especialmente quando a criança apresenta tal disposição com herança de apenas um dos pais, ela não costuma assumir a forma de uma ameaça fatal. Considerando-se, porém, que os meios de que dispõe

a ciência no seu combate contra os depósitos fixos de gordura, são, ainda hoje, muito limitados, os pais tudo devem fazer para impedir sua formação. Tenham cuidado com todos os sintomas insignificantes, mas que não enganarão um especialista, como por exemplo, o retardamento no desenvolvimento genital do rapazinho ou da moça, pequenas almofadas de gordura nas articulações dos joelhos, covinhas na região sacra e desenvolvimento exagerado dos incisivos na segunda dentição.

Na prevenção, um regime adequado pode ainda ser útil, contanto que seja bem compreendido pela criança e pelos que participam consigo da refeição em família. Em primeiro lugar, deve-se treiná-lo a controlar o seu peso, como se ensinam as crianças a escovar os dentes ou lavar as mãos. As pessoas que o cercam devem também mostrar compreensão e a atenção requerida para um problema tão delicado.

Depois, será tarde demais. Ao que me consta, existe atualmente no mundo apenas uma cura eficaz da obesidade verdadeira. Trata-se daquela praticada em larga escala pelo dr. Simeons, no hospital Salvador Mundi, e cujos resultados espantosos, conseguidos em casos considerados perdidos, tive ocasião de verificar. Enquanto tentava mobilizar os depósitos fixos de gordura em alguns de seus clientes, aquele médico teve a idéia de injetar em indivíduos obesos o hormônio empregado nas mulheres grávidas, para canalizar as reservas nutritivas do organismo maternal em benefício do feto. O hormônio chama-se «gonadotrophina chorionica». A propósito, deve-se notar que, para as mulheres, hereditariamente obesas que se revelam capazes de procriar, a gravidez é a única oportunidade natural com que contam para se verem livres de seu excesso de gordura, ainda que, por muitas outras razões, várias destas mulheres recuperem o seu antigo peso após o parto.

Os métodos para se conseguir esta cura, não se enquadram, entretanto, nos limites de um controle médico restrito. Para se conseguirem resultados satisfatórios, exigem-se aplicações diárias de gonadotrofina durante quarenta dias, podendo as doses serem repetidas, até a consecução de um êxito completo, após intervalos de, pelo menos, seis semanas. Embora, durante o período de injeções, o dr. Simeons recomende um regime baseado num grau baixíssimo de calorias, sabe-se que ele não crê nas virtudes do princípio do racionamento contra a obesidade legítima. O regime tem apenas a finalidade de reproduzir, com a maior exatidão possível, as condições de fome fisiológica nas quais o referido hormônio mobiliza as reservas de gordura do organismo maternal. A respeito do dr. Simeons, que, principalmente agora, nem de longe pensa em acusar os indivíduos obesos de gluttones, dizia-me um seu cliente, outro dia, em Roma: «Até que enfim apareceu um homem que, devido à sua compreensão, consegue curar-nos». — João Grandpierre.

☆☆☆

Comodidade e velocidade das viagens são de uma variedade extrema. O trem principal da URSS é o «Flecha Vermelha», que une, em uma noite, Moscou a Leningrado. Tem dois beliches superpostos em cada compartimento. O costume soviético, todavia, não vê qualquer inconveniente em designar os leitos da mesma cabine para pessoas de

Jaula sem Cadeado

Continuação da pág. 45

sexo diferente. Tudo é puro para os puros. Os aviões são como os trens: vão do superlativo dos reatores a velhos barracões, bimotores

gastos. A única coisa constante é a presença, a eficiência e a afabilidade do «Intourist», que faz da Rússia o país no qual é mais fácil viajar, onde as preocupações materiais são suavizadas ao máximo, onde o problema da língua é resolvido pela contínua presença dos intérpretes, onde, enfim, o perigo de perder-se é completamente eliminado.

As limitações do "Intourist" resultam da própria natureza do sistema geral, no qual é integrado. Ocupa-se, na Rússia européia e na asiática, do turismo em cerca de quinze cidades providas de hotéis, que vão de um luxo relativo à absoluta imundície. Propõem, de preferência, as casas de campo do Cáucaso e da Crimeia; sugerem matar um veado por um preço que vai de 3.600 a 10 mil cruzeiros; a gente pode dirigir-se a quatro ou cinco estradas com indicações em inglês e com postos de gasolina que, raramente, distam mais de 200 quilômetros um do outro. Entretanto, o que não se pode dar, é o luxo supremo da viagem: a liberdade. Não se tem permissão para se desviar da estrada nacional; é absolutamente impossível abrir uma cidade que o capricho das autoridades superiores proclamou cidade fechada; e não é aceita nem mesmo a modificação de horário, que se queira fazer, diminuindo ou aumentando as jornadas estabelecidas. A gente parte como um dos seus "sputniks" e percorre a órbita com a mesma infalibilidade. Desejei visitar regiões como a bacia da Fergana ou a "estepe da fome", cuja irrigação se deveu ao trabalho soviético. Desejava, especialmente, dedicar grande parte de minha viagem à Sibéria. Parecia-me indispensável conhecer a grande região metalúrgica dos Urais, o vale de Ob e a bacia industrial do Kuznetsk; solicitei então autorização para ir a Sverdlovsk e a Novosibirsk. A primeira das duas cidades, onde se encontra a imensa oficina de construções mecânicas de Uralmach, foi aberta a uma delegação de industriais americanos de aço, liderada pelo presidente da "Inland Steel", Edward L. Reyrson, enquanto a segunda, a "Chicago" da Sibéria, recebeu a visita do ex-vice-presidente Nixon, escoltado por quatro aviões repletos de jornalistas. Nem de longe me passou a idéia de que meu pedido seria recusado. Entretanto, a recusa foi geral e sem apelo. Nenhuma região ou localidade a que eu tinha solicitado acesso era aberta a estrangeiros, não obstante os precedentes de Reyrson e de Nixon. Tive que me limitar às cidades do "Intourist", das quais apenas uma se encontra na Sibéria. Trata-se de Irkutsk, perto do lago Baikal, a 6 mil quilômetros de Moscou.

Na Rússia, a máquina fotográfica também está sob constante vigilância, e desta desconfiança nem mesmo os russos estão isentos. Dizem que um viajante inglês teve aborrecimentos em Irkutsk porque desejou fotografar um cavalo e, numa rua da Armênia, por pouco também eu não tive os mesmos aborrecimentos por querer fotogra-

far um grupo de pastores saídos da montanha para vender, bastante caro, carneiros de seu rebanho.

Esta atitude não é própria só do comunismo, mas de todo o Oriente. No Afeganistão ou no Sudão, a máquina fotográfica é vigiada do mesmo modo, é igualmente autoritária a dissimulação das imperfeições sociais: um cavalo, um mendigo, um camelo são igualmente perigosos de se fotografar. É curioso verificar, como a nação do primeiro satélite artificial, e do primeiro homem no espaço, sofre do mesmo complexo de inferioridade dos países mais subdesenvolvidos da Ásia ou da África. A URSS acredita-se vítima de uma difamação sistemática, e, no momento exato em que se firma na vanguarda da técnica e do progresso, realiza esforços dolorosos para esconder as taras de que tem plena consciência. A pergunta invariável e ansiosa, prelúdio ou conclusão de qualquer conversa com um russo: "Que impressão teve da URSS", é a tradução do mesmo complexo de inferioridade que acompanha as mais cândidas formas de orgulho. O complexo de inferioridade dos russos priva-os do que seria o melhor documentário sobre a URSS: uma pesquisa fotográfica livre, objetiva, completa, que mostrasse o bom e o ruim, revelando um esforço admirável, apresentando o povo soviético, não nas poses convencionais, corrigidas e autorizadas, mas com o rosto muito mais atormentado pela sua vida real.

Visitei e fotografei "bidonvilles" na África do Norte, ângulos insalubres de Paris, o imundo Caro-Menor de Durban, os inadmissíveis bairros negros de Savannah, as habitações dos trogloditas da Lucânia e, não obstante a excessiva susceptibilidade indiana, as fantásticas e terríficas águas-furtadas de Bombaim e Calcutá. Se Tula não estivesse na Rússia, eu teria entrado nas casas, informando-me sobre o número das pessoas residentes, sobre as condições de existência, perspectivas de melhoramento. Mas pesquisa dessa natureza não é só impossível na Rússia; é inconcebível. Mostraram-me com exatidão Palácios do Povo, Palácios dos Pioneiros, Palácios da Ciência, da Indústria, da Agricultura e de todas as culturas possíveis e imagináveis. Mas bastava que eu manifestasse o desejo de conhecer realidades mais modestas — o lavabo de uma oficina, por exemplo — para que a solicitude se transformasse em obstrucionismo.

As condições da mulher é um dos aspectos da sociedade soviética sobre o qual se tenta entender, com

(Conclui na pág. 24)

Concurso de Contos

Regulamento do Concurso Permanente de Contos

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Cia. de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o Concurso Permanente de contos desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas, formato ofício.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que regem os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes e mistérios tenebrosos, fixando, de preferência, as emoções do ambiente de família, do lar, e as narrativas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser rigorosamente inéditos e uma vez publicados terão seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar, também, seu nome e endereço completos, para a remessa do prêmio que eventualmente lhe couber.

7º) — Serão atribuídos Cr\$ 2.000,00 e Cr\$ 1.000,00, aos trabalhos classificados respectivamente para 1º ou 2º prêmio, a critério exclusivo do crítico literário desta revista. Eventualmente outro trabalho poderá ser também aproveitado, embora não classificado para os prêmios, se merecer Menção Honrosa conferida pelo mesmo crítico.

8º) — Os prêmios serão enviados por ALTEROSA aos autores dos trabalhos classificados, em 30 dias após a publicação dos mesmos, em cheque bancário, pelo Correio.

9º) — A relação dos trabalhos classificados aparece sempre nas edições de ALTEROSA, na seção "Colaboração de Leitores".

10º) — Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados.

Colaborações de Leitores

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso «Minas-Brasil» e com outras colaborações espontâneas para esta Revista, mencionamos a seguir as produções recebidas durante o mês de setembro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

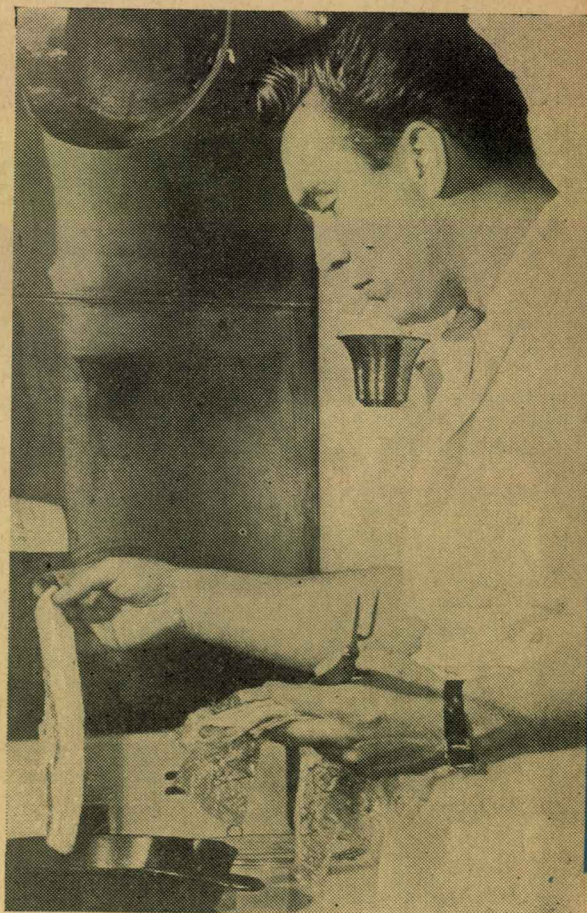
POESIAS — «Se Não...», «Se...», e 3 trovas, de Evandro Moreira; 2 trovas de Geraldo Pimenta de Moraes.

CINEMA

Quem cozinha melhor?

VINCENT Price, que se considera um especialista em culinária no preparo de soufflés, tortas e pudins de queijo, diz que os homens são melhores cozinheiros do que as mulheres.

— De quem são as reputações internacionais como Mestre Cuca? — pergunta Price, numa pose exagerada de arrogância masculina. — São dos homens. Mesmo nas cozinhas de restaurantes mais modestos, os homens ganham das mulheres como guardas de forno e fogão. Em casa, quando o homem vai para a cozinha, fazer um jantar ou um churrasco.



Martine Carol parece não concordar com a opinião de Price. Na sua cozinha manda ela e pronto! * Como Price, o ator Edmond O'Brien também apreciava a arte culinária. Ele mesmo prepara sua refeição matinal, antes de ir para o estúdio.

condimentos gastos pelas mulheres e é isto que torna os pratos mais saborosos. Por outro lado, nós, homens, não nos prendemos aos livros de receita. Não levamos em consideração as medidas rigorosas e nem tampouco damos importância ao número de panelas e tijelas a serem usadas. Os homens cozinham com emotividade e estão sempre decididos a preparar um prato da melhor maneira possível.

Outra razão, segundo Price, para a supremacia masculina na arte culinária é que, quando um homem se torna um «Coca», aquilo passa a ser o seu

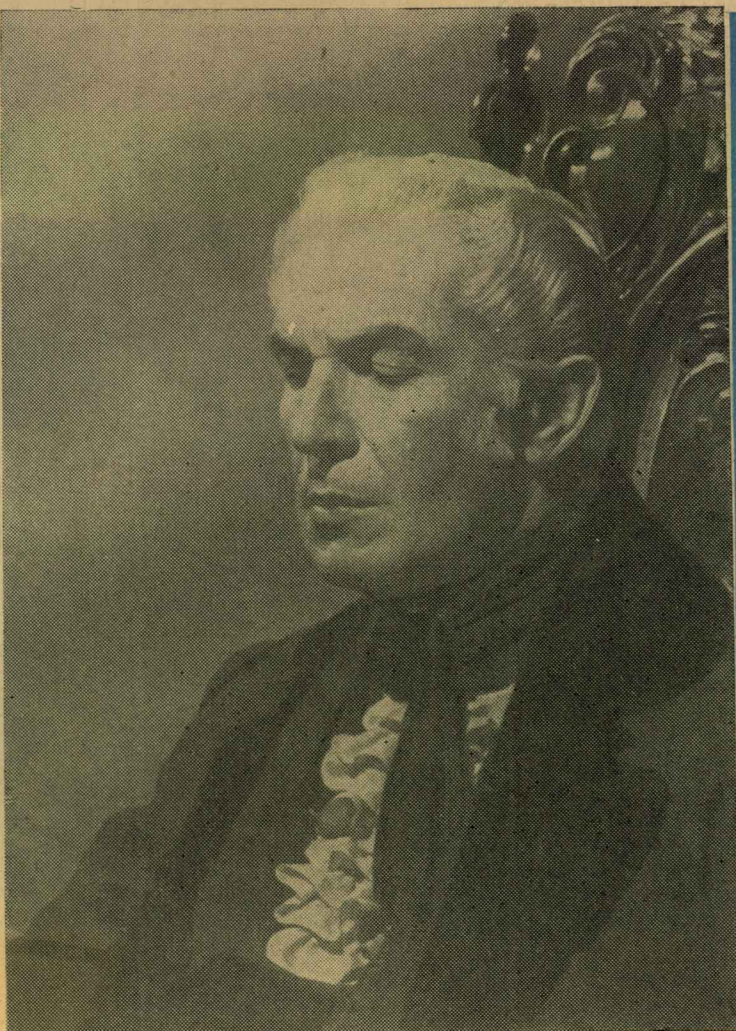
meio de vida e êle tem que ser excelente, para vencer.

— As mulheres nunca chegam a ter renome como cozinheiras porque não fazem disso uma profissão de categoria. Para elas, a cozinha faz apenas parte de seus deveres caseiros.

Price declara também, que, depois de cozinhar, o homem sabe limpar melhor a cozinha.

— Os homens em geral são muito mais cuidadosos na limpeza e arrumação.

Apesar de não ser do sul, Price apreciava preparar pratos sulistas de tôdas as especialidades, especialmente os de galinha.



*Vicente Price, o cozinheiro
exímio.*



UMA recente enquête entre jornalistas japoneses já havia confirmado a popularidade de Françoise Arnoul no País do Sol Lévante. Entretanto, ninguém podia supor que esta popularidade daria lugar a um verdadeiro delírio que quase se transformou em tumulto, desde a chegada do "Boeing" da Air France ao aeródromo de Haneda, conduzindo a renomada estrêla. De fato foi necessária a intervenção de um grupo de "judokas" para subtrair Fran-

çoise Arnoul ao entusiasmo de seus admiradores e ao assalto dos jornalistas e fotógrafos.

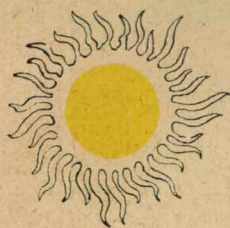
A cadeia de TV FUJI que, de acôrdo com a Unifrance Film havia patrocinado a viagem de Françoise ao Japão, realizou em Tóquio uma importante e eficiente transmissão direta, obtendo êxito considerável.

Desincumbindo-se primorosamente de suas responsabilidades de embaixatriz do cinema francês, a conhecida estrêla visitou os Estú-

dios de Toho, ocasião que entregou aos senhores Kurosawa e Mifunô, respectivamente realizador e intérprete principal da película "Rashomoon", os presentes que lhes foram destinados.

Foram numerosas as recepções e os jantares de caráter oficial e privado realizados na capital japonesa em homenagem a Françoise Arnoul, possibilitando à estrêla sentir e apreciar os refinamentos da acolhida nipônica. Depois de cinco maravilhosos dias passados em

Yves Montand, que se encontra atarefado com um filme na capital japonesa, não deixou de se associar às manifestações de simpatia a Françoise: ofereceu-lhe elegante jantar de despedida.



Com este expressivo palminho de rosto, Françoise Arnoul encantou a todos os filhos do Império do Sol Levante.



FRANÇOISE ARNOUL

NO JAPÃO

Tóquio, Françoise foi visitar Osaka, onde a receberam tão delirantemente como na capital: vitrinas quebradas, necessidade de intervenção da polícia por ocasião de uma sessão para autógrafos e o fato de a artista ter que recorrer a um elevador de socorro para escapular são e salva provam o entusiasmo da multidão pela visita da representante do cinema francês.

Depois de se ter deliciado com as admiráveis paisagens do antigo Japão — Françoise visitou especial-

mente os templos de Nara — a famosa estrêla seguiu para Kyoto onde pôde, graças a uma concessão excepcional, visitar os jardins particulares do Imperador.

Uma segunda transmissão da TV foi realizada diretamente do Templo Kiyoyamato. De Kyoto, a francesinha dirigiu-se por via férrea para Kakoné, pequena aldeia montanhosa que se situa nos arredores do Monte Fugí, onde pôde desfrutar de uma noite de repouso. No dia seguinte, retornou a Tóquio, onde

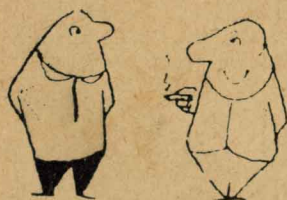
o ator Yves Montand, que participa atualmente de um filme americano na capital do Império, havia organizado um elegante jantar de despedida em sua homenagem.

Na manhã seguinte, acompanhada por uma multidão de amigos e fãs e pela habitual côrte de fotógrafos, Françoise Arnoul tomou o avião que a levaria de volta, permitindo-lhe antes, visitar Hong-Kong e Bangkok.

O périplo asiático de Françoise Arnoul terminou em Ankor.

Quitandinha

MEMÓRIA



UM americano encontra um de seus compatriotas cuja prodigiosa memória é legendaria e lhe pergunta:

- Que comeu você no dia 2 de outubro de 1927?
- Dois ovos — responde o fenômeno.
- Muito fácil — diz o americano — afinal de contas todo mundo come ovos!

Vinte e três anos mais tarde, os dois se encontram novamente e o americano lhe diz:

- A propósito, como foi que o senhor os...
- Estrelados — interrompe o outro.

ENTRE VIZINHOS



— O médico tem vindo muito à sua casa ultimamente. Algum caso grave?

— Gravíssimo! Ele tem vindo cobrar...

DISCREÇÃO

Certo dia um oficial perguntou a Guillaume d'Orange qual seria o alvo de sua próxima expedição.

— O senhor sabe guardar segredo? — perguntou-lhe o rei.

— Sim — respondeu o homem, satisfeito.

— Pois bem — disse o rei — eu também sei!

DESVIO

EMBORA prevenido por sua esposa de que não havia vinho em casa, à hora do jantar aquele homem insistia com o amigo:

- Aceita um pouco de vinho?
- Obrigado, mas não bebo — gaguejou o amigo, vermelho como um pimentão maduro.
- Deixa disso, homem — insistiu o dono da casa — um copinho só, que mal faz?

Mais vermelho e cada vez mais confuso o amigo agradecia e recusava. Terminado o jantar, despediu-se. A esposa então virou-se para o marido, indignada e esbravejou:

— Por que cargas d'água você continuou a insistir com seu amigo para que aceitasse vinho, apesar dos beliscões que eu lhe dava por debaixo da mesa para lembrá-lo de que não tínhamos vinho?

E o marido estupefato:

— Mas não foi a mim que você beliscou, querida!

SERÁ?

INFORMADA de que acabava de ganhar uma sobrinha, a garotinha de sete anos raciocinou:

— Já sou tia com sete anos, será que com onze poderei ser vovó?



INDIVÍDUO BEM AJUSTADO É AQUELE QUE COMETE O MESMO ERRO DUAS VEZES SEM FICAR NERVOSO.

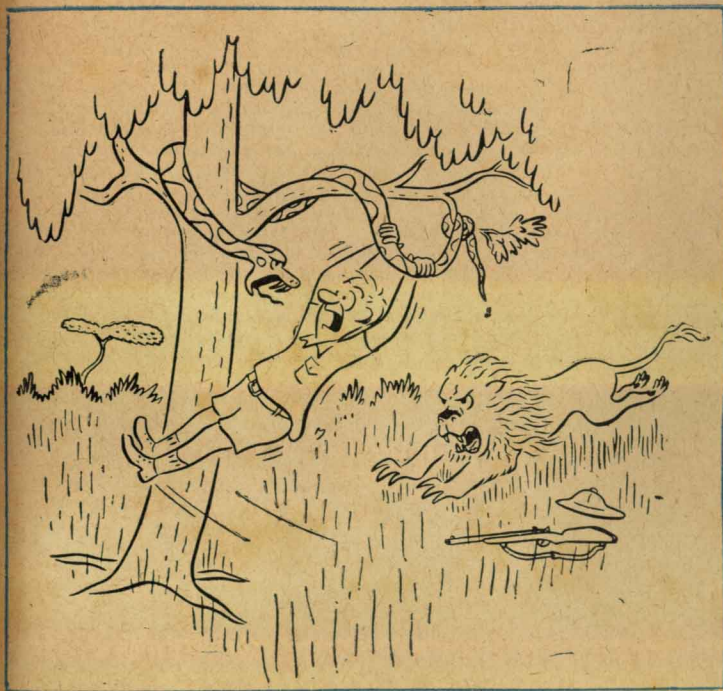
ÊLES E ELAS

POR que você nunca mais jogou dama com o Juca? — pergunta a espôsa ao marido.

— Você jogaria damas com alguém que trocasse as pedras e fizesse «marmelada» enquanto você estivesse distraída?

— Claro que não — foi a resposta.

— Nem o Juca, tampouco...



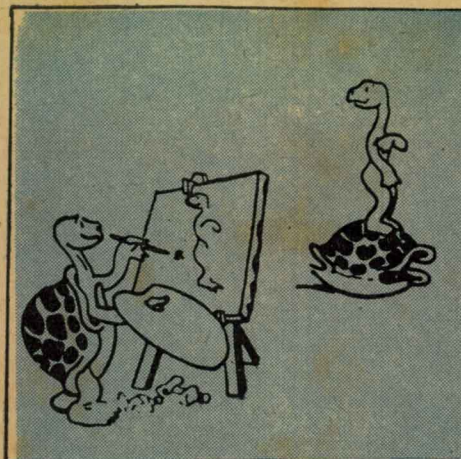
★ ★ ★

OMARIDO conversava com a espôsa enquanto selava algumas cartas e ia responder-lhe uma pergunta, quando parou repentinamente e exclamou:

— Puxa! Eu estava com ela na ponta da língua e deixei-a escapular.

— Não se preocupe — disse-lhe a mulher, pensando tratar-se de alguma palavra. — Ela volta...

— Volta nada — explicou o marido — era uma estampilha de 2 cruzeiros.



DEPOIS de se despedir afetuosamente de um homem que parte de trem, aquela jovem senhora põe-se a chorar copiosamente na estação.

— Foi alguém que é muito chegado que partiu? — interroga uma senhora idosa, com solicitude.

— Foi meu marido — responde a outra, entre soluços.

— Coitadinha! lamenta a velha. — E êle vai ficar fora muito tempo?

— Oh, não... Esta noite mesmo estará de volta — responde a jovem.

— E então — sorri satisfeita a velha — por que essa choradeira tôda, se vão ficar separados apenas algumas horas?

— E' justamente por isto — diz a outra redobrando o pranto.

COMITÊ É UM GRUPO DE PESSOAS QUE NADA PODEM FAZER INDIVIDUALMENTE E QUE, JUNTAS, DECIDEM QUE NADA PODE SER FEITO.

Companheiros
DE TODOS OS MOMENTOS



• Bons programas
• Melhores locutores
• A melhor música
nos céus de Minas



**rádio
MINAS**

**rádio
PAMPULHA**

Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Dep. Comercial
Edifício Acaíaca — 14º andar —
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —
Belo Horizonte
Representantes no Rio e São Paulo:
A. LEBRE PINTO - EMISSORAS S/C.
São Paulo: Rua Cons. Crispiniano, 379
— 10º andar — conj. 1001 — Fones
35-7854 e 36-2019.
Rio: Rua México, 111 — 11º andar —
S/1108 — Fone 22-1132.
Enderêço Telegráfico: LEBREPINTO



Domingo Azul

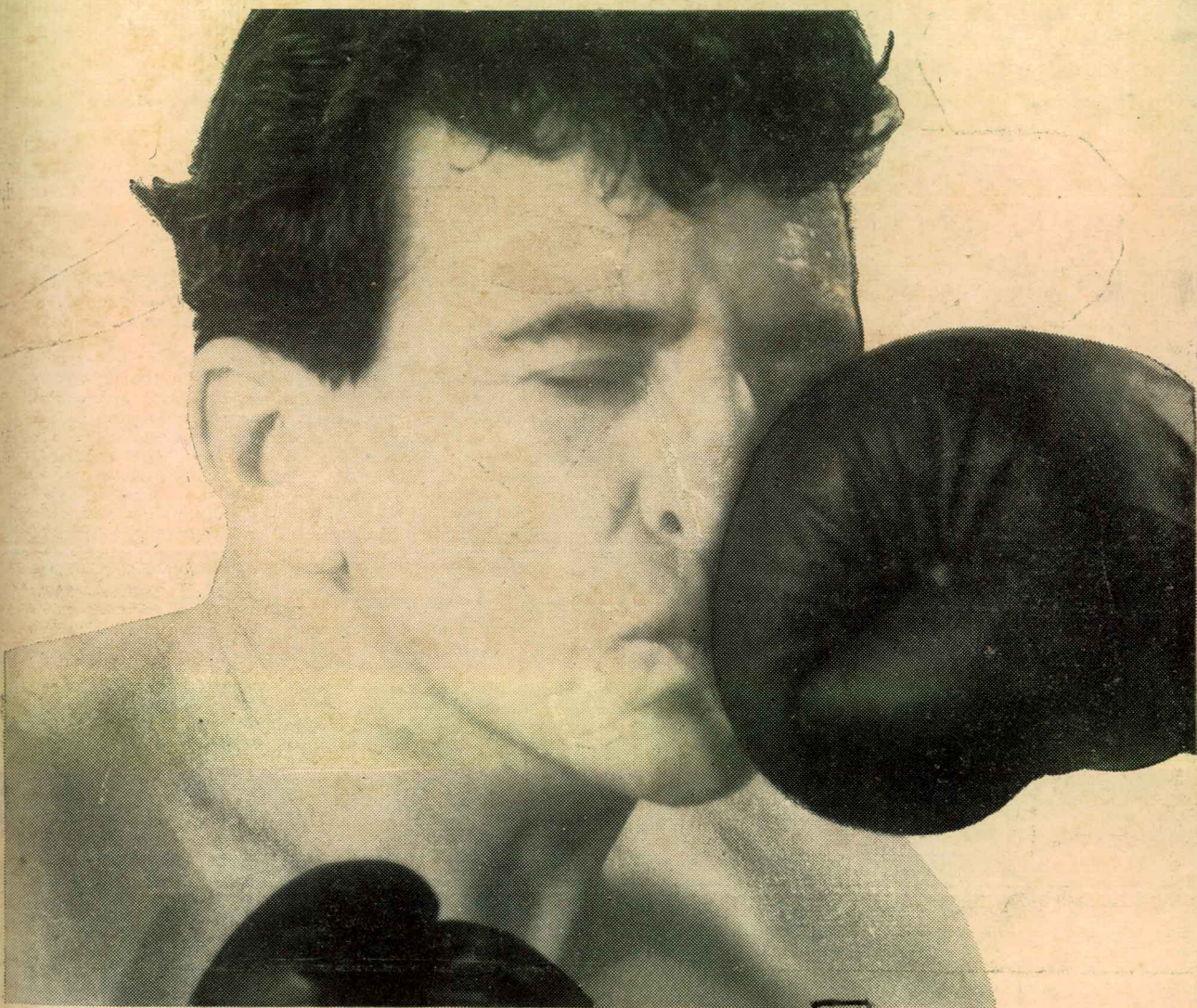
Cosette de Alencar

O DOMINGO é necessário. E vai-se fazendo cada vez mais necessário, porque equivale, agora mais do que nunca, a uma pausa. É certo que o esperamos mais ou menos conscientemente, a semana inteira, mas ainda assim, quando chega, apanha-nos desprevenidos. E se torna, não raro, uma agradável surpresa. Confessá-lo-ei? Sofro-lhe o fascínio desde os remotos tempos da infância: naquela época, sem bem saber a razão porque o fazia, achava-os azuis. Por que azuis? Nunca logrei descobri-lo. Até porque nunca tive suficiente noção de cores — e afora o prestígio sempre presente do verde, jamais distingi as outras tonalidades. Mas domingo, para mim, naqueles tempos, para sempre passados e perdidos, eram intervalos azuis. E continuam a sê-lo, ainda que, mesmo agora, não me seja possível definir com exatidão a razão da escolha. Talvez nem seja mesmo uma escolha deliberada. Talvez seja, antes, uma intuição mais ou menos adivinhada. Certo é que domingo, para mim, é algo azul — e diáfano. E inexprimível. Mais um estado de alma do que um programa de realizações recreativas. No fundo, significa uma permissão, ou antes, um convite à evasão. Delicioso convite. Hoje, sei que é um convite: quando menina, não o sabia, mas respondia inconscientemente ao apelo das horas vazias e mornas. Horas mansas, então, com hiatos longos de cadeira de balanço e livro de estampas na mão, estampas que mostravam bichos e paisagens estranhas, de nomes quase ilegíveis, mas que faziam sonhar. Até hoje, quando me lembro destas estampas, encontro-as em minha memória indissolúvelmente ligadas ao silêncio e à tranquilidade dominical da rua em repouso... A sombra pesada dos imensos ursos polares e dos colossais elefantes africanos emerge da placidez da varanda adormecida, naquele canto de cidadezinha interiorana em que um domingo era como um lago. Lago azul, achava eu. Ainda acho.

Só que agora dou nome ao sortilégio do dia pacífico, e sei que o mesmo procede, inteiramente, ou quase, da brusca ruptura de preceitos milenares e opressivos: come-se, aos domingos o pão adquirido com o suor dos outros dias da semana. Se não existissem outras razões, esta só seria bastante para justificar a graça do feriado semanal. Mas outras razões existem, mais fáceis de serem sentidas do que explicadas.

Ah, pela manhã, o dia estende-se largamente, como uma estrada banhada de sol, a convidar silenciosamente a fugas e devaneios. E o despertador, desligado, é uma potência destronada. Nem mesmo o cheiro do café fresco tem força atuante, como nas outras manhãs reguladas pelos inexoráveis ponteiros. O dia estende-se, à nossa frente, como uma estrada batida de sol e lavada de ventos: e desejos nascem, repentinos e imperiosos, nascidos sob o influxo ocioso de acenos vadios. Há um livro que se deseja ler, e cuja lembrança amável já vai tornando o despertar preguiçoso, dentro da manhã parada, como uma doce expectativa — ou, mesmo, há uns antigos jornais que precisam de ser arquivados, e que estão guardados na sombra fresca do quartinho dos fundos. Neste quartinho há uma velha cama, posta de lado, que serve de depósito para os colchões fora de uso: pensa-se, então, na possibilidade de se ir, depois do café, rever os velhos jornais confortavelmente instalados na cama antiga... Rer os velhos jornais, isto quer dizer também abrir os velhos jornais e por ali ficar, uma ou duas horas, a sonhar, a sonhar. Simplesmente a sonhar. Porque é aos domingos que ainda há tempo para sonhar — pensar em coisas, desejar coisas, prelibá-las... E possuí-las pelo espírito. Que é o melhor modo de possuir algo.

No quartinho dos fundos, onde há um relento de poeira e um indefinível cheiro de passado, o domingo torna-se de um azul profundo: a velha cama é galera que singra mares desconhecidos. Parte-se em viagem longa, sem roteiro nem programa: e as coisas que se sabe do mundo vêm à tona, alegre e risonhamente. Tudo é possível, e fácil, e bom. O sol bate lá fora, duramente, porque o sol dos domingos costuma ser radioso e sem piedade: mas o quartinho dos fundos dorme em silêncio e sombra — e nêle, o corpo estendido sobre a pilha de velhos colchões de paina e capim, cheirando a campo e a terra, a gente sai da estropiada humildade e fadiga de semana morta, e adquire uma certa majestade: doce, tranquila, amável, soberania dos domingos azuis, pausas ternas numa vida que, por que não o confessar?, vai se tornando prisão celular, cela de penitência, seqüestro e maldição.



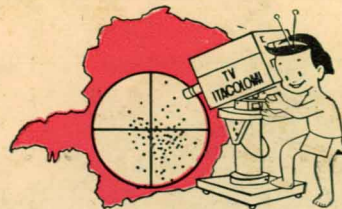
3 MILHÕES

A qualidade do som e da imagem da TV Itacolomi atinge uma região com 3.000.000 de consumidores!

O "close" sensacional de um pugilista colhido no rosto por violento sôco — a leveza espiritual dos passos de uma "ballerina"; a voz educada de um cantor de ópera — enfim, tãda a alta-fidelidade proporcionada pela aparelhagem ultramoderna dos estúdios do Canal 4 — chegam a 110 cidades mineiras com a mesma perfeição do som e da imagem recebidos em Belo Horizonte.

Essa riqueza técnica — que só a Itacolomi possui — inalterada em qualquer ponto do seu raio de ação, é o melhor recurso para o anunciante que quer ver sua mensagem reproduzida com nitidez absoluta em todo o mercado coberto pelo Canal 4!

* Audiência indivisível — seu anúncio não sofre fracionamento de mercado porque quem vê televisão em Minas vê apenas a Itacolomi! Os aparelhos estão permanentemente ligados na Canal 4 — e sômente nela!



TV ITACOLOMI
CANAL 4 - BELO HORIZONTE



CÔRES
BONITAS!
FAMÍLIA
FELIZ!

—lave suas roupas de **côr** com **NOVO OMO!**

— o moderno detergente — que lava mais e economiza mais!



NOVO OMO é diferente para lavar roupas de côr! O sabão contém gorduras; ao lavar, essas gorduras impregnam-se na roupa, formam uma "cortina" sobre as côres. Ora, côres só são vibrantes e bonitas quando podem receber diretamente os raios de luz e refleti-los. A "cortina" de sabão impede que isso aconteça. Mas com NOVO OMO é diferente! Este moderno detergente lava e sai da roupa: as côres ficam livres para receber a luz e refleti-la totalmente! Eis porquê NOVO OMO realça as côres! E mais: com NOVO OMO V. lava até 30 peças de roupa no mesmo mólho — economiza muito mais!

Não deixe que o
sabão comum esconda
as côres de suas
roupas! Lave com o
moderno detergente
NOVO OMO!



NOVO OMO dá brilho à brancura e dá vida às côres!